



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE - CAMPUS FORTALEZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

FRANCISCO DAS CHAGAS TORRES DE OLIVEIRA

MARCAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NAS
TRAJETÓRIAS DE VIDA DE EGRESSOS DO INSTITUTO FEDERAL DO
CEARÁ/CAMPUS FORTALEZA EVIDENCIADAS EM UM DOCUMENTÁRIO

FRANCISCO DAS CHAGAS TORRES DE OLIVEIRA

**MARCAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NAS
TRAJETÓRIAS DE VIDA DE EGRESSOS DO INSTITUTO FEDERAL DO
CEARÁ/CAMPUS FORTALEZA EVIDENCIADAS EM UM DOCUMENTÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - Linha de Pesquisa: Gestão e Organização do Espaço Pedagógico da Educação Profissional e Tecnológica/ Macroprojeto: Currículo Integrado na EPT, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Samuel Brasileiro Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48m Oliveira, Francisco das Chagas Torres de.
Marcas do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional nas trajetórias de vida de egressos do Instituto Federal do Ceará/Campus Fortaleza evidenciadas em um documentário / Francisco das Chagas Torres de Oliveira. - 2019.
139 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Samuel Brasileiro Filho.

1. Ensino Integrado. 2. Educação Profissional. 3. Egressos. 4. Formação Omnilateral. I. Título.

CDD 378.013

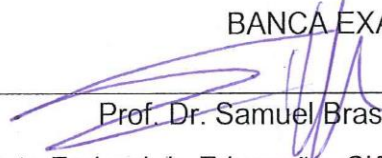
FRANCISCO DAS CHAGAS TORRES DE OLIVEIRA

**MARCAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NAS
TRAJETÓRIAS DE VIDA DE EGRESSOS DO INSTITUTO FEDERAL DO
CEARÁ/CAMPUS FORTALEZA EVIDENCIADAS EM UM DOCUMENTÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - Linha de Pesquisa: Gestão e Organização do Espaço Pedagógico da Educação Profissional e Tecnológica/ Macroprojeto: Currículo Integrado na EPT, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

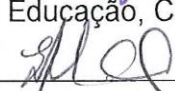
Aprovada em 07/06/2019

BANCA EXAMINADORA



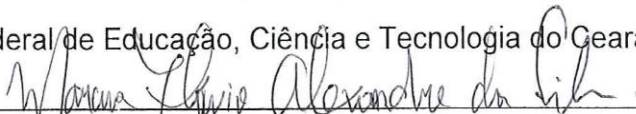
Prof. Dr. Samuel Brasileiro Filho (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)



Prof.ª Dr.ª Elenilce Gomes de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)



Prof. Dr. Marcus Flávio Alexandre da Silva

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)



**INSTITUTO
FEDERAL**
Ceará

INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ
Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**



PROFEPT
ANEXO PÓS-GRADUACÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL
Ceará

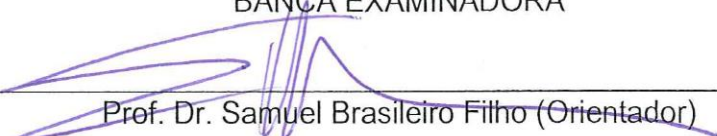
FRANCISCO DAS CHAGAS TORRES DE OLIVEIRA

MARCAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
(Documentário)

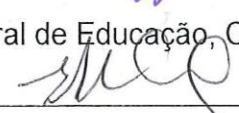
Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - Linha de Pesquisa: Gestão e Organização do Espaço Pedagógico da Educação Profissional e Tecnológica/ Macroprojeto: Currículo Integrado na EPT, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Produto educacional aprovado e validado em 07/06/2019

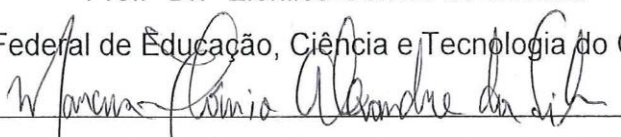
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Samuel Brasileiro Filho (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)


Prof.ª Dr.ª Elenilce Gomes de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)


Prof. Dr. Marcus Flávio Alexandre da Silva

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

A Deus, meu grande Pai, Amigo e Protetor, que em todas as fases dessa desafiadora trajetória acadêmica me concedeu inumeráveis auxílios para que eu fosse capaz de transpor os vários obstáculos que a mim se interpuseram.

À minha querida e inesquecível, Tia Balbina Torres, *in memoriam*.

À minha amada família, que sempre me apoiou em todas as minhas decisões, sobretudo a meus pais, Damião José de Oliveira e Raimunda Ribeiro Torres de Oliveira, minha inspiração permanente e maior orgulho.

Aos meus especiais amigos: Gleydson Nepomuceno, Arlindo Marques, Francisco Anailson, Márcio Franco, Yrayana Cardoso, Rozileide Silva, Antonia Maria Andrade, Nivaldo Lopes, Luciana Alves, Karinne de Castro, Larisse Moraes, Denise Raquel, Hawbert Rocha, Maria José Nascimento, Bruno Ferreira, Marcelo Armijos e Karine Oliveira, por compreenderem a necessidade dos meus afastamentos e pelo apoio incondicional dispensado.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Samuel Brasileiro Filho, meu estimado orientador, pela condução serena e sábia da minha pesquisa e pela autonomia e liberdade que me concedeu durante todo o percurso acadêmico que trilhamos juntos. Obrigado também por ter sido tão compreensível diante dos meus momentos de crise e de desânimo, respeitando sempre os meus tempos e limites pessoais.

Ao casal, Filipe Barbosa e Vitória Caldas, excelentes profissionais da Inverso Filmes que tive a sorte e o prazer de encontrar nesse percurso, sem os quais, dificilmente, o documentário oriundo da pesquisa desenvolvida teria alcançado um resultado tão bom.

A cada egresso participante da pesquisa realizada, à Diretoria de Ensino do *Campus* Fortaleza, à Coordenadoria de Controle Acadêmico – CAA, ao Setor de Multimeios e à Direção Geral do IFCE/*Campus* Fortaleza, pelas suas essenciais contribuições para o êxito deste trabalho.

À minha maravilhosa psicóloga e amiga, Patrícia Portelada, por tanto ter contribuído para que eu conseguisse ser bem-sucedido em mais esse projeto pessoal, sempre me convencendo de que eu seria capaz.

A todos os meus colegas da primeira turma do PROFEPT, especialmente aos queridos “não cartesianos”: Alan Cardoso, Amanda Coelho, Gabriella Rosa, Elaine Vieira, Katiana Macedo, Neuma Guedes, Marcelo Lopes e Sônia Pedroni, pelo companheirismo, pelos momentos de entretenimento compartilhados e todos os gestos solidários manifestados nesses dois anos de árdua batalha.

Aos meus saudosos ex-colegas de trabalho do Instituto Federal do Ceará - IFCE, Amsterdam Rodrigues, Amanda Coelho e Gessandra Lisboa, pela amizade e pela generosa flexibilização dos meus horários de trabalho para que eu pudesse atender às demandas do mestrado.

Aos estimados amigos e colegas de trabalho da Universidade Federal do Maranhão – UFMA: Magna Machado, Rosário Braga, Lucianna Teixeira, Célia Melo, João de Deus Mendes, Conceição Belfort, Elke Trindade, Manoel Barros e demais colegas da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil – PROAES, que em diferentes momentos da minha pesquisa, deram-me suas valiosas contribuições, cada um a seu modo. Muito obrigado por tudo!

“A educação é incapaz de mudar a sociedade desigual em que vivemos, ela é uma porta relevante para compreensão dos fundamentos da desigualdade e para a geração de uma nova institucionalidade no País”

(Maria Ciavatta, 2005)

RESUMO

O presente trabalho traduz os resultados de uma pesquisa realizada junto a egressos do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica – EMI ofertado pelo Instituto Federal do Ceará – IFCE/*Campus* Fortaleza, os quais concluíram os cursos técnicos integrados em Mecânica Industrial, Química e Telecomunicações, no período entre os anos de 2013 e 2018. Compreende, portanto, um estudo de caso, que contou com a utilização de métodos e técnicas de natureza quanti-qualitativa para a coleta e tratamento dos dados obtidos a partir da aplicação de um questionário online e da realização de entrevistas semiestruturadas. Considerando as reflexões de autores como Ciavatta (2005); Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005); Moura (2007); Moura e Lima Filho (2017); Kuenzer (2007); Ramos (2014); Saviani (2007); dentre outros, a pesquisa teve como objetivo principal evidenciar os sentidos que os egressos atribuem à formação que lhes foi ofertada pelo IFCE/*Campus* Fortaleza e a importância que esta assume para a melhoria de suas condições materiais de existência e para sua autorrealização. Os resultados encontrados evidenciaram que os egressos, em sua ampla maioria, percebem a formação recebida como muito importante para o delineamento de suas trajetórias profissionais e acadêmicas, constituindo-se um “divisor de águas” para a transformação de suas condições materiais de vida e para o seu desenvolvimento humano. Por outro lado, revelaram que eles avaliam negativamente o acompanhamento dos ex-alunos pela instituição de ensino que os formou, o que aponta para a necessidade de se formularem políticas institucionais que contribuam para o preenchimento dessa lacuna. Os resultados supramencionados foram consolidados na produção de um documentário, cujo conteúdo, acredita-se, pode constituir um relevante instrumento de defesa da proposta formativa do EMI e da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, diante dos ataques que vêm recorrentemente sofrendo, conforme denunciam os autores supracitados.

Palavras-chave: Ensino Integrado. Educação Profissional. Egressos. Formação Omnilateral.

ABSTRACT

This work translates the results of a survey conducted with graduates of the Integrated High School to Vocational and Technological Education - EMI offered by the Instituto Federal do Ceará - IFCE/Campus Fortaleza, which concluded the integrated technical courses in Industrial Mechanics, Chemistry and Telecommunications, in the period between 2013 and 2018. It comprises, therefore, a case study, which included the use of methods and techniques of quanti-qualitative nature for the collection and treatment of data obtained from the application of an online questionnaire and the conduct of semi-structured interviews. Considering the reflections of authors such as Ciavatta (2005); Frigotto, Ciavatta and Ramos (2005); Moura (2007); Moura and Lima Filho (2017); Kuenzer (2007); Ramos (2014); Saviani (2007); among others, the research aimed to highlight the meanings that graduates attribute to the training offered by the IFCE/Campus Fortaleza and the importance it assumes for the improvement of their material conditions of existence and for its self-realization. The results found showed that the graduates, in their vast majority, perceive the training received as very important for the design of their professional and academic trajectories, constituting a "water divisor" for the transformation of their material conditions of life and for their human development. On the other hand, they revealed that they evaluate negatively the monitoring of alumni by the educational institution that trained them, which points to the need to formulate institutional policies that contribute to filling this gap. The aforementioned results were consolidated in the production of a documentary, whose content, it is believed, may constitute a relevant instrument of defense of the formative proposal of the EMI and the Federal Network of Professional, Scientific and Technological Education, in the face of the attacks that they have been suffering repeatedly, as denounced by the authors mentioned above.

Keywords: Integrated education. Professional Education. Graduates. Omnilateral Training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 A DUALIDADE ESTRUTURAL EDUCACIONAL NO CONTEXTO DE DOMINAÇÃO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA.....	20
2.1 A concepção ontológica de trabalho em Karl Marx e sua relação com a educação.....	20
2.2 O dualismo do ensino na história da educação brasileira.....	23
3 O ENSINO MÉDIO INTEGRADO COMO ALTERNATIVA INTERMEDIÁRIA PARA O ALCANCE DE UMA FORMAÇÃO INTEGRAL E OS ENTRAVES POLÍTICO-ECONÔMICOS À CONSOLIDAÇÃO DE SUA OFERTA.....	39
3.1 O Ensino Médio Integrado à educação profissional como a melhor educação disponível aos filhos da classe trabalhadora brasileira.....	39
3.2 A relevância da pesquisa com egressos como forma de defesa e de validação social da proposta formativa do Ensino Médio Integrado.....	47
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS.....	52
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	55
5.1 Dados obtidos a partir da aplicação do questionário online.....	55
5.2 Dados levantados a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas.....	69
6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	89
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICES.....	105

LISTA DE SIGLAS

CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCA	– Coordenadoria de Controle Acadêmico
CEB	– Câmara de Educação Básica
CNE	– Conselho Nacional de Educação
EAFA	– Escola Agrotécnica Federal de Araguatins
EMI	– Ensino Médio Integrado
EPT	– Educação Profissional e Tecnológica
FMI	– Fundo Monetário Internacional
IFCE	– Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IFES	– Instituições Federais de Ensino
IFTO	– Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
LDBEN	– Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	– Ministério da Educação
PNE	– Plano Nacional de Educação
RFEPCT	– Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
TCLE	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Linha do Tempo da RFEPCT (primeira parte)	33
Quadro 2 – Linha do Tempo da RFEPCT (segunda parte).....	36
Quadro 3 – Ocupação atual do egresso e seu local de domicílio.....	57
Quadro 4 – Diferenciais do ensino do IFCE em relação ao de outras instituições..	65
Quadro 5 – Caracterização dos participantes da segunda etapa da pesquisa.....	73
Quadro 6 – Descrição das categorias de análise das entrevistas	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Grau de instrução do pai do egresso.....	58
Gráfico 2 – Grau de instrução da mãe do egresso.....	58
Gráfico 3 – Procedência do(s) suporte(s) financeiro(s) que contribuíram para a permanência no curso.....	60
Gráfico 4 – Participação do egresso em atividades para além da sala de aula.....	61
Gráfico 5 – Avaliação quanto à estrutura física do IFCE/ <i>Campus</i> Fortaleza.....	62
Gráfico 6 – Avaliação quanto ao preparo técnico-pedagógico dos professores.....	62
Gráfico 7 – Avaliação quanto à adequação das disciplinas em relação às demandas do mundo trabalho.....	63
Gráfico 8 – Avaliação quanto aos programas e bolsas de assistência estudantil disponibilizados.....	63
Gráfico 9 – Avaliação quanto ao acompanhamento institucional após a conclusão do curso.....	64
Gráfico 10 – Nível de aproximação entre a ocupação atual do egresso e a formação recebida no IFCE.....	65
Gráfico 11 – Grau de satisfação do egresso em relação à formação recebida no IFCE/ <i>Campus</i> Fortaleza.....	67
Gráfico 12 – Relação da graduação do egresso com o curso técnico concluído no IFCE/ <i>Campus</i> Fortaleza.....	68
Gráfico 13 – Grau de relevância atribuído à formação recebida no curso técnico integrado para a trajetória de vida e sucesso profissional do egresso.....	69

1 INTRODUÇÃO

No contexto mundial de dominação do modo de produção capitalista, o dualismo histórico do ensino tem sido uma constante e este expõe um de seus efeitos mais nocivos quando se constata que a uma pequena parcela da população, a detentora dos meios de produção, é oferecida uma formação intelectual, preparadora dos futuros dirigentes da sociedade, ao passo que ao restante dela, especificamente à classe trabalhadora, é concedida uma formação escolar limitada, focada em um ensino estritamente profissionalizante e direcionado, quase sempre, ao exercício do trabalho manual, acrítico, que destina os sujeitos a serem meros executores de tarefas de menor complexidade, negando-lhes o acesso aos conhecimentos que fundamentam suas atividades laborativas, bem como a uma formação mais ampla, que considere as dimensões política, ética, estética, afetiva, social, econômica de suas vidas.

Em se tratando da educação brasileira, especialmente no tocante ao campo da Educação Profissional, esse dualismo tem caracterizado toda a sua trajetória histórica, sobretudo, a partir da década de 70, período em que a luta por sua superação ganha contornos mais definidos, deixando claro que esse é um campo de grandes disputas de natureza econômico-político-ideológica, dentro do qual se ergueram vozes de pensadores educacionais progressistas que, norteados pelos ideais marxistas de emancipação humana e de superação do sistema capitalista, assumiram a defesa do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica – EPT (EMI) como a melhor educação a ser oferecida aos filhos da classe trabalhadora, dentro dos limites e possibilidades da realidade objetiva.

A partir das discussões engendradas no decorrer das últimas décadas por pesquisadores brasileiros da relação educação e trabalho (CIAVATTA, 2005; MOURA, 2007; BREMER E KUENZER, 2012; RAMOS, 2014; FRIGOTTO, CIAVATTA E RAMOS, 2005; dentre outros), tem se defendido a ideia, ainda que **não consensual**¹, de que o Ensino Médio Integrado à EPT seria o melhor modelo educativo de que se dispõe, ante o contexto de hegemonia do modo de produção

¹ Nosella (2016, p. 200) contrapõe-se à ideia de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional como travessia para o alcance de uma educação omnilateral, considerando-a uma abordagem reformista/conciliatória, isto é, de adequação à sociedade capitalista. O autor se posiciona a favor de uma abordagem revolucionária, a exemplo da proposta de escola média unitária de Gramsci.

capitalista na realidade brasileira, constituindo uma forma de travessia para uma educação omnilateral, em consonância com ideais marxiano/marxistas.

A despeito das dissonâncias ideológico-políticas existentes entre os pensadores progressistas do campo da educação profissional, e das disputas travadas em um cenário nacional cheio de contradições e fortemente dominado pela lógica capitalista, está o fato de que o Ensino Médio Integrado à EPT passou a ser uma realidade possível, assegurado por uma legislação (LDBEN, Diretrizes Curriculares Nacionais, Pareceres, Resoluções, etc.) que foi se consolidando no desenrolar de uma história de avanços e retrocessos.

Nesse sentido, entende-se que, apesar do cenário contraditório apresentado, não se pode desprezar as valiosas contribuições que a referida forma de oferta de ensino tem proporcionado a milhares de jovens, dando-lhes condições de alcançar melhores patamares de vida, ainda que dentro dos limites impostos pela sociedade de mercado na qual convivem. Inclusive, foi dessa percepção que se originou o interesse em pesquisar sobre a temática “Acompanhamento de Egressos do Ensino Médio Integrado”, bem como a curiosidade de saber quais as impressões que os ex-alunos carregam consigo acerca da formação oferecida no decorrer dos cursos pelos quais optaram.

A abordagem concernente à presente proposta investigativa, portanto, possui uma importância que, aparentemente, tem sido relativizada pelas instituições formadoras, mormente no que se refere à modalidade do Ensino Médio Integrado à EPT. Tal impressão advém do fato de que, ao se pesquisar sobre tal temática no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, por exemplo, poucas são as produções acadêmico-científicas encontradas, o que denota a grande lacuna existente nesse campo de pesquisa.

Além do mais, não são tantas as instituições de ensino que têm voltado sua escuta para o que o egresso tem a dizer sobre a formação que recebera, sendo este um demonstrativo de que não se tem dado a devida importância para o fundamental canal de interlocução entre a escola e o mundo do trabalho que essa escuta pode promover, cuja abrangência alcança, desde questões curriculares que influenciam as práticas educativas, até os macroprocessos da gestão institucional.

Tal constatação impõe a necessidade de se problematizar sobre o tipo de formação que tem sido oferecida aos jovens e sobre sua função social, isto é, a

escola tem conseguido ao menos se aproximar da oferta de uma educação que considere as várias dimensões de vida dos seus alunos, numa perspectiva de formação integral? Tem permitido a eles alcançarem melhores patamares de vida e de dignidade, ainda que permaneçam imersos em uma forma de sociabilidade que estimula continuamente a competição entre os seres humanos e tenta, a todo custo, limitar as suas capacidades intelectuais, estéticas e ético-morais?

A problemática em questão está relacionada, sobretudo, com as contradições entre uma concepção utópica de formação omnilateral, que visa à formação de um profissional completo, considerando-o em todas as suas dimensões, e a concepção de educação unilateral, polivalente, demandada pelo mercado de trabalho, com uma finalidade estritamente instrumental.

Tais contradições remetem a um questionamento central que diz respeito à seguinte pergunta: “sendo o Ensino Médio Integrado à educação técnica, no contexto brasileiro, uma modalidade educacional básica que possui aproximações com a concepção de formação omnilateral idealizada por Karl Marx, e sendo esta uma utopia cujo alcance aponta para a necessidade de superação do modo de produção capitalista, quais as suas reais contribuições para a vida daqueles que a ela tiveram acesso e precisam construir seus projetos de vida dentro das condições objetivas do contexto socioeconômico gerado e sustentado pelo referido modo de produção?

Nessa perspectiva, considerando-se que a Educação Profissional em sua relação intrínseca com o ensino médio tem sido um histórico campo de disputas conceituais e políticas, faz-se necessário retomar os principais conceitos que dão base à proposta de uma educação emancipadora e que forme homens e mulheres em suas várias dimensões (social, profissional, afetiva, ética, espiritual, etc.), como ideal difundido a partir do pensamento marxiano, o qual permanece bastante aplicável aos dias atuais, uma vez que o nível de exploração do ser humano e a geração de desigualdades sociais promovidas pelo sistema capitalista não param de se reproduzir dentro desse modelo societal marcado pela opressão do homem pelo homem, cujo produto principal é a injustiça.

É, portanto, nesse cenário de disputas entre as forças ideológicas conservadoras e progressistas, como resultado de um processo dialético, que a regulamentação da EPT foi sendo moldada e, em decorrência, apresenta-se repleta de contradições, a ponto dos interesses de tais forças ideológicas nela

coexistirem no plano legal, o que não significa que o mesmo ocorra no campo prático.

Além disso, é importante destacar que a expansão da oferta do Ensino Médio Integrado à educação profissional técnica situa-se na contraditória política de educação profissional e tecnológica promovida durante o Governo do Presidente Lula, sendo que tal avanço encontra-se ameaçado pela reforma do ensino médio, o que aponta para a necessidade de se opor uma maior resistência às políticas neoliberais² que têm sido impostas ao campo educacional, sob pena de se ver ainda mais inviabilizado o alcance de uma educação integral para a classe trabalhadora.

Como exemplo da tese central defendida neste trabalho, é oportuno registrar que a trajetória de vida de seu pesquisador proponente foi profundamente marcada pelo ensino que ora se constitui objeto de investigação, de modo que o mesmo carrega consigo a convicção acerca da relevância e do poder transformador que um ensino de qualidade possui para a vida de um indivíduo, possibilitando-lhe alcançar melhores níveis de desenvolvimento profissional e humano.

De origem social bastante humilde, filho de um casal de lavradores que formou uma família com oito filhos e enfrentou inúmeras adversidades socioeconômicas, o pesquisador, assim como seus sete irmãos, estudou todo seu ensino fundamental em escolas públicas da Rede Municipal de Educação da cidade de São Francisco do Brejão – MA, localizada a mais de 630 km da Capital do Estado do Maranhão, tendo como divisor de águas em sua vida a oportunidade de estudar na antiga Escola Agrotécnica Federal de Araguatins – EAFA (atual campus do Instituto Federal do Tocantins – IFTO), onde cursou o ensino médio e, simultaneamente, recebeu formação profissional de qualidade, o que lhe possibilitou traçar uma ascendente trajetória de vida pessoal e profissional.

Ao se fazer esse breve relato pessoal, almeja-se lançar um convite à reflexão sobre o papel social do Ensino Médio Integrado, reconhecendo-o e

²O ciclo neoliberal foi definido por um conteúdo ideológico fundado no individualismo e na competitividade que marcam a sociedade contemporânea. Tal ideário e a submissão às normas dos organismos financeiros representantes dos interesses do capital estrangeiro constituíram a base de um processo de sucateamento e privatização, a preço vil, de grande parte do patrimônio nacional, provocando a vulnerabilidade da economia brasileira (PACHECO, 2011, p. 5).

celebrando-o como uma conquista advinda das lutas sociais vinculadas ao campo ideológico-político progressista, sem perder de vista que, no movimento dialético da realidade, tal ensino está sob constante ameaça e precisa, portanto, ser defendido permanentemente.

Destarte, fica evidente que a pesquisa desenvolvida carrega no seu cerne um componente de engajamento político, na medida em que, por meio dela, buscou-se defender a ideia de que a luta pela manutenção e expansão (com qualidade!) da supramencionada forma de oferta de ensino é um dos mais importantes compromissos a serem assumidos por todos aqueles que pensam a Educação Profissional e Tecnológica e estão engajados na batalha ideológica e política pela qualidade e amplo alcance social de sua oferta. Acredita-se, portanto, que o produto desenvolvido possa trazer inspirações para que essa luta não se arrefeça.

Tomando como base o panorama histórico-político-conceitual brevemente apresentado, a pesquisa buscou, a partir do contato direto e indireto com egressos do Ensino Médio Integrado à EPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE/*Campus* Fortaleza (cursos de Mecânica Industrial, Química e Telecomunicações), levantar dados quantitativos e qualitativos sobre as trajetórias profissionais e formativas por eles seguidas, relacionando-as com suas respectivas formações técnicas e o seu desenvolvimento pessoal e social.

No plano de sua concepção, a pesquisa teve como objetivo geral averiguar a relevância social do Ensino Médio Integrado à EPT e, a partir da escuta de egressos oriundos de cursos técnicos que assumem essa forma de oferta de ensino, no Campus de Fortaleza/IFCE, produzir um documentário sobre as suas trajetórias de vida profissional e acadêmica, identificando os sentidos que eles atribuem à formação recebida e a importância dela para a melhoria de suas condições materiais de vida e para sua autorrealização.

Como desdobramento do objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos: 1. Mapear percursos profissionais/educativos dos egressos dos cursos técnicos integrados à EPT: Mecânica Industrial, Química e Telecomunicações/Campus de Fortaleza. 2. Identificar e analisar os discursos dos egressos, buscando evidenciar a importância e os sentidos que eles atribuem à formação recebida para o desenvolvimento de suas trajetórias de vida. 3. Produzir

um documentário sobre as trajetórias de vida e formação de egressos de cursos técnicos integrados à EPT do Campus de Fortaleza/IFCE.

A pesquisa constituiu-se um estudo de caso e desenvolveu-se em duas etapas, a saber: em um primeiro momento, sob uma ótica predominantemente quantitativa, aplicou-se um questionário online aos egressos dos três cursos escolhidos, por meio do qual se buscou mapear os percursos profissionais e educativos traçados após a conclusão do curso, bem como possibilitar uma melhor caracterização do público pesquisado e obter, deste, avaliações em diferentes perspectivas quanto à formação recebida. A segunda etapa, com enfoque qualitativo, compreendeu uma pesquisa de campo mediada pela realização de entrevistas semiestruturadas que subsidiaram a produção de um documentário sobre as histórias de vida de 06 (seis) egressos, cuja escolha foi viabilizada pela execução da primeira etapa.

Seus resultados são relatados no presente trabalho, estando este organizado em seis capítulos, sendo o primeiro deles uma apresentação panorâmica da pesquisa desenvolvida. O segundo e o terceiro capítulos englobam o referencial teórico que dá sustentação à investigação científica realizada; o quarto abrange a descrição acerca dos procedimentos metodológicos utilizados em cada etapa do percurso que conduziu aos resultados encontrados, os quais são apresentados e discutidos no quinto capítulo. Na sequência, o sexto capítulo faz a descrição do produto educacional resultante da pesquisa: um documentário sobre as trajetórias de vida profissional e de formação dos participantes da segunda etapa da pesquisa e, em seguida, são apresentadas as considerações finais.

Acredita-se, portanto, que o estudo realizado possui grande relevância para uma maior compreensão do papel do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional para a melhoria das condições socioeconômicas de vida daqueles que a essa forma de ensino tiveram acesso, bem como para instigar as instâncias administrativas/gestoras das muitas instituições ofertantes dessa forma específica de ensino a olharem com maior atenção para aqueles cuja voz e protagonismo nem sempre são considerados, mas que, com certeza, têm muito a contribuir com o aprimoramento do ensino e de ações de gestão pedagógica e administrativa: os seus egressos.

2 A DUALIDADE ESTRUTURAL EDUCACIONAL NO CONTEXTO DE DOMINAÇÃO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Neste capítulo far-se-á, sob o enfoque do materialismo dialético³, uma retomada histórica dos (des)caminhos que a educação brasileira, particularmente em sua vertente profissional, percorreu até a contemporaneidade, destacando os condicionantes político-econômicos a partir dos quais foram sendo desenvolvidos os modelos educacionais existentes na sociedade hodierna. Tal reflexão é de suma importância para a temática central deste trabalho, considerando-se que a discussão acerca do Ensino Médio Integrado não pode prescindir dos pressupostos sociais, políticos e econômicos presentes no contexto histórico contraditório do qual essa forma de ensino é oriunda.

2.1 A concepção ontológica de trabalho em Karl Marx e sua relação com a educação

A análise da relação trabalho e educação assume grande importância na obra de Karl Marx, dada a centralidade do trabalho para os processos de sociabilidade e sua intrínseca vinculação com todos os âmbitos da vida humana. Em Marx (2013) o trabalho é retratado como elemento constituinte e mediador da relação homem-natureza, possibilitando a satisfação das necessidades básicas dos seres humanos, processo mediante o qual o homem transforma a natureza e a si próprio, promovendo formas peculiares de sociabilidade:

³ Segundo o Dicionário do Pensamento Marxista, esse conceito está relacionado ao desenvolvimento das forças produtivas em virtude do antagonismo de classes, o que induz à compreensão de que o curso da história humana é delineado em consonância com esse antagonismo. Assim, considera-se que o desenvolvimento histórico não é resultante de uma lógica determinista, desconsiderando a teia de relações sociais, políticas e econômicas existentes em seu seio (BOTTOMORE, 1988, p. 411).

Nessa perspectiva, considera-se que “nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido, se focalizado isoladamente, sem conexão com os fenômenos que o cercam, pois todo fenômeno, tomado de qualquer campo da natureza, pode converter-se em um absurdo, se examinado sem conexão com as condições que o cercam, desligado delas; e pelo contrário, todo fenômeno pode ser compreendido e explicado, se examinado em sua conexão indissolúvel com os fenômenos circundantes e condicionado por eles”. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm>>. Acesso em: 02 maio 2019.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2013, p. 326-327).

Sendo assim, o trabalho constitui uma atividade dotada de intencionalidade, permitindo ao homem transpor os obstáculos naturais e intervir na natureza para adequá-la às suas necessidades básicas de sobrevivência, o que o distingue das demais espécies de animais existentes, cuja ação compreende uma resposta meramente adaptativa aos estímulos do ambiente natural circundante. Não obstante a sua centralidade na vida humana, enquanto categoria fundante/ontológica do ser do homem e de suas diferentes formas de sociabilidade, o trabalho vai assumindo novas formas de apresentação no movimento dialético presente no desdobramento da história, de acordo com o modo de produção ao qual esteja vinculado, o que repercute nos processos educativos, que acabam reproduzindo sua lógica e seus valores.

Sobre esse movimento histórico, Saviani (2007) lança um olhar analítico-crítico, relacionando a educação ao processo evolutivo das forças produtivas, no contexto dos vários modos de produção que foram sendo desenvolvidos. O autor segue a linha do pensamento marxiano acima exposto, destacando o diferencial que o homem possui em relação aos outros animais, uma vez que estes se adaptam à natureza, enquanto aquele necessita adaptar a natureza às suas demandas de sobrevivência e, em meio a sua ação, ele vai modificando-a e ajustando-a segundo as suas necessidades, sendo também transformado durante tal processo.

Prosseguindo com a sua análise, Saviani assevera que, no contexto das primeiras interações sociais, situadas no âmbito do modo de produção comunal, a educação era naturalmente atrelada à atividade laborativa, uma vez que o processo educativo se dava durante a própria ação de trabalhar, por meio da qual os homens educavam a si e aos demais e transmitiam aos seus descendentes os conhecimentos advindos de sua ação (trabalho) sobre a natureza. Portanto, não

havia a separação entre trabalho e educação; ambos formavam uma unidade.

Diríamos, pois, que no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações (SAVIANI, 2007, p. 154).

Entretanto, com o surgimento da propriedade privada, que dividiu os homens em classes, ocorre a separação entre educação e trabalho, evento histórico que possibilitou aos detentores dos bens produtivos estabelecerem uma relação de dominação sobre aqueles que detinham a força de trabalho, promovendo a alienação⁴ do homem em relação ao produto do seu trabalho, bem como aos fundamentos e técnicas de sua produção, processo que foi se intensificando, em cada modo de produção subsequente (escravista, feudal) até atingir seu estágio mais elevado com o advento e expansão em escala mundial do modo de produção capitalista, caracterizador da sociedade de mercado.

O desenvolvimento da produção conduziu à divisão do trabalho e, daí, à apropriação privada da terra, provocando a ruptura da unidade vigente nas comunidades primitivas. A apropriação privada da terra, então o principal meio de produção, gerou a divisão dos homens em classes. Configuram-se, em consequência, duas classes sociais fundamentais: a classe dos proprietários e a dos não-proprietários. Esse acontecimento é de suma importância na história da humanidade, tendo claros efeitos na própria compreensão ontológica do homem (SAVIANI, 2007, p. 155).

O autor acrescenta ainda o fato de que, historicamente, essa separação entre trabalho e educação foi assumindo novos contornos, gestando modelos de educação distintos, relacionados diretamente à divisão social do trabalho. Assim, com o advento do modo capitalista de produção, especialmente após a Revolução Industrial, no século XVIII, temos um sistema de educação marcado pelo dualismo, que separa a formação profissional da formação geral, esta oferecida aos filhos da classe dominante e aquela aos filhos da classe dominada, o que gerou um ciclo de desigualdades e injustiças sociais que se mantém na

⁴ A palavra é aqui utilizada em sua acepção genuinamente marxiana, no que se refere, preponderantemente, ao produto do trabalho do homem, no qual este não se reconhece, já que não o concebeu, planejou, tampouco pode dele usufruir. Ou seja: “ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma)” (BOTTOMORE, 1988, p.18).

atualidade e vem se agravando.

Constatamos, portanto, que o impacto da Revolução Industrial pôs em questão a separação entre instrução e trabalho produtivo, forçando a escola a ligar-se, de alguma maneira, ao mundo da produção. No entanto, a educação que a burguesia concebeu e realizou sobre a base do ensino primário comum não passou, nas suas formas mais avançadas, da divisão dos homens em dois grandes campos: aquele das profissões manuais para as quais se requeria uma formação prática limitada à execução de tarefas mais ou menos delimitadas, dispensando-se o domínio dos respectivos fundamentos teóricos; e aquele das profissões intelectuais para as quais se requeria domínio teórico amplo a fim de preparar as elites e representantes da classe dirigente para atuar nos diferentes setores da sociedade (SAVIANI, 2007, p.159)

É no contexto de expansão e consolidação desse modo de produção que, paradoxalmente, há uma reaproximação entre educação e trabalho, não alinhada à sua concepção ontológica/histórica, mas seguindo a determinação de uma lógica instrumental segundo a qual a preparação para o ingresso no mercado de trabalho se torna imprescindível, mormente o avanço das forças produtivas, potencializadas pelos avanços técnico-científicos fomentadores de um processo de complexificação que passa a exigir, necessariamente, uma mão de obra altamente qualificada para reprodução do capital e de sua consequente forma de organização societal.

A análise que Saviani faz sobre aspectos ontológico-históricos do trabalho em sua relação com a educação e sobre o processo de alienação ao qual o homem é submetido, sob os determinantes históricos de cada modo de produção (sobretudo os do sistema capitalista), possibilita um olhar para além das aparências dos fenômenos sociais, políticos e econômicos, destacando as contradições características da realidade em sua dinamicidade, onde a dualidade passa a ser elemento chave para sua interpretação, na medida em que, à luz do materialismo dialético se vislumbra a possibilidade de buscar a transformação dessa realidade, por meio de uma proposta contra-hegemônica, tendo em vista que o modo de produção atualmente dominante não pode ser tido como definitivo e insuperável.

2.2 O dualismo do ensino na história da educação brasileira

Considerando esses pressupostos teóricos e lançando um breve olhar para

a história da educação brasileira, especialmente a da Educação Profissional em sua relação com a Educação Básica, torna-se evidente quão dual tem sido essa relação. Segundo Moura (2007), a educação brasileira sempre foi marcada pela dualidade, estando situada dentro de uma dinâmica de confronto entre projetos sociais distintos, em meio ao qual a formação profissional sempre esteve atrelada às demandas do capital, com uma finalidade estritamente instrumental, cuja oferta se dirigiu, predominantemente, às classes populares. Já a educação geral, ou básica, como concebida na atualidade, sempre esteve associada aos interesses das elites e dos detentores dos meios de produção.

Corroborando o entendimento do autor supramencionado, Ramos (2014) faz uma relação direta entre a história do dualismo educacional do Brasil e a luta de classes no capitalismo, sendo aquela resultante desta. Ela afirma que a dualidade educacional está estreitamente vinculada à histórica luta de classes no contexto de hegemonia do capitalismo, o que justifica a permanente cisão entre uma educação destinada aos produtores da riqueza, a partir do uso de sua força de trabalho, e outra cuja destinação é dada às elites, isto é, àqueles que conduzem os rumos da sociedade, de acordo com seus interesses econômico-políticos.

Ainda de acordo Moura (2007), a dualidade que caracteriza a educação brasileira é estrutural e remonta às primeiras experiências de oferta de educação profissional no País, quando em 1809, D. João VI, ainda Príncipe Regente, cria o Colégio das Fábricas⁵, assumindo, desde os seus primórdios, um caráter assistencialista:

A educação profissional no Brasil tem, portanto, a sua origem dentro de uma perspectiva assistencialista com o objetivo de “amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte”, ou seja, de atender àqueles que não tinham condições sociais satisfatórias, para que não continuassem a praticar ações que estavam na contra-ordem dos bons costumes (MOURA, 2017, p. 6).

Os primeiros registros da oferta desse tipo de ensino têm, portanto, como referência histórica um contexto no qual as necessidades formativas dos filhos

⁵ O Colégio das Fábricas, regulamentado pelo decreto de 23 de março de 1809, permitiu que fábricas e manufaturas fossem estabelecidas livremente no Brasil. Nesse contexto, houve, por exemplo, o estabelecimento de um colégio destinado ao aprendizado das artes mecânicas, ocasião em que foram convocados alguns mestres para formarem trabalhadores capacitados para a instalação de atividades manufatureiras e a construção de novas máquinas, com o auxílio do Estado (ARQUIVO NACIONAL, 2016).

das elites estavam naturalmente asseguradas, com vistas à reprodução social dos interesses da classe dominante, ao passo que a classe dominada não detinha o mesmo direito, sendo-lhe negadas as mais elementares experiências formais de educação.

Essa compreensão também encontra respaldo nos estudos de Romanelli (1986), a qual corrobora o pensamento dos autores acima citados, manifestando igual entendimento de que a história da educação brasileira que é marcada pela dualidade, tendo em vista que a estrutura educacional presente no Brasil, nas diferentes fases de sua história, delineou-se em conformidade com a dualidade presente em sua organização social, cujas raízes denunciam sua vinculação a um passado marcado pela escravidão.

Tal constatação da autora conduz ao reconhecimento de que, historicamente, a escola assumiu papel determinante na manutenção dos privilégios de classes e no reforço das desigualdades, concedendo diferenciados níveis de acesso à cultura e ao saber, de modo a relegar às classes populares um ensino precário, ao mesmo tempo em que concedia às elites um ensino que lhes conferia prestígio social, mediante o acesso ao ensino superior.

Ao analisar a conformação do sistema educacional no contexto do período da I República, Romanelli assevera que:

Os fatores atuantes na organização e evolução do ensino, quais sejam o sistema econômico, a herança cultural, a demanda social de educação e o sistema de poder permaneceram durante o período que antecedeu a década de 20, integrados na formação de um complexo sócio-econômico-político-cultural que fez com que a educação ofertada à população brasileira correspondesse às reais exigências da sociedade então existente (ROMANELLI, 1986, p. 45).

Segundo sua análise, a autora destaca que as necessidades educacionais daquele contexto histórico estiveram diretamente relacionadas a uma característica peculiar de sua sociedade, na qual ainda não se vislumbrava grande urbanização e industrialização, justificando as baixas expectativas e demanda da população em relação a níveis mais elevados de educação. A seguir, elencam-se, de forma resumida, os fatores que Romanelli (1986, p. 45-46) atribui como desencadeadores desse quadro:

- a) pouca exigência da economia à escola em termos de demanda econômica de recursos humanos;

- b) herança cultural criada a partir da importação de modelos de pensamento provenientes da Europa;
- c) a estratificação dual da época colonial, cuja inclusão escolar favorecia predominantemente a aristocracia ociosa;
- d) a demanda social de educação voltada à manutenção de status (ainda que englobasse estratos médios urbanos) atrelada a um forte preconceito contra o trabalho que não fosse intelectual.

Todavia, conforme salienta a autora, à medida que um dos fatores supracitados passa a exigir novas respostas da escola, ocorre um desequilíbrio nesse complexo, gerando nele crises. A urbanização crescente impelida pelo avanço do desenvolvimento industrial constituiu-se em um fator crucial para que novas demandas educacionais fossem impostas à escola, a partir de classes sociais desprivilegiadas, forçando à expansão do sistema escolar.

A despeito do surgimento dessas novas demandas educacionais, no período pós Revolução de 1930, tem-se a configuração de uma realidade marcada pelo avanço das influências do modo capitalista de produção na economia e na política do País, ao mesmo tempo que se mantinha o caráter assistencialista da educação profissional e o elitista do ensino superior.

Nascida dentro desse contexto, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), portanto, também carrega em sua história a marca da dualidade, tendo sua conformação sido continuamente influenciada por fatores político-econômicos e, nesta esteira, é fundamental que se explicita o alcance de tais influências para o desenvolvimento da oferta de educação profissional no País, marcada por avanços e retrocessos decorrentes da lógica dual que caracterizou tal oferta de ensino, desde os seus primórdios.

Para que se compreenda melhor tais condicionantes, faz-se mister situar a história da RFEPECT no contexto maior relativo às mutações do mundo trabalho, vinculadas diretamente aos processos adaptativos do sistema capitalista. Assim, tomando como referência os estudos de Antunes (2009), Antunes e Alves (2004) e Kuenzer (2007), destacam-se duas fases importantes relacionadas a esses processos: a fase da acumulação rígida do capital, da qual o Fordismo e o Taylorismo⁶ são seus principais expoentes e tiveram grande predominância até a

⁶O taylorismo (método desenvolvido por Frederick Winslow Taylor/1856 – 1915) aperfeiçoou o processo de divisão técnica do trabalho, sendo que o conhecimento do processo produtivo era de

década de 70; e a fase da acumulação flexível do capital, representada pelo Toyotismo⁷, que se tornou referência para os processos produtivos, sobretudo a partir da década de 80.

A conjuntura da primeira fase, especialmente no âmbito da produção industrial automobilística, foi marcada pela predominância do operariado manual, fabril, especializado, estável, executor de tarefas repetitivas que não demandavam elevados graus de instrução. “Esse padrão produtivo estruturou-se com base no trabalho parcelar e fragmentado, na decomposição das tarefas, que reduzia a ação operária a um conjunto repetitivo de atividades cuja somatória resultava no trabalho coletivo produtor dos veículos” (ANTUNES, 2009, p. 39). Não obstante, havia a necessidade de profissionais para executares trabalhos de natureza intelectual, mas esta era direcionada aos filhos das elites, cujo acesso ao ensino superior era facilitado e tinha o papel de formar os dirigentes da sociedade, o que legitimava a divisão social do trabalho e reforçava as desigualdades entre classes sociais.

Fazendo referência a esse quadro histórico, Acácia Kuenzer, em artigo intitulado “**Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente**”, publicado em 2007 na Revista Educação & Sociedade, assevera que o papel da escola em relação à educação ofertada à classe trabalhadora acabava se conformando às demandas decorrentes da expansão dos setores industrial, comercial e de serviços, legitimando, portanto, a dualidade estrutural do ensino:

No Brasil, esta diferenciação correspondeu à oferta de escolas de formação profissional e escolas acadêmicas, que atendiam populações com diferentes origens de classe, expressando-se a dualidade de forma mais significativa no nível médio, restrito, na versão propedêutica, por

responsabilidade única do gerente, que também fiscalizava o tempo destinado a cada etapa da produção. Outra característica foi a padronização e a realização de atividades simples e repetitivas. Por sua vez, o fordismo (criado por Henry Ford (1863 – 1947), sua principal característica foi a introdução das linhas de montagem, na qual cada operário ficava em um determinado local realizando uma tarefa específica, enquanto o automóvel (produto fabricado) se deslocava pelo interior da fábrica em uma espécie de esteira. Com isso, as máquinas ditavam o ritmo do trabalho.

Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/taylorismo-fordismo.htm>. Acesso em: 05 abr. 2019.

⁷ Toyotismo é um sistema de organização voltado para a produção de mercadorias, criado pelo engenheiro japonês Taiichi Ohno, e que foi aplicado na fábrica da Toyota, cujas principais características estão relacionadas ao conceito de flexibilização dos processos produtivos, com vistas ao enxugamento da produção, otimização do tempo e à qualidade total em toda a cadeia produtiva.

Fonte: <https://www.suapesquisa.com/economia/toyotismo.htm>. Acesso em: 05 abr. 2019

longo período, aos que detinham condições materiais para cursar estudos em nível superior. A delimitação precisa das funções operacionais, técnicas, de gestão e de desenvolvimento de ciência e tecnologia, típicas das formas tayloristas/fordistas de organizar o trabalho, viabilizava a clara definição de trajetórias educativas diferenciadas que atendessem às necessidades de disciplinamento dos trabalhadores e dirigentes (KUENZER, 2007, p. 1157).

Ainda de acordo com a autora, nesse particular, a dualidade era assumida, diferentemente do que viria a ocorrer na fase da acumulação flexível do capital, como se verá mais adiante, quando se engendraram esforços para mascarar o dualismo estrutural da educação, embora a realidade objetiva denunciasses continuamente a contraditória nova imagem que se tentaria atribuir a essa velha dicotomia. Destarte, enquanto perdurou a fase da acumulação rígida do capital, tem-se uma realidade política, econômica e social que “se justificava” pelo próprio percurso da história brasileira, onde os privilégios e as diferenças entre classe tendiam a uma naturalização. Para fundamentar essa sua compreensão, Kuenzer recorre ao pensamento gramsciano, ao asseverar que:

Nitidamente separados o trabalho intelectual e a atividade prática no trabalho, não havia razão para a integração entre educação geral e educação profissional; estava, pois, justificada a diferenciação da oferta, a partir da dualidade estrutural no modo de produção capitalista. Para compreender esta diferenciação, a afirmação de Gramsci (1978), quando se refere ao caráter antidemocrático da escola tradicional, que, ao fazer corresponder a cada classe social um tipo de escola, perpetua o privilégio do exercício de funções intelectuais e diretivas, caracteriza bem a relação entre trabalho e educação no regime de acumulação rígida (KUENZER, 2007, p. 1157).

Na cena histórica descrita, portanto, promoveu-se uma espécie de naturalização do dualismo educacional e da divisão social do trabalho, validando as desigualdades e injustiças sociais, ainda que a classe trabalhadora tenha resistido como pôde às opressões que sofrera. Todavia, a partir dos anos 70, vê-se o esgotamento do modelo de acumulação rígido, ante a uma crise estrutural do capital⁸, a partir da qual se adentra no período da acumulação flexível do capital, como já salientado anteriormente.

⁸ Corresponde a um evento histórico decorrente do esgotamento do padrão de acumulação rígido do capital, representado pelo binômio “Taylorismo/Fordismo”, e da consequente diminuição nas margens de lucro empresariais, o que forçou o sistema capitalista a uma reestruturação adaptativa frente às novas condições sociais, políticas e econômicas que se apresentaram, a partir da década de 70, sobretudo (ANTUNES, 2009).

Nessa nova fase de desenvolvimento do capitalismo circunscrito à realidade brasileira, tem-se o agravamento da dualidade estrutural do ensino e, embora esta se apresente sob a falácia da inclusão produtiva, promoveu o aprofundamento do abismo social pré-existente, por meio da precarização e desregulamentação das relações de trabalho, gerando grande perda de direitos e aumentando os níveis de desemprego, subemprego e de exploração, conforme denunciam Antunes e Alves (2004) em artigo intitulado “As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital”. Segundo tais autores:

Com a retração do binômio taylorismo/fordismo, vem ocorrendo uma redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado, herdeiro da era da indústria verticalizada de tipo taylorista e fordista. Esse proletariado vem diminuindo com a reestruturação produtiva do capital, dando lugar a formas mais desregulamentadas de trabalho, reduzindo fortemente o conjunto de trabalhadores estáveis que se estruturavam por meio de empregos formais (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 336).

Nessa compreensão está contida a tese de que, em decorrência da reestruturação produtiva ocorrida no seio do modo capitalista de produção, por meio da qual houve a mudança da forma de acumulação rígida para a forma de acumulação flexível, a classe trabalhadora passou a sofrer recorrentes e sistemáticas mutações em seu desfavor, às quais apresentam subjacentes a si os seguintes fatores:

- a) redução de trabalhadores formais estáveis;
- b) aumento do novo proletariado fabril e de serviços, em modalidades de terceirização, trabalho precarizado, sem direitos, sem estabilidade, em tempo parcial;
- c) aumento significativo do trabalho feminino, em tempo parcial, precarizado, desregulamentado;
- d) expansão dos assalariados médios no setor de serviços;
- e) exclusão dos jovens no mercado de trabalho;
- f) exclusão dos trabalhadores considerados idosos pelo capital (40 anos);
- g) expansão do Terceiro Setor;
- h) expansão do trabalho em domicílio;
- i) contexto do capitalismo mundializado resultante da transnacionalização do capital e de seu sistema.

Da conjugação dos fatores elencados pelos autores supramencionados nasce, portanto, uma classe trabalhadora bastante heterogênea e diversificada, de modo que grande parte dela é empurrada para informalidade, a trabalhos precarizados e, cada vez mais, desprovidos de garantias de direitos. Ao mesmo tempo, tal conjuntura econômica exige dos trabalhadores níveis de qualificação profissional cada vez mais elevados, ao contrário do que ocorria na fase de acumulação rígida do capital, como já abordado anteriormente. No entanto, a aquisição de bons níveis de qualificação profissional não constitui garantia de empregos, tendo em vista a realidade objetiva condicionada pelo desemprego estrutural⁹ gestado no bojo dessa nova configuração econômica.

A partir desses apontamentos explicitadores do panorama mais amplo, em meio ao qual se situa a dicotomia educacional até aqui discutida, retoma-se a reflexão de Kuenzer (2007) relacionada à negação da dualidade estrutural da educação, no cenário em que se apresenta o modo de acumulação flexível do capital. Nessa esteira, é importante sublinhar que, a despeito de todas as formas de precarização do trabalho descritas, essa nova forma de acumulação apresenta como solução para o problema do dualismo do ensino aquilo que se convencionou chamar de “Pedagogia das Competências”¹⁰, por meio da qual a escola passa a assumir um papel mais abrangente no processo de qualificação do trabalhadores, sendo esta demanda oriunda das próprias necessidades de adaptação do modo de produção capitalista, visando a manutenção da sua margem de lucro.

Dentro desse novo formato educacional, ainda de acordo com Acácia

⁹ O desemprego estrutural é aquele gerado pela introdução de novas tecnologias ou de sistemas e processos voltados para a redução de custos. Estes novos elementos afetam os setores da economia de um país (indústria, comércio e serviços), causando demissão, geralmente, em grande quantidade. Como exemplo de suas principais causas podem ser citadas: a implantação de robôs no processo de produção industrial, a instalação de caixas eletrônicos em agências bancárias e a informatização em empresas e órgãos públicos, visando diminuir os processos burocráticos, dentre outros. Fonte: <https://www.suapesquisa.com/economia/desemprego_estrutural.htm>. Acesso em: 07 abr. 2019.

¹⁰ A pedagogia das competências advoga uma maior maximização das ações, o que significa negar o domínio de conhecimentos compreendidos em sua totalidade por aqueles que contribuam para resolução dos problemas imediatos de que o mercado demanda (formar um profissional flexível para se adequar às demandas do mercado de trabalho. Além disso, promove a supremacia do individualismo sobre ações coletivas, impondo entre os trabalhadores a busca de melhorias de qualidade de vida pelo esforço próprio, enfraquecendo, como isso, as lutas de classe, atenuando, em favor do capital, os conflitos entre dominantes e dominados (ARAÚJO; RODRIGUES, 2010).

Kuenzer, é demandada a formação de um profissional flexível ou multitarefa, que deve adquirir habilidades e competências que lhe tornem capaz de se adaptar às exigências cada vez maiores do mercado de trabalho, o qual, contraditoriamente, não dispõe de oportunidades de emprego para todos como consequência do desemprego estrutural por ele próprio criado. Assim, a autora prossegue com o desenvolvimento sua tese:

Ser multitarefa, neste caso, significa a capacidade de adaptar-se a múltiplas situações complexas e diferenciadas, que demandam o desenvolvimento de competências cognitivas mais sofisticadas que permitam a solução de problemas com rapidez, originalidade e confiabilidade. Para tanto, há que assegurar formação avançada, que articule as dimensões geral e específica (KUENZER, 2007, p. 1170).

Para a referida autora, o oferecimento de uma educação mais abrangente, sob a aparente unificação entre formação geral e específica, não resolve o problema da dualidade estrutural do ensino, uma vez que ela é inerente à própria natureza do modo de capitalista de produção, que busca se reinventar periodicamente antes as crises que enfrenta, aprimorando suas estratégias de exploração com vistas à ampliação da margem de lucro, via estimulação do consumo desenfreado e insustentável. Nesse sentido, Kuenzer destaca que a educação não tem o condão para promover, por si só, a superação de tal dicotomia estrutural e histórica, de modo que a solução do problema passa pela superação do modo de produção capitalista e instauração de uma nova forma de organização econômica, social e política. Reforçando essa compreensão, ela discorre:

[...] a superação da dualidade não é uma questão a ser resolvida através da educação, mediante novas formas de articulação entre o geral e o específico, entre teoria e prática, entre disciplinaridade e transdisciplinaridade; ou mediante uma nova concepção de competência que tenha impacto nas políticas e programas de formação de professores. A dualidade só será superada se superada for a contradição entre a propriedade dos meios de produção e da força de trabalho (KUENZER, 2007, p. 1162).

Por outro lado, a citada autora pontua que, embora a educação não detenha o poder de superação do dualismo estrutural do ensino, em meio as contradições decorrentes da própria essência do capitalismo e em consonância como o movimento dialético condutor da história, ao possibilitar à classe trabalhadora o acesso a níveis mais elevados de educação e qualificação,

segundo seus interesses mercantis, o capital abre caminhos para a ação contra-hegemônica, uma vez que:

A acumulação flexível, ao demandar o estreitamento das relações entre trabalho intelectual e operacional, aproximando ciência, cultura e trabalho a partir da crescente intelectualização das atividades laborais, ao mesmo tempo que aprofunda e sofisticada as estratégias de exploração, produz o seu contrário. Mesmo com todos os limites impostos pela sua condição burguesa, são os processos educativos os responsáveis pela elevação da prática ao nível do pensamento, ou, dito de outro modo, são os processos educativos que fazem a mediação entre a teoria e a prática. Assim, oferecer possibilidades de acesso em níveis cada vez mais ampliados a um número cada vez maior de trabalhadores tem consequências, uma vez que não há como controlar a energia liberada através da produção e circulação do conhecimento e da capacidade de análise crítica que este gera (KUENZER, 2007, p. 1175).

A partir desse pressuposto importante, portanto, podem ser vislumbrados caminhos alternativos para a confrontação do problema da dualidade aqui discutido, ainda que a realidade objetiva nas esferas social, política e econômica evidencie um quadro de acentuada exploração da classe trabalhadora e um horizonte de incertezas. Como já se pontuou anteriormente neste trabalho, a história segue um fluxo dialético em meio ao qual ocorre uma contínua correlação de forças capaz de promover avanços ou retrocessos nas políticas socioeconômicas e, nessa perspectiva, não se pode considerar a educação apenas em sua face instrumental de alienação das massas e de reprodução dos interesses da classe dominante; ela também constitui um espaço de resistência e de formação crítica que tem uma grande contribuição para sedimentar as bases de uma sociedade melhor, a partir da oferta de uma formação de qualidade, gratuita, laica e socialmente comprometida, como defende Moura (2007).

Em concordância com a posição desse relevante autor, assume-se, neste trabalho, a perspectiva de que “uma possibilidade para os filhos da classe trabalhadora é a tentativa de ingresso em uma das instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, instituições que historicamente atuam com referência nos vários componentes que constituem a formação integral” (MOURA, 2007, p. 21), embora se tenha consciência de que, apesar de toda a expansão que esta teve no decorrer de pouco mais de um século de existência, sua abrangência nacional ainda alcança uma pequena parcela populacional.

Destarte, considerando a importância da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT) para a oferta de uma educação de referência para o País e antes de se introduzir a discussão central do presente trabalho, considera-se oportuno apresentar, ainda que de forma resumida, o percurso histórico de seu desenvolvimento. Assim, por meio dos Quadros 1 e 2, a seguir, destacam-se os principais acontecimentos que impactaram a história dessa Rede, evidenciando seus pontos de avanços e inflexões.

Considerando os dois grandes contextos econômicos subjacentes a essa trajetória histórica (explicitados anteriormente) e suas influências específicas no campo da educação, optou-se por fazer apresentação da Linha do Tempo da RFEPECT a partir de dois quadros: o primeiro, destacando os eventos históricos que impactaram a história da Educação Profissional e Tecnológica, ocorridos sob égide do modo de acumulação rígido do capital; e o segundo, destacando os marcos históricos dessa forma de oferta educacional ocorridos sob as condicionantes do modo de acumulação flexível do capital.

Nessa perspectiva, o Quadro 1 traz os principais acontecimentos/marcos legais da história da RFEPECT, situados no intervalo temporal que vai de 1909 a 1978, enquanto o Quadro 2 traz registros históricos importantes do período compreendido entre os anos de 1980 a 2014, conforme informações disponibilizadas no Portal da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

Quadro 1 – Linha do Tempo da RFEPECT - Primeira parte: contexto da acumulação rígida do capital

Ano/Período	Acontecimentos/Marcos legais
1909	O presidente Nilo Peçanha assina o Decreto 7.566 em 23 de setembro, criando inicialmente 19 Escolas de Aprendizes subordinadas ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio.
1927	O Congresso Nacional sanciona o Projeto de Fidéris Reis, que prevê o oferecimento obrigatório do ensino profissional no país.
1930	É criado o Ministério da Educação e Saúde Pública que passa a supervisionar as Escolas de Aprendizes e Artífices, através da Inspetoria do Ensino Profissional Técnico.
1937	Promulgada a nova Constituição Brasileira que trata pela primeira vez do ensino técnico, profissional e industrial é assinada a Lei 378, que transforma as Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus Industriais, destinados ao ensino profissional de todos os ramos e graus.

1941	Vigora uma série de leis, conhecidas como a “ Reforma Capanema ”, que remodelam todo o ensino no país. Os principais pontos: - o ensino profissional passa a ser considerado de nível médio; - o ingresso nas escolas industriais passa a depender de exames de admissão; - os cursos são divididos em dois níveis: curso básico industrial, artesanal, de aprendizagem e de mestria, e o segundo, curso técnico industrial.
1942	O Decreto 4.127, de 25 de fevereiro, transforma os Liceus Industriais em Escolas Industriais e Técnicas , passando a oferecer formação profissional em nível equivalente ao do secundário.
1944	A participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Mundial e o consequente empréstimo financeiro dos Estados Unidos ao Brasil no Governo Getúlio Vargas impulsionam a industrialização brasileira.
1956 – 1961	O governo de Juscelino Kubitschek marca o aprofundamento da relação entre Estado e economia. O objetivo é formar profissionais orientados para as metas de desenvolvimento do País.
1959	As Escolas Industriais e Técnicas são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais , com autonomia didática e de gestão.
1961	O ensino profissional é equiparado ao ensino acadêmico com a promulgação da Lei 4.024, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O período é marcado por profundas mudanças na política de educação profissional.
1967	O Decreto 60.731 transfere do Ministério da Agricultura para o Ministério da Educação e Cultura as Fazendas Modelos, que passam a funcionar como escolas agrícolas .
1971	A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira torna técnico-profissional todo currículo do segundo grau compulsoriamente . Um novo paradigma se estabelece: formar técnicos sob o regime da urgência.
1978	A Lei 6.545 transforma três Escolas Técnicas Federais (Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro) em Centros Federais de Educação Tecnológica .

Informações extraídas de: <http://redefederal.mec.gov.br/images/pdf/linha_tempo_11042016.pdf>
(organização do pesquisador)

Com base nos estudos de Ramos (2014) e Romanelli (1986) e nas informações constantes no Quadro 1, verifica-se a progressiva mudança do enfoque assistencialista da Educação Profissional, no contexto de uma sociedade predominantemente agrária, para um viés de instrumentalização voltado ao atendimento das novas demandas econômicas que vão se apresentando, sobretudo a partir de 1930, quando o cenário socioeconômico passa a contemplar um cenário de maior urbanização, em decorrência da industrialização que refletia as influências capitalistas nos processos produtivos brasileiros.

Destaque-se também o processo gradual de metamorfose da configuração da RFEPCT que, de Escola de Aprendizes e Artífices, converte-se em Liceus Industriais, com a Lei 378/1937, estes sendo transformados em Escolas Industriais e Técnicas, por meio do Decreto 4.127/1942, os quais, por sua vez, tornar-se-iam autarquias denominadas Escolas Técnicas Federais, em 1959, e, mais adiante, parte delas vindo a se tornar Centros Federais de Educação

Tecnológica (Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro), a partir da Lei 6.545/1978.

Outros acontecimentos a serem destacados referem-se a duas leis que trouxeram avanços e retrocessos de acordo com o período específico em que foram promulgadas: no caso da Lei 4.024/61 (considerada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB), essa tornou equivalente o ensino profissional ao colegial, no que concerne ao prosseguimento de estudos em nível superior, conforme discutido por Bezerra (2013) e por Moura (2007). Assim, “de tal modo, tanto os estudantes provenientes do colegial como os do ensino profissional poderiam dar continuidade de estudos no ensino superior. Este fato colocava, formalmente, um fim na dualidade de ensino.” (MOURA, 2007, p. 11). No entanto, o autor faz a ressalva de que o fim da dualidade era meramente formal, uma vez que os filhos das elites permaneciam tendo acesso a um currículo voltado para o acesso ao ensino superior, no âmbito das escolas privadas, enquanto os filhos da classe trabalhadora se contentavam com o currículo deficiente oferecido nas escolas públicas, que não era capaz de promover seu acesso a referido nível de ensino.

Por sua vez, a Lei nº 5.692/71 (Lei da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus) torna técnico-profissional todo currículo do segundo grau, compulsoriamente. Moura (2007) também salienta aspectos controversos dessa lei que, em relação à anterior, teve o mérito de acabar com a necessidade de exames de admissão para ingresso no ginásio (etapa subsequente ao ensino primário), que eram uma barreira à elevação do grau de escolaridade dos mais pobres. Contudo, em relação à compulsoriedade de oferta do ensino profissional imposta pela lei em questão, tem-se a contradição relacionada ao fato de que, na prática, suas influências atingiram somente as escolas de rede pública, uma vez que as escolas privadas prosseguiram ofertando preponderantemente o ensino preparatório para o ensino superior. Some-se a isso problemas de ordem curricular e estrutural trazidos para o âmbito das escolas estaduais, havendo um empobrecimento da formação geral em prol da profissionalização para ingresso no mercado de trabalho.

Na sequência, por meio do Quadro 2, apresenta-se o resumo da história da RFEPCT, situada na conjuntura de predominância da forma de acumulação flexível do capital:

Quadro 2 – Linha do Tempo da RFEPC – Segunda parte: contexto da acumulação flexível do capital

Ano/Período	Acontecimentos/Marcos legais
1980 -1990	A globalização, nova configuração da economia mundial, também atinge o Brasil. O cenário é de profundas e polêmicas mudanças: a intensificação da aplicação da tecnologia se associa a uma nova configuração dos processos de produção.
1994	A Lei 8.948, de 8 de dezembro: - institui o Sistema Nacional de Educação Tecnológica, transformando, gradativamente, as ETFs e as EAFs em CEFETs; - a expansão da oferta da educação profissional somente ocorrerá em parceria com Estados, Municípios e Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não governamentais, que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino.
1996	Em 20 de novembro, a Lei 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB) dispõe sobre a Educação Profissional num capítulo próprio.
1997	O Decreto 2.208 regulamenta a educação profissional e cria o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP).
1999	Retoma-se o processo de transformação das Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets).
2004	O Decreto 5.154 permite a integração do ensino técnico de nível médio ao ensino médio.
2005	Institui-se, pela Lei 11.195, que a expansão da oferta da educação profissional preferencialmente ocorrerá em parceria com Estados, Municípios e Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não governamentais; Lançada a primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal, com a construção de 60 novas unidades de ensino pelo Governo Federal. O Cefet Paraná passa a ser Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
2006	O Decreto 5.773 trata sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. É instituído, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos. É lançado o Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia.
2007	Lançada a segunda fase do Plano de Expansão da Rede Federal. Até 2010 serão 354 unidades. O Decreto 6.302 institui o Programa Brasil Profissionalizado. É lançado o Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos.
2008	Articulação para criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.
2009	Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.
2003 –2010	Entrega de 214 novas unidades da Rede Federal.
2011	Por meio da Lei 12.513 cria-se o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)/Lançamento do Guia Pronatec de cursos FIC.
2011–2014	Com a entrega de 208 novas unidades, a Rede Federal atinge a marca de 562 unidades em atividade no País.

Informações extraídas de: http://redefederal.mec.gov.br/images/pdf/linha_tempo_11042016.pdf
(organização do pesquisador)

O panorama histórico trazido pelo Quadro 2, como se vê, inicia-se dentro do movimento de redemocratização do Brasil que desemboca na promulgação da

Constituição de 1988, evidenciando a configuração de um momento histórico marcado por grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, associadas ao processo de globalização e à reestruturação produtiva que a crise estrutural do capital desencadeou, promovendo a introdução do modo de acumulação flexível aos processos de produção, conforme explicitado supra.

Tem-se também, nessa conjuntura, a definição de importantes marcos legais, a exemplo da Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB (Lei 9.394/96), aprovada em um cenário de grandes tensões políticas, como descreve Moura (2007), no qual ocorreram muitos embates entre forças progressistas e conservadoras engajadas na luta pela implantação de dois projetos distintos de sociedade e de desenvolvimento, resultando em uma LDB cheia de contradições, cujo teor tentava conciliar os interesses de ambas as partes conflitantes (educação pública versus privada), mas manteve o problema da dualidade do ensino, a partir de seu texto ambíguo, conforme assevera o autor, ao comentar sobre o texto da referida Lei:

Por outro lado, no Artigo 40 - Capítulo III -, está estabelecido que “a educação profissional será desenvolvida **em articulação com o ensino regular** ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho.” (grifo nosso)
Cabe ressaltar que essa redação não é inocente e desinteressada. Ao contrário, objetiva consolidar a separação entre o ensino médio e a educação profissional, o que já era objeto do Projeto de Lei de iniciativa do poder executivo – governo FHC - que ficou conhecido como o PL 1603, o qual tramitava no Congresso Nacional, em 1996, anteriormente à aprovação e promulgação da própria LDB (MOURA, 2007, p. 16).

Além da LDB de 1996, outras duas legislações importantes marcaram o período em análise: o Decreto 2.208/97 pelo qual se impossibilitou (explicitamente) a articulação do ensino médio à educação profissional, e o Decreto 5.154/2004, que a tornou possível novamente, ainda que com um texto tão contraditório quanto o da LDB. É, portanto, em torno dessa possibilidade de integração entre formação geral e formação profissional que irá se desenvolver a discussão a ser realizada no capítulo seguinte.

Diante do quadro histórico que se buscou apresentar neste capítulo, torna-se evidente que a dualidade da educação não é um fato circunscrito a um período histórico isolado; ela perpassa toda a história da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), de modo que, na atualidade,

continua sendo um dos maiores desafios a serem enfrentados, com vistas à qualificação da oferta de ensino profissional e tecnológico brasileiro e a uma formação integral aos filhos da classe trabalhadora. Destarte, levando-se em consideração que no decorrer de pouco mais de um século, dialeticamente¹¹, foram travadas inúmeras lutas políticas pela superação desse dualismo, cujas influências se verificam no contraditório conjunto de leis fomentadoras das principais reformas educacionais ocorridas nesse ínterim, o que se pode esperar da atual conjuntura?

¹¹ O termo é empregado no sentido da dialética marxista, sob sua acepção de “movimento relacional”, isto é, cuja ocorrência situa-se no confronto de forças político-econômico-sociais impactando no curso da história humana (BOTTOMORE, 1988).

3 O ENSINO MÉDIO INTEGRADO COMO ALTERNATIVA INTERMEDIÁRIA PARA O ALCANCE DE UMA FORMAÇÃO INTEGRAL E OS ENTRAVES POLÍTICO-ECONÔMICOS À CONSOLIDAÇÃO DE SUA OFERTA

Em consonância com a contextualização histórica apresentada no capítulo anterior, buscar-se-á aqui discutir sobre o papel do Ensino Médio Integrado como caminho alternativo de aproximação do ideal de uma educação integral, ainda que dentro da conformação imposta pela sociedade de mercado, na qual os processos educativos acontecem, e diante de todos os obstáculos político-econômico-ideológicos que limitam o seu alcance.

Na sequência, refletir-se-á sobre a relevância da pesquisa com egressos que tiveram acesso à referida forma de oferta de ensino, tanto na perspectiva de seu acompanhamento pelas instituições de ensino, quanto na de que esse tipo de investigação científica oferece a possibilidade de validação de tal proposta formativa, podendo assumir, ao mesmo tempo, a posição de defesa de sua manutenção, com qualidade e responsabilidade social, ante os recorrentes e sistemáticos ataques que ela continua sofrendo.

3.1 O Ensino Médio Integrado à Educação Profissional como a melhor educação disponível aos filhos da classe trabalhadora brasileira

Inicialmente, partindo de uma abordagem mais ampla, é importante destacar que ideal filosófico marxiano de uma educação omnilateral compreende uma formação que considere o ser humano em sua integralidade, correspondendo, portanto, ao desenvolvimento do homem em todas as suas dimensões, de modo a superar o problema da dualidade instituída pela divisão social do trabalho, a qual remonta ao advento da propriedade privada, como já discutido no início deste trabalho. Segundo o filólogo Alighieri Manacorda, estudioso das obras de Marx:

A divisão do trabalho condiciona a divisão da sociedade em classes e, com ela, a divisão do homem; e como esta se torna verdadeiramente tal apenas quando se apresenta como divisão entre trabalho manual e trabalho mental, assim as duas dimensões do homem dividido, cada uma das quais unilateral, são essencialmente as do trabalhador manual, operário, e as do intelectual (MANACORDA, 2007, p. 77).

Nessa perspectiva, o alcance de uma educação omnilateral está inevitavelmente condicionado à superação da divisão social de classes gerada pela divisão do trabalho, mediante uma ação popular revolucionária, capaz de suplantar o modelo societal capitalista e instituir um novo modelo de sociedade que não se baseie na luta de classe e na exploração econômica, como destaca o filósofo marxista Louis Althusser (1918-1990), ao fazer sua “Advertência aos leitores do Livro I d’O capital”, comentando aspectos-chave da obra de Marx:

Ele desmonta os mecanismos de exploração pelo desenvolvimento da produtividade em suas formas concretas. Demonstra, assim, que o desenvolvimento da produtividade nunca pode beneficiar espontaneamente a classe operária, mas, ao contrário, é feito precisamente para aumentar sua exploração. Demonstra, assim, de maneira irrefutável, que a classe operária não pode esperar nenhum benefício do desenvolvimento da produtividade moderna antes de derrubar o capitalismo e tomar o poder de Estado através de uma revolução socialista (MARX, 2013, p. 69).

No entanto, ainda que se comungue desse ideal marxiano, não se pode ignorar que seu alcance está atrelado à ideia de consciência de classe¹², pois, como bem destacado por Althusser em seu comentário inicial à obra de Marx, a ação revolucionária deverá partir da classe operária (ou classe trabalhadora / classe que vive do trabalho, usando uma linguagem mais atual), sem desconsiderar as condições objetivas da realidade, sobretudo no que concerne à relação imbricada estabelecida entre fatores políticos e econômicos e suas influências na conformação da realidade social, como advertido por Mészáros (2011) em seu livro “Para além do capital”.

Seguindo a linha do pensamento desse relevante autor, principalmente quando assevera que “hoje, é maior do que nunca a necessidade de chegar a bons termos com a experiência histórica e o legado da Revolução Russa, examinando suas contradições em perspectiva e à luz dos fatos desenrolados no século XX” (MÉSZÁROS, 2011, p. 73), fica evidente o imperativo a se aprender com os processos históricos de desmoronamento das “sociedades de socialismo realmente existente”, antes de qualquer tentativa de projeção de um futuro “para

¹² O termo relaciona-se diretamente à ideia de luta de Classes, isto é, uma luta política, sendo as Classes algo que se situa no nível político da vida social; é só a este nível que os indivíduos que compõem uma Classe reconhecem, de fato, a comunidade dos seus interesses e do seu destino, e se tornam conscientes da diversidade fundamental e do antagonismo irreduzível desses interesses, em confronto com os da Classe oposta. (BOBBIO, 1998, p. 172).

além do capital”.

Tomando como referência esses apontamentos iniciais e os contextualizando com o movimento histórico de conformação da realidade brasileira social, política, econômica e educacional, como se discutiu no capítulo anterior, têm-se um cenário de profundo distanciamento do ideal marxiano concernente a uma educação omnilateral, mormente diante do contexto hodierno, marcado fortemente pelas consequências da reestruturação produtiva do capital, pelo intensificado processo de globalização e pelas políticas neoliberais que avançam sobre os países latino-americanos (ANTUNES, 2009). Diante desse quadro, é oportuno reintroduzir as reflexões de Kuenzer (2007) discutidas anteriormente, neste trabalho, no tocante ao papel da educação para a transformação da realidade, levando-se em conta que “mesmo com todos os limites impostos pela sua condição burguesa, são os processos educativos os responsáveis pela elevação da prática ao nível do pensamento”.

Ressalte-se que a proposição de uma via intermediária educacional não abdica dos ideais revolucionários defendidos por Marx e seus seguidores, ainda que conflite com o pensamento de Nosella (2015), especialmente o de Mészáros (2008, p. 27) segundo o qual “é necessário *romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”, partindo da ideia de que seria contraditória buscar uma transformação social aceitável a partir de mudanças corretivas dentro das fronteiras do próprio sistema capitalista, cuja essência é promotora de exploração e desigualdades. Considerar um projeto intermediário de educação, portanto, como pondera Moura (2007), diz respeito ao reconhecimento das condições objetivas da realidade hodierna, que não permitem uma mudança para uma outra lógica societal, isenta das condicionantes oriundas do modo de produção capitalista.

Por esse viés, acredita-se ser possível pensar em uma educação compromissada com a formação dos jovens em diferentes aspectos: intelectuais, ético-morais, estéticos, políticos e profissionais, dando-lhes, assim, condições de analisar criticamente o contexto social no qual estão inseridos, de terem autonomia para trilhar outros percursos formativos para além da educação básica e profissional, além de despertá-los para o engajamento com as causas políticas e sociais em prol da transformação contínua da realidade circundante, sem deixar de rumar ao ideal maior de superação do modelo societal orientado pela lógica

capitalista.

Nessa perspectiva, alguns estudiosos da relação entre educação e trabalho, a exemplo de Moura (2007); Bremer e Kuenzer (2012), Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), dentre outros, advogam ser o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional uma proposta formativa alternativa a ser promovida e defendida, tendo em vista ser essa a melhor educação a ser oferecida aos jovens brasileiros, dentro das circunstâncias concretas da conjuntura social, política e econômica que se impõem. Tal entendimento foi sendo construído em meio aos avanços e retrocessos registrados no desenvolvimento da história da legislação educacional brasileira, como resultado do embate das forças ideológicas progressistas contra as conservadoras, estas vinculadas ao poder político-econômico dominante; ele, destarte, está assentado no seguinte pressuposto:

[...] ensino médio integrado é aquele possível e necessário em uma realidade conjunturalmente desfavorável - em que os filhos dos trabalhadores precisam obter uma profissão ainda no nível médio, não podendo adiar este projeto para o nível superior de ensino - mas que potencialize mudanças para, superando-se essa conjuntura, constituir-se em uma educação que contenha elementos de uma sociedade justa (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005, p. 44).

O fato é que, na atualidade, o Brasil possui uma legislação educacional (LDBEN, diretrizes e resoluções do MEC/CNE) que permite, paradoxalmente, a coexistência do ensino integrado e não integrado, ainda que se saiba que a implementação do primeiro não seja do interesse da maior parte dos governantes e dos organismos financeiros internacionais que interferem nas decisões políticas e econômicas do país (FMI – O Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial, sobretudo), o que não tem impedido que o mesmo continue a ser ofertado regularmente pelas instituições de ensino vinculadas à Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (apesar da falta de investimentos e de formação docente adequados e tantas outras dificuldades que essas instituições enfrentam).

Um exemplo dessa possibilidade refere-se ao já citado o Decreto 5.154/2004, que tornou possível novamente a integração do ensino médio ao ensino profissionalizante, mediante a revogação do Decreto 2.208/97, que não permitia tal articulação. Segundo Ramos (2014, p. 81), o primeiro decreto buscou “restabelecer os princípios norteadores de uma política de educação profissional

articulada com a educação básica, tanto como um direito das pessoas quanto como uma necessidade do país”. Em síntese, de acordo com a autora, com a publicação, em 2004, do decreto em questão, buscou-se pensar a organização da educação profissional sob uma ótica sistêmica, envolvendo a ação colaborativa de estados e municípios, os quais deveriam assumir papéis estratégicos no processo de viabilização dessa forma de oferta de ensino.

Consoante a essa compreensão, Bremer e Kuenzer (2012), ao comentarem sobre a importância da instituição do referido decreto e da legislação que dele derivara, reconhecem o seu papel para uma reaproximação, embora marcada pelas inúmeras contradições já aqui discutidas, dos ideais de uma educação omnilateral:

Trazendo essa argumentação para a realidade das proposições para o Ensino Médio Integrado na vigência Decreto 5.154/04 e da Lei 11.741/08 reafirma-se a importância dessa legislação ao trazer para o cenário atual os princípios fundamentados em Marx, Engels e Gramsci para a formação omnilateral dos sujeitos, através da oferta de uma formação profissional que incorpora em sua concepção o trabalho como princípio educativo, a união entre ensino, trabalho produtivo e cultura (politecnia), para que seja possível dar continuidade à identificação de estratégias de formação humana necessárias para a reapropriação do domínio teórico-prático do trabalho pelos alunos da escola pública (BREMER; KUENZER, 2012, p. 7).

Ainda no plano legal, como consequência da legislação supramencionada, Resolução nº 6/2012 - CNE-CEB, que Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, em seu Artigo 3º, disciplina que “A Educação Profissional Técnica de Nível Médio é desenvolvida nas formas articulada e subsequente ao ensino médio, podendo a primeira ser integrada ou concomitante a essa etapa da Educação Básica”. Adiante, na alínea “a”, do item I do Artigo 7º, a mesma resolução explicita a Educação Profissional Técnica de Nível Médio desenvolvida nas formas articulada/integrada, a ser ofertada “somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, com matrícula única na mesma instituição, de modo a conduzir o estudante à habilitação profissional técnica de nível médio ao mesmo tempo em que conclui a última etapa da Educação Básica”.

Em termos conceituais, a proposta de integração do ensino médio à educação profissional é subsidiada, filosoficamente, pela compreensão de que ela reflete, sobretudo, uma concepção de formação humana, a partir da qual os

processos formativos devem considerar a integralidade, isto é, as diferentes dimensões do ser humano, as quais envolvem o trabalho, a ciência e a cultura (Ramos, 2014). Nas palavras da autora, eis o significado de cada uma dessas dimensões:

O trabalho compreendido como realização humana inerente ao ser (sentido ontológico) e como prática econômica (sentido histórico associado ao modo de produção); a ciência compreendida como os conhecimentos produzidos pela humanidade que possibilita o contraditório avanço das forças produtivas; e a cultura, que corresponde aos valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade (RAMOS, 2014, 87).

Entretanto, há que se considerar o que Bezerra (2013) pontua sobre essa integração no âmbito da legislação supramencionada, ao questionar a contraditória oferta de ensino integrado e não integrado, a partir de um mesmo dispositivo legal, o que denuncia a manutenção da dualidade do ensino, embora sob uma aparência atenuada. Nesse sentido, assevera a autora:

Se olharmos na perspectiva da incorporação do discurso acadêmico pelo discurso oficial, ou seja, do almejado pelo prescrito, afirmaremos que no que tange ao EMI, apesar da roupagem de integralização entre formação humana integral com a formação profissionalizante de suas políticas curriculares, o Estado pouco tem contribuído para tornar o horizonte da educação politécnica, ou seja, o EMI, uma realidade (BEZERRA, 2013, p. 114).

Destarte, ante tudo que se discutiu até aqui, fica claro que, embora atualmente se disponha de algum amparo e “incentivo” legal para a oferta do Ensino Médio Integrado à EPT, há diversas condicionantes de ordem política e econômica que interferem na implementação dessa proposta formativa, sendo uma das mais preocupantes a seguinte: o recrudescimento das políticas neoliberais, orientadoras das decisões do Governo Federal brasileiro atual, fato que constitui uma grande ameaça à manutenção dessa forma de oferta de ensino e lança sobre as instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e todos os defensores de uma educação integral, pública e de qualidade o reincidente desafio de se lutar, não somente para que sua oferta seja mantida, mas, sobretudo, para que esta continue o seu processo de expansão, tendo em vista a existência de um público potencial gigantesco a ser alcançado. Não por acaso, o Plano Nacional de Educação (2014

– 2024) estabeleceu a audaciosa Meta 11, pela qual propõe “triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% da expansão no segmento público” (BRASIL, 2015, p. 187).

Contraditoriamente à supramencionada meta, a aprovação pelo Congresso Nacional da Emenda Constitucional 95/2016, que impõe o congelamento dos gastos dos investimentos públicos por 20 anos, aponta para um cenário de impossibilidade de seu alcance, bem como o de outras tantas outras grandes metas do referido Plano, as quais sinalizam para a necessidade de aumento de investimentos públicos para sua consecução. Tal observação aparece em artigo publicado na revista eletrônica “Universidade e Sociedade”, com o título “Os ataques aos Institutos Federais: a restauração neoliberal radical no governo Temer”, onde San Segundo e Martins (2018) fazem o seguinte alerta:

Com a Emenda Constitucional 95/2016 (EC 95), que congela os investimentos públicos pelos próximos vinte anos, as preocupações aumentam muito, pois consequências nefastas prejudicarão o bom funcionamento dos IFs. Precarização das condições de trabalho, sucateamento físico de prédios, laboratórios e outras estruturas importantes; estrangulamento salarial com todas as suas consequências, associado à supressão de direitos [...] (SAN SEGUNDO; MARTINS, 2018, p. 147).

Uma outra preocupação é manifestada por Moura e Lima Filho (2017), quando analisam minuciosamente a Reforma do Ensino Médio, cujos mecanismos regulatórios estão expressos na Lei 13.415/2017. Os autores entendem tal ação política como um retrocesso, na medida em que ocasiona uma regressão de direitos à classe trabalhadora, acentuando ainda mais o dualismo educacional. Julgam-na como um golpe aos menos favorecidos, os quais foram alcançados nas duas últimas décadas pelas políticas inclusivas dos governos Lula e Dilma (apesar das limitações e contradições que as marcaram).

No que concerne às justificativas apresentadas pelo governo federal para a Reforma do Ensino Médio, os autores supracitados as veem como uma crítica rasa à sua suposta falta de eficiência e de flexibilidade, correspondendo, na verdade, a uma tentativa de ataque e fragilização das redes estaduais e a rede federal ofertantes dessa etapa do ensino, ocultando os verdadeiros problemas a serem combatidos:

[...] Ao centrar o foco na organização curricular, negligencia a questão central, que afeta a educação básica (EB) pública do País. A falta de infraestrutura que garanta o funcionamento qualificado das escolas públicas, destacando-se: ausência de instalações físicas adequadas, bibliotecas, laboratórios, espaços para a prática esportiva e de atividades artístico-culturais; inexistência de quadro de professores e demais trabalhadores da educação contratados por concurso público; planos de carreiras e de formação, salários dignos e condições de trabalho adequadas. Essas questões não são objeto da reforma. Logo, não se discutem as precárias condições de funcionamento das escolas e a absoluta necessidade de sua superação, indispensáveis à universalização da educação pública com qualidade socialmente referenciada (MOURA; LIMA FILHO, 2017, p. 119).

É inegável que as instituições que compõem a RFEPCT, em toda a sua trajetória de existência vêm engendrando esforços para ofertar um ensino integrado de qualidade, socialmente referenciado e promotor da emancipação humana, tendo conseguido promover grandes êxitos estudantis e transformações sociais nas vidas daqueles que esse ensino é capaz de alcançar. Todavia, o discurso oficial do governo tenta minimizar tais conquistas e demonstra estar bastante empenhado em retirar mais esse direito da classe trabalhadora menos favorecida, como denunciaram em seu artigo Moura e Lima Filho (2017):

Ao fazer política de terra arrasada sobre o EM público, o discurso oficial omite experiências positivas, em particular no ensino médio integrado à educação profissional (EMI) realizado em inúmeras escolas estaduais e na rede pública federal (Cefet, Institutos Federais, escolas vinculadas às universidades federais, Colégio Pedro II e UTFPR). Tais escolas se destacam em qualidade porque, dentre outras razões, reúnem o que em linhas anteriores denominamos condições de funcionamento necessárias, aliadas à concepção de formação humana integral, com a integração entre ciência, tecnologia, cultura e trabalho como eixos norteadores do currículo (MOURA; LIMA FILHO, 2017, p. 120).

Pelo exposto, mostra-se gritante a necessidade de defesa da RFEPCT ante os ataques que vem sistematicamente sofrendo, sobretudo diante do quadro político que vem se desenhando no plano federal, a partir do novo governo iniciado em janeiro de 2019, cujas ações, ainda que não se saiba ao certo até que ponto poderão prejudicar a referida Rede e a sua oferta de Ensino Médio Integrado à EPT, receia-se que poderão ser bastante agressivas, uma vez que tal governo é assumidamente de viés liberal, havendo na história brasileira bastantes exemplos dos estragos que uma política dessa natureza é capaz de realizar no campo da educação, bem como em outras áreas igualmente importantes.

3.2 A relevância da pesquisa com egressos como forma de defesa e de validação social da proposta formativa do Ensino Médio Integrado

A análise da conjuntura apresentada aponta para a necessidade de que as instituições ofertantes do Ensino Médio Integrado à EPT abracem a luta em favor da manutenção de sua oferta e de sua expansão e consolidação como política educacional de interesse nacional. Uma das formas de elas contribuírem para isso, supõe-se, poderia advir da promoção da aproximação com os seus egressos, considerados em sua relevância para estabelecimento de um maior contato com a sociedade, à medida que sejam visualizados como divulgadores e defensores do ensino de qualidade e transformador que tiveram a oportunidade de receber.

Corroborando esse entendimento, o relatório da Pesquisa Nacional de Egressos dos cursos técnicos de nível médio da RFEPECT, desenvolvida pela SETEC/MEC, em 2009, faz a seguinte consideração sobre a importância da escuta dos egressos pelas instituições formadoras:

Neste sentido, os egressos das instituições de ensino se revelam como atores potencializadores de articulação com a sociedade, fonte de informações que possibilita retratar a forma como a sociedade em geral, percebe e avalia estas instituições, tanto do ponto de vista do processo educacional, como também do nível de interação que se concretiza. Portanto, é fundamental que as instituições de ensino estabeleçam um canal de comunicação com este segmento (BRASIL, 2009, p.14).

Sob esse prisma, a pesquisa com egressos da referida Rede oportuniza uma visão ampliada quanto às repercussões de sua atuação na vida daqueles que por ela são acolhidos, viabilizando assim uma maior legitimação do importante trabalho que presta à sociedade brasileira. Nesse particular, é igualmente oportuno destacar a atuação profícua dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, os quais na visão de Pacheco (2011), constituem:

[...] a síntese daquilo que de melhor a Rede Federal construiu ao longo de sua história e das políticas de educação profissional e tecnológica do governo federal. São caracterizados pela ousadia e inovação necessárias a uma política e a um conceito que pretendem antecipar aqui e agora as bases de uma escola contemporânea do futuro e comprometida com uma sociedade radicalmente democrática e socialmente justa (PACHECO, 2011, p. 12).

Ao externar essa compreensão, o autor demonstra ser um entusiasta da

proposta formativa que a RFECT abarca e reconhece a criação dos institutos federais como uma das políticas de Estado mais acertadas da história EPT, como espaço ofertante de múltiplas possibilidades de ensino qualificado, gratuito, laico e socialmente referenciado. Seguindo sua linha de pensamento, sem desconsiderar os desafios decorrentes do modelo societal que vigora no País, marcado pelas contradições problematizadas nos capítulos anteriores, entende que tal proposta educacional:

Trata-se de um projeto progressista que entende a educação como compromisso de transformação e de enriquecimento de conhecimentos objetivos capazes de modificar a vida social e de atribuir-lhe maior sentido e alcance no conjunto da experiência humana, proposta incompatível com uma visão conservadora de sociedade. Trata-se, portanto, de uma estratégia de ação política e de transformação social (PACHECO, 2011, p. 17).

No âmbito específico do Estado do Ceará, a RFECT é representada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), instituição criada nos termos da Lei. N.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008, com sede em Fortaleza e com vários *campi* espalhados nas diferentes regiões do Ceará. Conforme informações disponibilizadas em seu sítio eletrônico¹³, seu atual Plano de Desenvolvimento Institucional (2019/2023) destaca como sendo a sua missão “Produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando à sua total inserção social, política, cultural e ética.”, sendo norteado pelos seguintes valores: “compromisso ético com responsabilidade social, o respeito, a transparência, a excelência e a determinação em suas ações, em consonância com os preceitos básicos de cidadania e humanismo, com liberdade de expressão, com os sentimentos de solidariedade, com a cultura da inovação e com ideias fixas na sustentabilidade ambiental.”.

De acordo com os dados disponibilizados na plataforma IFCE em Números¹⁴ (referentes ao período letivo de 2018.2¹⁵), sua estrutura contava com 32 *campi* nos quais eram ofertados 361 cursos de diferentes níveis e modalidade

¹³ Informações disponíveis em: <https://ifce.edu.br/acesso-a-informacao/Institucional/missao-visao-e-valores>

¹⁴ Dados obtidos por meio do site: <http://ifceemnumeros.ifce.edu.br>

¹⁵ A última atualização dos dados, que são extraídos do sistema acadêmico do IFCE, ocorreu em 20/10/2018, às 23:32:04 (consulta realizada em 07/04/2019).

de ensino (básico, técnico, graduação e pós-graduação), alcançando um total de 25.589 matrículas ativas.

Tomando como referência os cursos técnicos integrados oferecidos pelo Campus Fortaleza, lócus da pesquisa desenvolvida, verifica-se a oferta de seis cursos que seguem essa linha de formação, quais sejam: Edificações, Eletrotécnica, Informática, Mecânica Industrial, Química, e Telecomunicações, com oferta semestral de 30 vagas, exceto o curso de Telecomunicações, cuja oferta é de 35 vagas semestrais. De acordo com as informações disponibilizadas na plataforma “IFCE em Números”, no período compreendido entre os anos de 2013 e 2017, a instituição formou um total de 1.035 técnicos, quase metade deles (508) vinculados a algum dos três últimos elencados, estes relacionados diretamente ao objeto de estudo da pesquisa ora relatada.

Apesar desse pequeno recorte de dados não ter tanto a informar (se considerado somente em uma perspectiva quantitativa), pensá-lo a partir de uma ótica qualitativa levanta possibilidades interessantes relacionadas às percepções que os sujeitos representados por tais números têm sobre a formação recebida, isto é, cria-se oportunidades de investigar sobre suas avaliações positivas e negativas acerca do ensino a que tiveram acesso, suas críticas e sugestões, constituindo-se, assim, uma ferramenta de melhoramento da gestão administrativa e pedagógica da instituição de ensino, além de favorecer uma autoavaliação institucional.

Ademais, a pesquisa com egressos pode possibilitar uma avaliação profícua acerca da organização da instituição, de sua infraestrutura, seus professores e das relações interpessoais que, de modo geral, permeiam o ambiente escolar, elementos intraescolares considerados por Brandão (2004) fatores determinantes para o êxito dos processos de ensino e aprendizagem, assim como aqueles extraescolares concernentes à condição socioeconômica e origem familiar dos estudantes.

Por um outro ângulo, considera-se que oportunizar a escuta de egressos pode também assumir uma nuance de resgate da memória escolar, tendo em vista que permite aflorar lembranças e formas de ser que constituem sua identidade e a da própria instituição de ensino (CIAVATTA, 2005). Nas palavras da autora:

Com isso queremos dizer que a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências, às relações que estabelecem. De outra parte, esse processo está fortemente enraizado na cultura do tempo e do lugar onde os sujeitos sociais se inserem e na história que se produziu a partir da realidade vivenciada, que constitui ela mesma “um lugar de memória” (CIAVATTA, 2005, p. 13).

Atrelada a essa compreensão, a pesquisa com egressos também encontra respaldo na abordagem introduzida por Brasileiro Filho (2013), em sua tese de doutorado intitulada “**Trabalho, educação e reconhecimento: uma investigação crítica dos pressupostos filosóficos e políticos do ensino técnico integrado**”, por meio da qual advoga a importância de se considerar as narrativas dos sujeitos (docentes e discentes) envolvidos no “fazer” do Ensino Médio Integrado e as experiências que elas traduzem, como resultado do complexo processo de desenvolvimento de suas identidades, cuja conformação se dá em consonância com suas vivências formativas, sociais e profissionais:

“O reconhecimento do caráter social da experiência educativa integrada exige o reconhecimento de todos os atores envolvidos em seu processo de desenvolvimento, isso impõe a necessidade de buscar conhecer os docentes e os discentes, como principais atores da integração, pesquisando suas biografias, suas condições socioeconômicas, suas experiências de formação e socialização, não como meras formas de controle e acompanhamento, mas como forma de reconhecimento de suas expectativas ético-morais a serem levadas em consideração na melhoria qualitativa do processo educacional” (BRASILEIRO FILHO, 2013, p. 268-269).

Tendo isso em vista, considera-se que a pesquisa com egressos pode, inclusive, contribuir para a definição e/ou aperfeiçoamento das políticas institucionais de acompanhamento desse público específico, que costumeiramente é colocado em posições secundárias ante as demandas tidas como prioritárias pelas instituições de ensino. Tal impressão é compartilhada por Lélis Balestrin Espartel ao divulgar os resultados de sua pesquisa em artigo intitulado “o uso da opinião dos egressos como ferramenta de avaliação de cursos: o caso de uma instituição de ensino superior catarinense”, publicado em 2009 na Revista Alcance:

Há que se ressaltar a dificuldade de pesquisa junto a egressos, especialmente por não existir, na maioria das IES, ações de relacionamento com este público. A distância gera a desconexão,

desatualizando os bancos de dados e dificultando o acesso ao egresso. Neste estudo, essa dificuldade limitou o uso de uma amostra maior de egressos (ESPARTEL, 2009, p. 112).

Registre-se que esse tipo de inconveniente, infelizmente, pôde ser experienciado no itinerário da pesquisa desenvolvida junto ao IFCE/Campus Fortaleza (cujos pormenores serão explicitados mais adiante), o que ressalta a necessidade de as instituições formadoras dispensarem maiores cuidados no tocante ao acompanhamento de seus egressos, de modo a facilitar pesquisas futuras relacionadas à temática em questão.

Por último, reitera-se a compreensão de que, dentro dos limites de abrangência da pesquisa ora descrita, a escuta de egressos é uma oportunidade de pôr em evidência a efetividade do ensino disponibilizado, tendo em vista que o registro das percepções desses ex-alunos sobre suas vivências formativas, inter-relacionadas às suas experiências profissionais e sociais posteriores à conclusão do curso, pode explicitar elementos de validação social do ensino que lhes foi dispensado, viabilizando, inclusive, a defesa da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, diante dos ataques que lhes são continuamente dirigidos, conforme vem se discutindo ao longo deste trabalho.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS

A investigação proposta configurou-se como um estudo de caso ¹⁶, compreendendo a aplicação de um questionário online e a realização de entrevistas individuais semiestruturadas com vistas ao desenvolvimento do produto educacional almejado: **um documentário** sobre os percursos formativos e profissionais de egressos dos cursos técnicos em Mecânica Industrial, Química e Telecomunicações/Campus de Fortaleza do Instituto Federal do Ceará - IFCE, por meio do qual buscou-se evidenciar os sentidos que eles atribuem à formação recebida e a importância dela para a melhoria de suas condições materiais de vida e para sua autorrealização. A escolha dos cursos se deu de forma aleatória, sendo os três cursos escolhidos correspondentes à metade dos cursos técnicos integrados ofertados, atualmente, pelo Campus Fortaleza do IFCE.

De antemão, cabe destacar que, com vistas à execução do cronograma estabelecido no projeto qualificado, em 29 de junho de 2018, e em observância aos requisitos legais e éticos, a pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética do IFCE, no dia 28/05/2018, por meio do protocolo de registro na Plataforma Brasil nº 1145877, tendo o parecer de sua aprovação sido emitido em 21/08/2018, sob o nº 2.833.748.

O procedimento técnico de aplicação do questionário online (gerado a partir da plataforma “Google Forms”) a egressos dos cursos escolhidos teve como recorte temporal, inicialmente, o período compreendido entre os anos de 2013 e 2017, havendo a necessidade de estender sua abrangência até o ano de 2018, pelas razões que serão expostas na sequência. O referido questionário buscou, prioritariamente, levantar dados sobre as suas trajetórias profissionais e a relação destas com a formação recebida. Justifica-se a escolha desse intervalo temporal em função da dificuldade de se estabelecer contato com ex-alunos, sobretudo nos casos em que a conclusão do curso tenha ocorrido há muito tempo, razão pela qual considerou-se o período dos últimos cinco anos adequado aos objetivos da pesquisa.

¹⁶ Segundo Severino (2007, p. 121), trata-se de uma “pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo”. Para Gil (2008, p. 57), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”.

Para que o envio e efetividade da aplicação do questionário supramencionado fossem viabilizados, solicitou-se à Coordenadoria de Controle Acadêmico (CCA), do IFCE/Campus Fortaleza, ao final do mês de julho de 2018, listagem dos alunos que concluíram seus cursos no intervalo temporal de interesse da presente investigação, na qual constassem os respectivos contatos desses ex-alunos (telefones e e-mails). Apesar da ocorrência de alguns problemas de ordem administrativa no âmbito do Departamento de Ensino do Campus Fortaleza e do Comitê de Ética do IFCE, que ocasionaram uma relativa demora da liberação dos dados solicitados junto à CCA, esses foram concedidos ao final do mês de agosto de 2018, o que permitiu que a pesquisa avançasse para a fase de coleta dos dados.

Nesse particular, faz-se mister expor o motivo que levou à ampliação a abrangência do intervalo temporal pesquisado, alterando-se o período pré-estabelecido de 2013 a 2017 para o de 2013 a 2018. Tal mudança se deu em função de o relatório enviado pela CCA estar organizado pelo semestre de conclusão e, embora alguns egressos terem respondido ao questionário informando que a conclusão de seus respectivos cursos ocorrera no primeiro semestre de 2018, o período de matrícula relacionado à sua conclusão referia-se, na verdade, a 2017.2.

Dentre os egressos respondentes do questionário online aplicado, em um primeiro momento, foram escolhidos três de cada um dos cursos visados, os quais manifestaram previamente, no referido questionário, interesse voluntário em participar do documentário que viria a ser produzido a partir das entrevistas semiestruturadas, segunda etapa da pesquisa. O critério principal utilizado para tais escolhas considerou os ex-alunos que ingressaram no curso por meio de uma das cotas integrantes da categoria “Escola Pública, com renda per capita de até 1,5 salário mínimo” e/ou que tenham sido contemplados por bolsa/auxílio de assistência estudantil no desenvolvimento de seus respectivos cursos.

No tocante à realização das entrevistas semiestruturadas, optou-se por seguir uma abordagem qualitativa, levando-se em conta que os propósitos investigativos a elas subjacentes abrangiam a coleta, análise e interpretação de dados não quantificáveis. Tal escolha, portanto, encontra fundamento na compreensão que manifesta Minayo (2011, p. 21) ao conceituar e descrever a pesquisa qualitativa, asseverando que “ela trabalha com o universo dos

significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, estando diretamente relacionada ao universo das relações, das representações, da intencionalidade, da subjetividade.

A partir de tal compreensão, e considerando-se os objetivos traçados e a natureza do produto educacional que viria a ser desenvolvido (um documentário), utilizou-se como método de coleta de dados o da História de Vida, que oportuniza uma maior aproximação entre pesquisador e pesquisado, pondo em evidência a perspectiva e percepções deste. Sua utilização, segundo Laville e Dionne (1999), possibilita uma compreensão maior de como as pessoas representam os acontecimentos que compõe suas trajetórias de vida, permitindo assim captar de que modo elas constroem suas histórias individuais em relação com os contextos sociais aos quais se vinculam.

No que concerne à interpretação dos dados, esta se deu em consonância com o referencial teórico estudado e seu processamento foi mediado pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016; FRANCO, 2008; GOMES, 2011), buscando-se apreender os sentidos atribuídos pelos egressos entrevistados à formação recebida, bem como evidenciar a importância desta para o melhoramento das suas condições de vida e para sua emancipação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente capítulo tem a finalidade de apresentar e interpretar os resultados obtidos através da aplicação do questionário online, bem como pretende descrever, analisar e discutir os dados obtidos por meio da realização das entrevistas semiestruturadas com egressos dos cursos técnicos em Mecânica Industrial, Química e Telecomunicações do IFCE/*Campus* Fortaleza

5.1 Dados obtidos a partir da aplicação do questionário online

Visando levantar dados quanti-qualitativos para uma melhor caracterização do público pesquisado, a partir do mapeamento de seus os percursos profissionais e formativos, bem como da avaliação de alguns aspectos relacionados à formação recebida, entre os meses de agosto e setembro de 2018, foi aplicado a 387 egressos do IFCE/*Campus* Fortaleza o questionário online criado a partir da plataforma “Google Forms”, cujo envio foi viabilizado utilizando-se a lista de e-mails e telefones disponibilizados pela Coordenadoria de Controle Acadêmico-CCA do *Campus* Fortaleza¹⁷. O envio se deu preponderantemente por e-mail e, no caso daqueles que não dispunham de e-mail registrado no banco de dados da CCA, optou-se pelo envio do questionário via serviço de mensagem do aplicativo WhatsApp, caso fosse viável.

É importante informar que o acesso ao questionário foi condicionado à leitura prévia e concordância com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética do IFCE, e que foi inserido logo no início do formulário, a fim de que o egresso manifestasse, previamente, seu aceite ou não. Após concordar com TCLE, o egresso passava a ter a acesso ao questionário, cujo início solicitava dados de identificação do respondente (nome, sexo, idade, curso e o ano de sua conclusão) e, na sequência, apresentava 18 perguntas, em sua maioria de múltipla escolha/fechadas, havendo somente 03 questões abertas (número 11, 17 e 18), que permitiam respostas mais

¹⁷ A lista em questão continha um total de 446 egressos, contudo, nem todos possuíam contato telefônico e/ou e-mails registrados no sistema acadêmico do IFCE. Além disso, mesmo dentre aqueles que dispunham de contato, vários e-mails aparentavam estar desatualizados ou com informações incompletas, tendo em vista que houve 24 devoluções de mensagens encaminhadas a tais endereços eletrônicos, mesmo após três tentativas consecutivas de envio do questionário.

livres.

Para a tabulação dos dados, utilizou-se das ferramentas disponibilizadas pelo próprio Google Forms, de modo que sua interpretação se referenciou, exclusivamente, em procedimentos analíticos próprios da estatística descritiva, entendida como um “conjunto de técnicas que objetivam descrever, analisar e interpretar os dados numéricos de uma população ou amostra” (FONSECA; MARTINS, 2011, p. 101). Assim, por meio dos vários gráficos criados para resumir tais dados e fazer sua representação frequencial, apresentam-se, a seguir, os principais resultados alcançados, ressaltando-se que estes não têm pretensão de generalização, devendo ser, por isso, considerados restritamente nos limites da amostra obtida.

Em relação ao total de questionários enviados, houve 82 respondentes, o que equivale a uma taxa de resposta de 21,18%, considerada satisfatória, se levado em conta o perfil do público alvo da pesquisa e a dificuldade que as instituições de ensino costumam enfrentar para manter atualizados os contatos dos seus egressos, como já se problematizou no subitem 3.2 deste trabalho.

A partir dos dados de identificação contidos no universo dos 82 respondentes, obteve-se a seguinte caracterização: 61% eram do sexo feminino e 39% do sexo masculino. 41,46% eram egressos do Curso Técnico Integrado em Química, 28,04% do Curso de Técnico Integrado em Telecomunicações e 30,5% haviam concluído o Curso Técnico Integrado em Mecânica. No que concerne ao ano de conclusão do curso, 4,9% dos egressos concluíram em 2013; 23,2% no ano de 2014 e 19,5% concluíram em 2015. Em 2016, o percentual de concluintes foi de 17% e, em 2017, o percentual foi de 30,5%. Uma explicação para o fato de haver um maior número de respostas oriundas de egressos do ano de 2017, deve-se provavelmente ao menor intervalo de tempo existente entre a conclusão do curso e a realização da pesquisa, não tendo, portanto, decorrido tempo suficiente para que houvesse muitas alterações nos contatos desses ex-alunos. Ressalte-se que, conforme já explicitado na metodologia do presente trabalho, alguns egressos (4) informaram terem concluído seus cursos no primeiro semestre de 2018, número que corresponde a 4,9% do total dos respondentes.

A primeira e a segunda perguntas do questionário referiam-se à ocupação atual do egresso e a sua cidade de domicílio, respectivamente, e as respostas delas obtidas estão representadas no Quadro 3, a seguir:

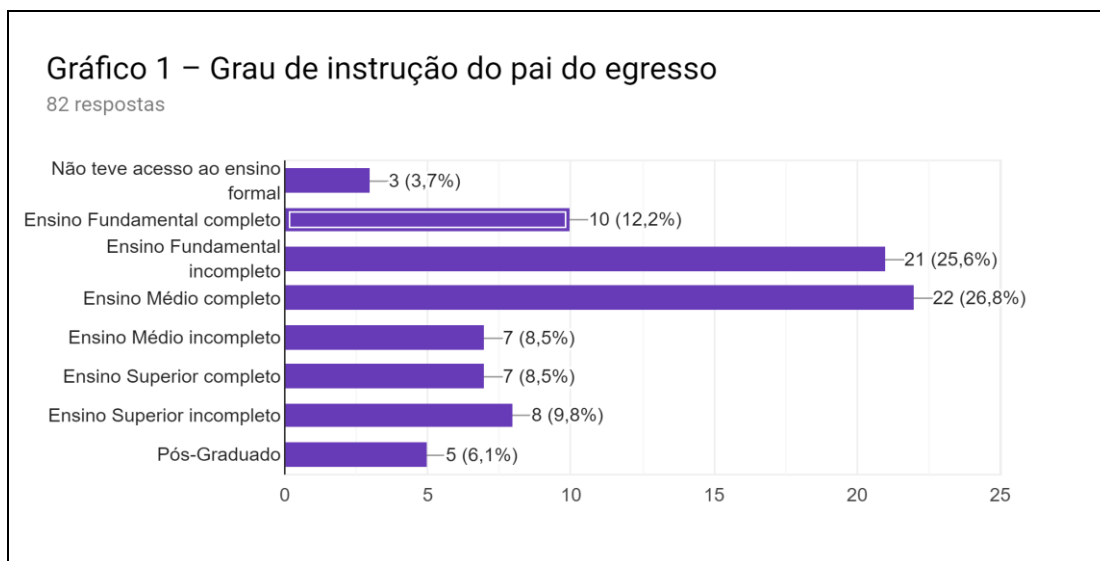
Quadro 3 – Ocupação atual do egresso e seu local de domicílio

OCUPAÇÃO DO EGRESSO	%	LOCAL ONDE RESIDE	TOTAL
Só estuda	40,67	Fortaleza - CE/Região Metropolitana	77
Estuda e trabalha	5,08	Cascavel – CE	2
Só trabalha	30,50	Ubajara – CE	1
Desempregado	6,77	Belém/PA	1
Jovem aprendiz/estagiário	13,55	Barreiras/BA	1
Microempreendedor	3,38	Munique/Alemanha	1

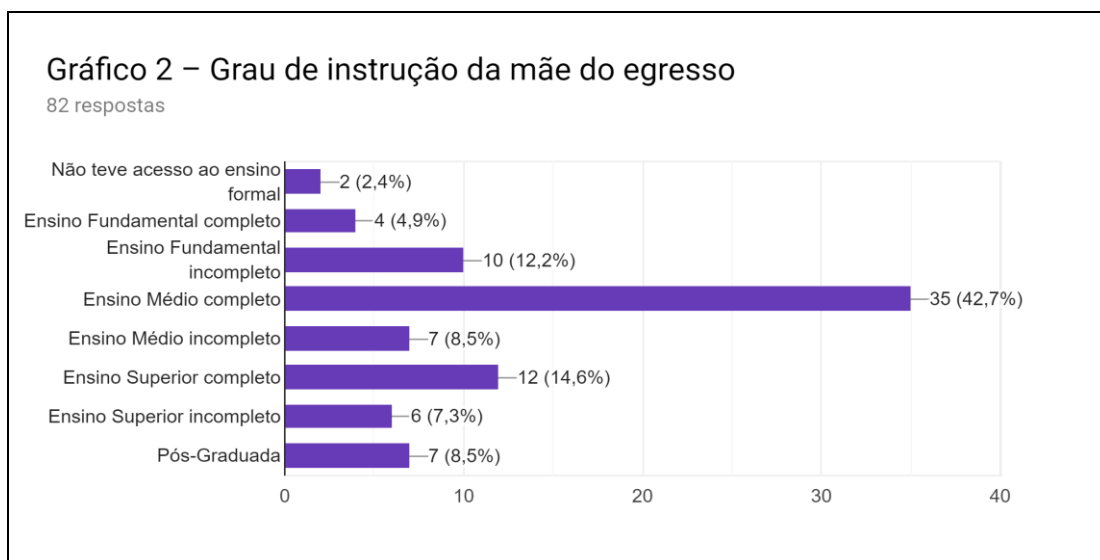
Fonte: elaborado pelo autor

A partir das informações compiladas acima, não causa estranheza o percentual elevado de egressos que residem em Fortaleza/Região Metropolitana, uma vez que seus laços familiares, possivelmente, permanecem no local, sem contar que a maioria das oportunidades profissionais e estudantis também se situam nessa região do Estado do Ceará. No que concerne ao quesito “ocupação”, verifica-se que grande parte dos egressos se ocupa, atualmente, com atividades estudantis (45,75%), estando uma pequena parte deles envolvidos com atividades simultâneas de estudo e trabalho. O número de desempregados se apresenta relativamente baixo. No entanto, se considerados os percentuais daqueles que afirmaram diretamente estarem desempregados com aqueles que atualmente só estudam, o número dos que não estão inseridos no mundo do trabalho alcança o patamar de 47,44%. Contudo, não há dados suficientes para constatar se aqueles que informaram ser somente estudantes vivenciam essa realidade por livre escolha ou por escassez de oportunidades de trabalho.

Por meio da terceira e da quarta pergunta, buscou-se levantar dados que indicassem o grau de instrução dos pais do respondente, no intuito de relacionar esse dado com a origem social do egresso. Os dados obtidos estão representados nos gráficos 1 e 2:



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

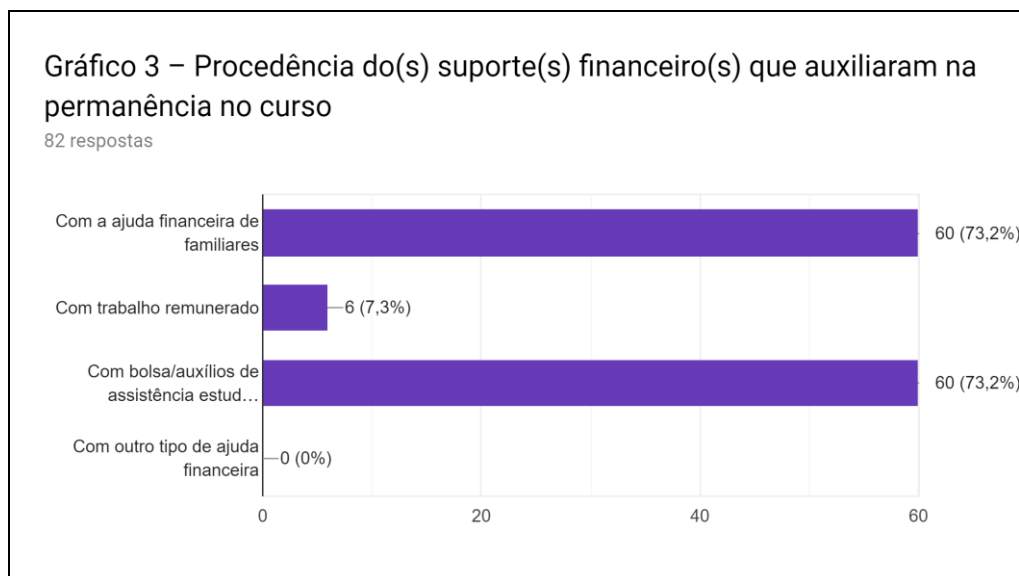


Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

Tomando como base os gráficos 1 e 2 e considerando o percentual de pais/mães situados no nível do ensino superior (completo, incompleto e pós-graduação), os dados levantados mostram que apenas 24,4% e 30,4, respectivamente, alcançaram esse nível de ensino, enquanto 35,3% dos pais e 51,2% das mães conseguiram acessar/concluir o ensino médio, diante do percentual de 37,8% dos pais e 17,1% das mães que não conseguiram cursar além do ensino fundamental. A porcentagem dos que não conseguiram acessar nenhum nível de ensino formal foi de 3,7% dos pais e de 2,4% das mães dos egressos que responderam ao questionário.

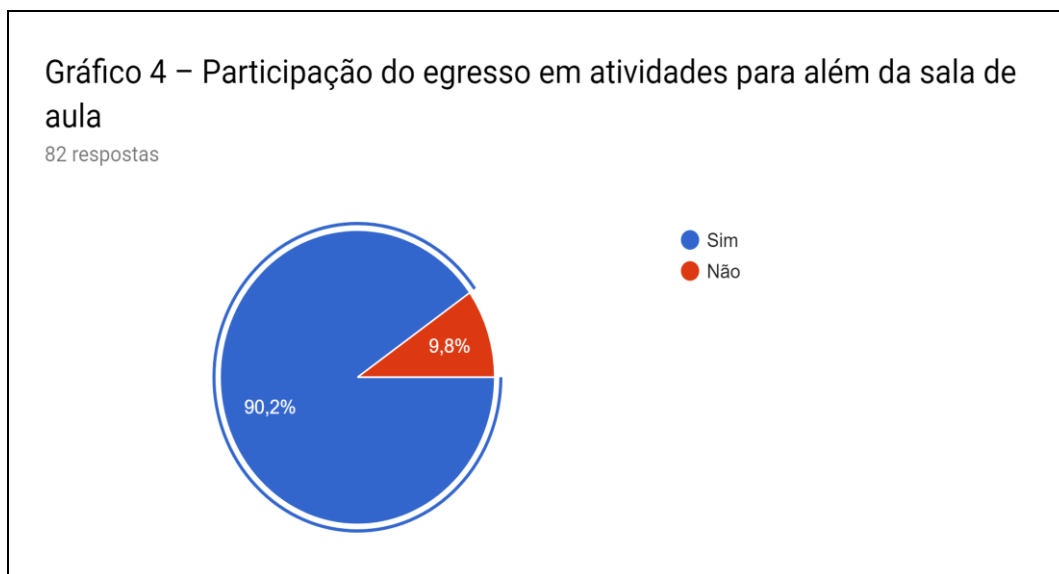
As perguntas cinco e seis referiram-se, respectivamente, à natureza jurídica da(s) instituição(ões) de ensino frequentada(s) pelo egresso no decorrer do ensino fundamental (escola pública, privada) e à opção de ingresso no curso técnico, levando-se em conta a reserva de vagas disponibilizada pelo IFCE em seu processo seletivo. Do conjunto das respostas registradas, obteve-se o seguinte percentual: 23,2% informaram ter feito todo o ensino fundamental em escola pública, enquanto a grande maioria dos respondentes (63,4%) afirmou ter feito toda essa etapa de ensino em escola privada. Aqueles que fizeram o ensino fundamental, parte em escola pública e parte em escola privada, corresponderam ao percentual de 14,6%. Em consonância a tais dados, a opção predominante para ingresso no curso técnico foi a ampla concorrência (82%), ao passo que apenas 9,8% optaram pela forma de ingresso referente à “Cota para candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escolas públicas”, tendo os 8,2% restantes optado por uma das outras 7 cotas disponibilizadas pelo IFCE – Campus Fortaleza em seu edital de seleção, concernentes a pessoas com deficiência e a candidatos oriundos de escola pública, independentemente da renda familiar.

A partir das perguntas 7 e 8 buscou-se obter informações, respectivamente, quanto à procedência do(s) suporte(s) financeiro(s) obtido(s) para permanência no curso e quanto à realização de atividades extraclasse, projetos de pesquisa/extensão, estágio, monitoria ou de outras atividades correlatas promovidas pelo IFCE. O resumo das respostas fornecidas é apresentado nos gráficos 3 e 4, a seguir:



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

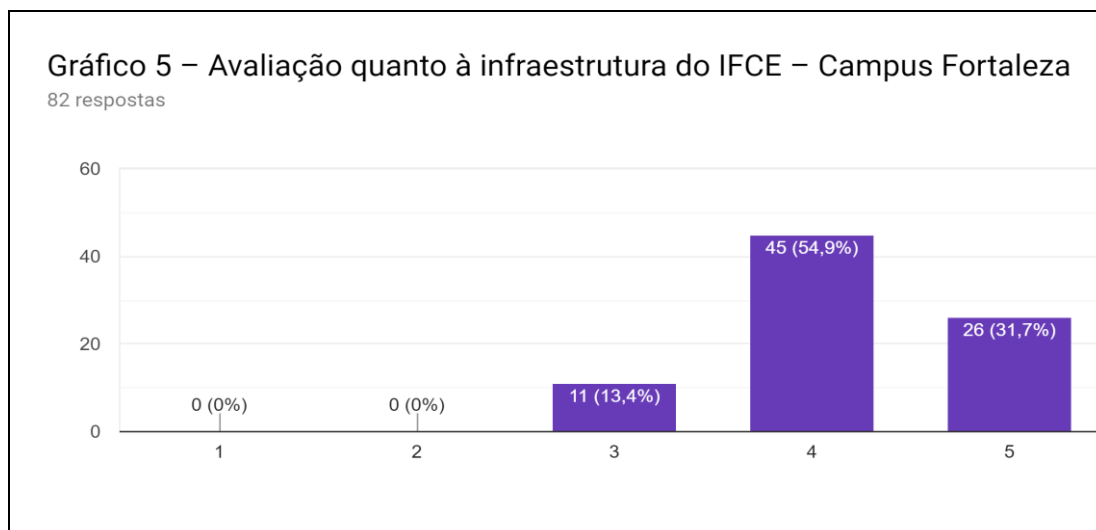
Como o egresso poderia escolher uma ou mais dentre as opções apresentadas, a soma dos percentuais calculados foi superior a 100%. O fato de mais de 73% dos egressos ter recebido bolsa/auxílios de assistência estudantil confronta os anteriores que, aparentemente, mostravam uma certa autonomia financeira de suas famílias, dado o elevado número de egressos que afirmaram ter cursado todo o ensino fundamental em escola privada. No entanto, os mesmos podem ter tido esse vínculo estudantil viabilizado pela concessão de bolsa parcial ou integral, informação que não foi possível obter com a aplicação do questionário, constituindo, assim, uma falha metodológica que não foi possível corrigir, ante o tempo exíguo disponível para desenvolvimento das demais etapas da pesquisa e frente à dificuldade para reaplicar o questionário e conseguir a mesma taxa de resposta ou superior à obtida primariamente.



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

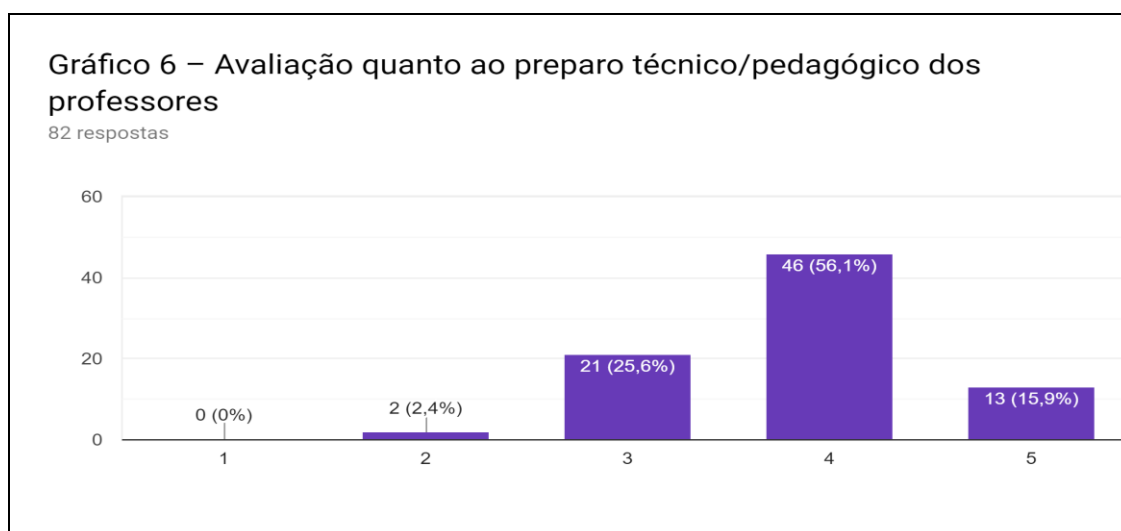
O gráfico 4 apresenta um número elevado de egressos (90,2%) que informou ter participado de atividades para além da sala de aula, fato que aponta, supõe-se, a diversidade de oportunidades de aprendizagem propiciadas pelo IFCE – Campus Fortaleza, conformando um ensino mais abrangente e de qualidade, evidenciado pelas respostas dadas em relação à pergunta número doze.

Em relação à pergunta nove, os respondentes foram convidados a avaliar, em uma escala de 1 (muito ruim) a 5 (ótimo), cada um dos cinco eixos temáticos relacionados ao IFCE – Campus Fortaleza, a saber: 1. Infraestrutura oferecida; 2. Preparo técnico/pedagógico dos professores; 3. Adequação das disciplinas em relação às demandas do mundo do trabalho; 4. Programas e bolsas de assistência estudantil disponibilizados; 5. Acompanhamento após a conclusão do curso e apoio no processo de inserção no mundo do trabalho. Na sequência, por meio dos gráficos 5, 6, 7, 8 e 9, são apresentados os dados coletados relativos a cada eixo:



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

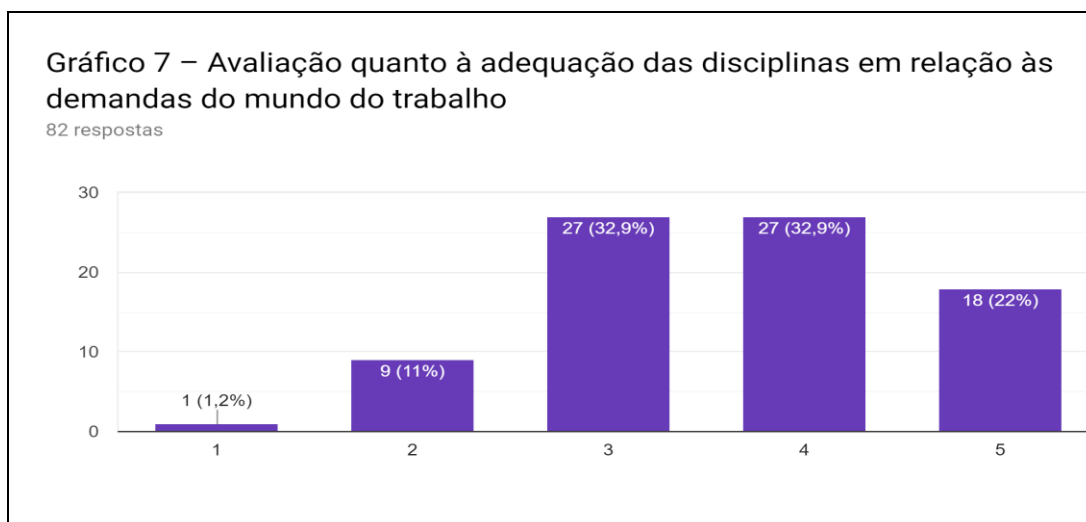
No que se refere a este eixo específico, pode-se considerar que se manifestou um bom grau de satisfação dos egressos, uma vez que a soma das opções pela escala de avaliação 4 (bom) com a 5 (ótimo) alcançou o patamar de 86,6%, e somente 13,4% atribuíram o indicador 3 (regular), não havendo nenhuma avaliação de muito ruim ou ruim (escalas de avaliação 1 e 2, respectivamente).



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

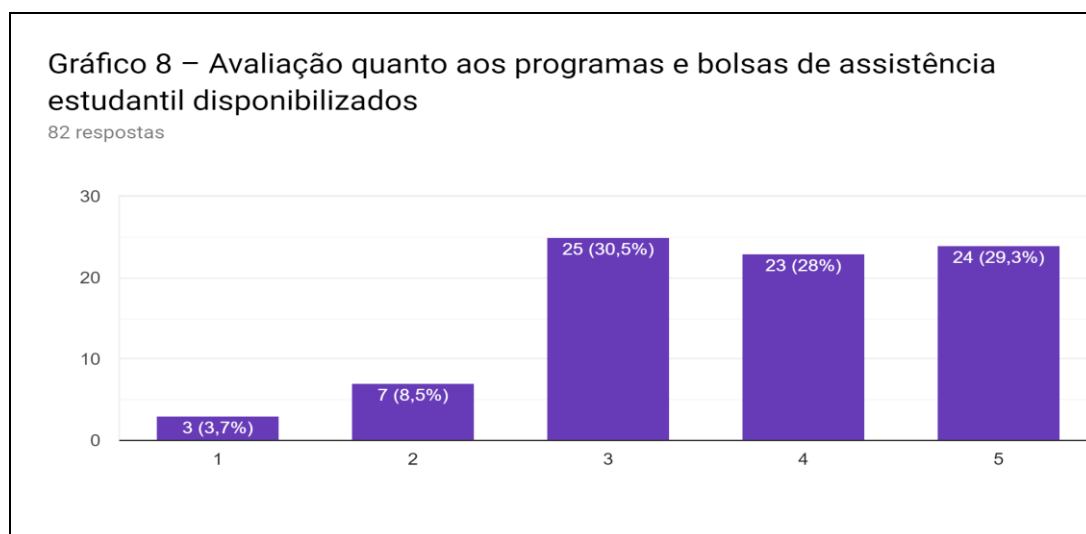
Apesar deste eixo ter tido um percentual menor em relação ao número de opções pela escala avaliativa 5 (15,9%), a soma das opções pelas escalas 5 e 4 resultou em 72%, o que denota uma avaliação também positiva, sem que se

desconsidere as insatisfações que podem estar por trás das avaliações ruim (2,4%) e regular (25,6%).



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

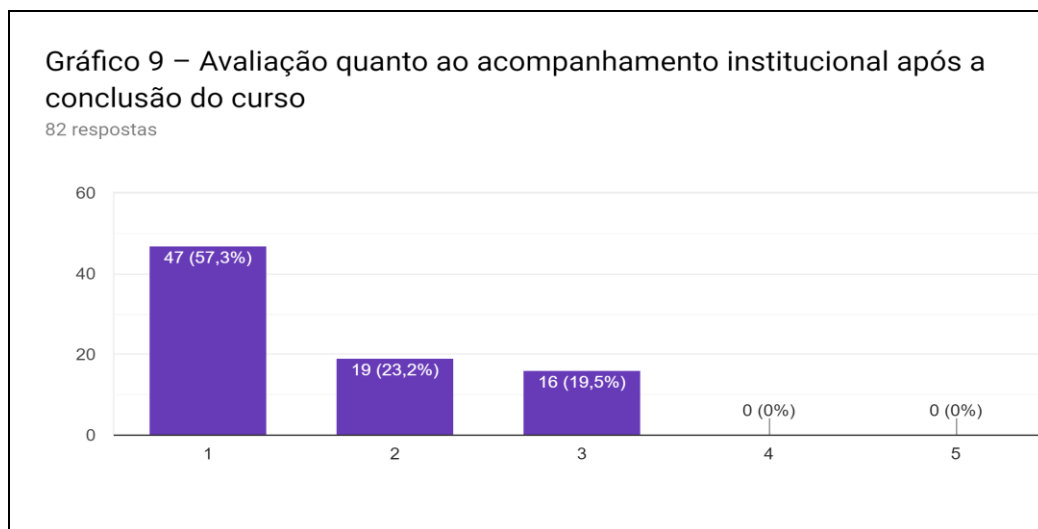
As avaliações feitas em relação a este eixo apontam para um certo nível de insatisfação dos egressos, se considerada a somatória dos percentuais daqueles que optaram pelas escalas avaliativas 1, 2 e 3 (muito ruim, ruim e regular, respectivamente), o que corresponde ao percentual de 45,1%, aproximando-se do patamar de 50%.



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

Embora 73,2% dos egressos, ao responderem à pergunta sete, tenham declarado terem sido assistidos por bolsas/auxílios de assistência estudantil, o

gráfico 8 mostra que os mesmos manifestaram estar insatisfeitos com algum aspecto dessa concessão, visto que a somatória dos percentuais daqueles que fizeram opção pelas escalas de avaliação 1, 2 e 3 (muito ruim, ruim e regular, respectivamente) atinge o total de 42,7%.



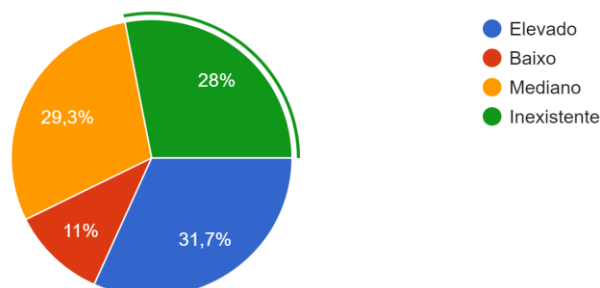
Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

A avaliação negativa dirigida a este eixo, chegando a atingir o percentual de 100% a partir da somatória das respostas concernentes às escalas avaliativas 1, 2 e 3 (muito ruim, ruim e regular, respectivamente) não surpreende, uma vez que se problematizou, conforme destacado no presente trabalho, e poucas são as instituições de ensino que se preocupam em instituir uma política sólida e duradoura de acompanhamento de seus egressos. Tais dados revelam também que há um longo caminho a ser percorrido em relação ao suprimento dessa demanda no âmbito específico do IFCE/Campus Fortaleza.

No que concerne à pergunta dez, procurou-se sondar o grau de aproximação entre a área de atuação profissional do egresso com a formação recebida no curso técnico, cuja representação encontra-se no gráfico 10, conforme segue:

Gráfico 10 – Nível de aproximação entre a ocupação atual do egresso e a formação recebida no IFCE – Campus Fortaleza

82 respostas



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

Se somados os percentuais dos graus de aproximação “elevado” e “mediano” tem-se o total de 61% de egressos que percebem a existência de nível considerável de correlação entre a área de sua atuação com a formação recebida no curso técnico integrado, ao passo que 11% entendem haver pouca relação, enquanto 28% julgam não haver relação alguma entre elas.

A décima primeira pergunta do questionário fazia a seguinte indagação ao egresso: “Na sua opinião, há algum diferencial no ensino oferecido pelo Instituto Federal do Ceará em relação a outras instituições de ensino que você conhece? Favor especificar”. Em sua grande maioria (92,68%), as respostas foram afirmativas, e a partir das respectivas justificativas dadas pelos egressos, organizou-se o Quadro 4, resultado da análise temática das respostas concedidas, no qual são apresentados os temas mais recorrentes nelas e a frequência de sua ocorrência:

Quadro 4 – Diferenciais do ensino do IFCE em relação ao de outras instituições

DIFERENCIAL DO ENSINO OFERTADO NO IFCE	OCORRÊNCIA NAS RESPOSTAS
Qualidade do ensino técnico	11 vezes
Ensino completo/de qualidade	18 vezes
Estímulo à autonomia e liberdade	12 vezes
Infraestrutura oferecida	7 vezes
Qualificação dos professores	10 vezes

Preparação para a universidade	5 vezes
Formação humana/aquisição de valores	11 vezes
Vivências interpessoais enriquecedoras	3 vezes
Abertura de portas para a inserção profissional	7 vezes
Reputação institucional	4 vezes
Auxílios e bolsas estudantis	3 vezes
Aulas práticas	7 vezes

Fonte: elaborado pelo autor

Analisando as informações acima apresentadas, é interessante destacar que os diferenciais atribuídos ao ensino do IFCE com maior prevalência nas respostas fornecidas (“Estímulo à autonomia e liberdade”, “Ensino completo/de qualidade” e “Formação humana e aquisição de valores”), fazem interlocução com o referencial teórico norteador da pesquisa, revelando que há uma percepção nos egressos de que a instituição não lhes conferiu apenas uma formação voltada para inserção profissional, mas os formou em várias outras dimensões, ou seja, uma formação menos instrumental, focada exclusivamente nas demandas do mundo do trabalho.

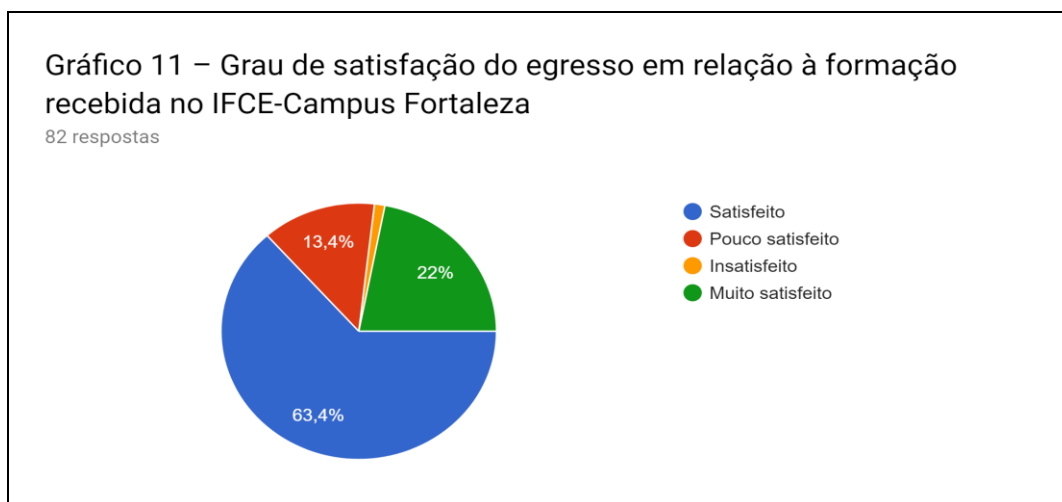
Por meio da décima segunda pergunta objetivou-se saber de que maneira o curso técnico integrado contribuiu para trajetória de vida do egresso, dando a ele a opção de marcar SIM ou NÃO em relação a cada um dos tópicos elencados:

1. Possibilitou a conquista de um emprego (40,24% SIM / 59,76% NÃO); 2. Colaborou para escolha de outra carreira (64,63% SIM / 35,37% NÃO); 3. Promoveu uma sólida formação humana, baseada em valores éticos, estéticos, políticos e sociais; (80,48% SIM / 19,52% NÃO); 4. Promoveu elevado grau de aprendizagem teórica e prática (70,73% SIM / 29,27% NÃO).

Dos dados apresentados chama a atenção o relacionado ao primeiro tópico, cuja avaliação negativa supera a positiva em 19,52%, o que talvez possa ser explicado pelo tópico seguinte, que mostra um percentual considerável de egressos que afirmam ter o curso técnico integrado contribuído para a escolha de outra carreira. Outra variável que pode ser cogitada relaciona-se ao fato de a maioria dos respondentes afirmar ter concluído ou ser a de estudante de graduação, conforme dados obtidos a partir da pergunta 14, indicando que boa parte deles, supõe-se, logo após a conclusão do curso, pode ter optado por seguir

a trajetória acadêmica, postergando a sua inserção profissional para depois do término da graduação.

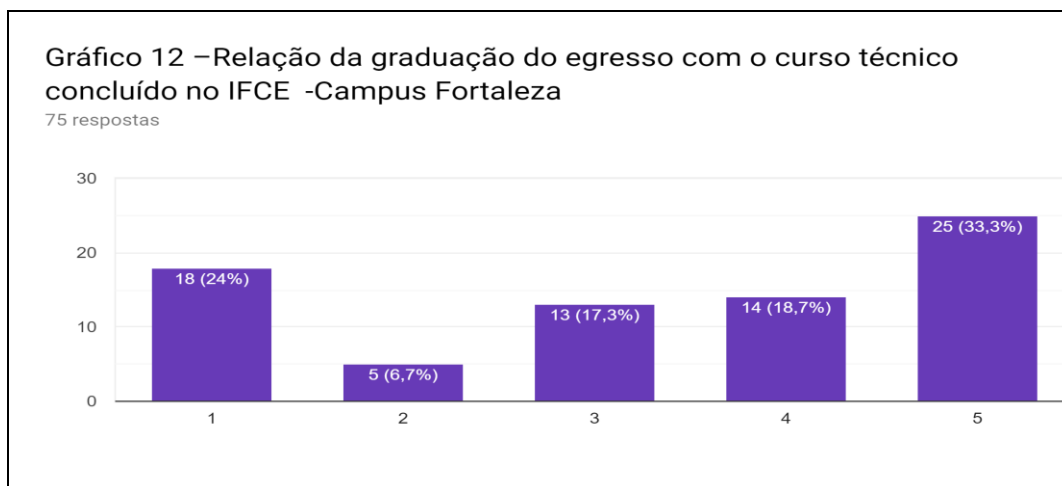
A décima terceira pergunta buscou evidenciar o grau de satisfação do egresso em relação à formação recebida no IFCE-Campus Fortaleza, estando o resumo das respostas concedidas representadas no gráfico 11:



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

A despeito das insatisfações pontuais manifestadas, conforme consta na análise da questão 9, observa-se que de um modo geral os egressos se sentem satisfeitos em relação à forma recebida, uma vez que a soma do percentual referente àqueles que se sentem “Muito satisfeito” com o daqueles que se sentem “Satisfeitos” alcança a marca de 85,4%, ante os 13,4% que se dizem “Pouco satisfeitos” e os 1,2% que afirmam estar “Insatisfeitos”.

Com a décima quarta pergunta, buscou-se saber sobre o percurso acadêmico seguido pelo egresso, após a conclusão do curso técnico integrado, e sobre a relação daquele com este. Dos egressos, 91,4% afirmaram ter concluído ou estar fazendo um curso superior, e suas percepções quanto à relação da graduação com o curso técnico estão representadas resumidamente no gráfico 12:

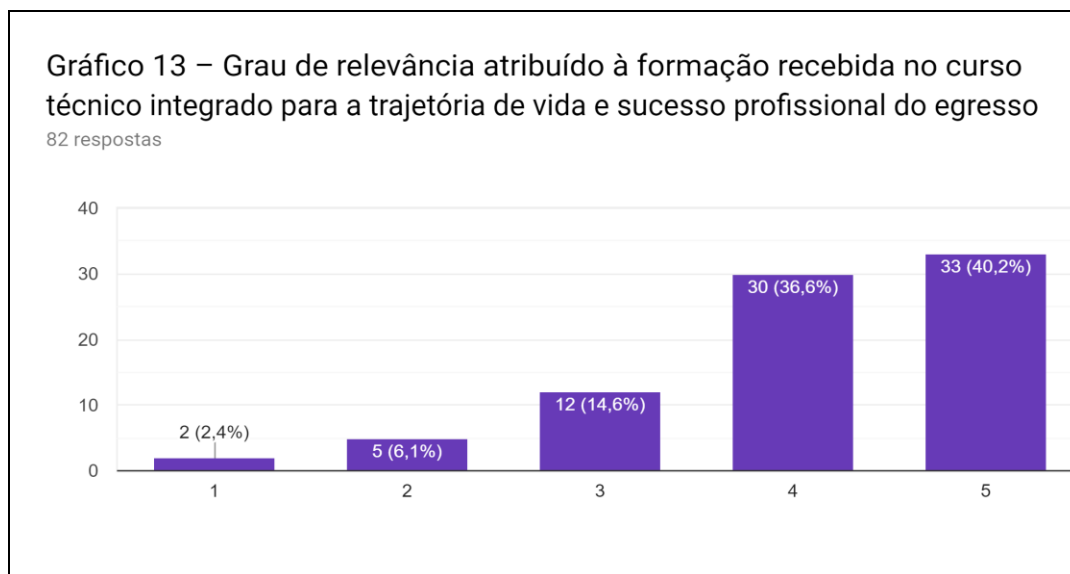


Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

Observa-se que a quantidade de egressos que percebem uma relação de forte aproximação entre a graduação concluída ou em desenvolvimento com o curso técnico integrado é considerável, uma vez que mais da metade (52%) escolheram as escalas 4 e 5 nas suas respostas, enquanto 17,3% acreditam haver uma relação mediana entre ambos. A soma dos percentuais que representam aqueles que percebem pouca (2) ou nenhuma (1) relação entre as áreas formativas foi de 30,7%.

Fazendo referência à pergunta quinze, por meio da qual os egressos foram questionados se tinham interesse em fazer algum outro curso no IFCE, 54,88% dos respondentes disseram ter essa intenção, de modo que os dados coletados mostraram que 15,6% tem interesse em fazer um outro curso técnico, 51,1% desejam fazer um curso superior na instituição, 13,3% interessam-se por um curso de extensão, ante 40% de interessados em cursos de pós-graduação e 6,6% que assinalaram a opção “outros”, sem especificar tal interesse.

A décima sexta pergunta apresentou o seguinte comando: “Em uma escala de 1 (nenhuma importância) a 5 (elevada importância), qual grau de relevância você atribui à formação recebida no curso técnico integrado para a sua trajetória de vida e sucesso profissional?”. O Gráfico 13, por sua vez, traz o resumo das respostas coletadas:



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma “Google Forms”

A partir dos dados apresentados, verifica-se que a maioria dos egressos considera que a formação recebida no curso técnico integrado teve grande importância para sua trajetória de vida e sucesso profissional, uma vez que 76,8% deles optaram pelas escalas de avaliação 4 e 5. Os que consideram que essa importância foi mediana somam 14,6%, ao passo que aqueles que atribuem pouca ou nenhuma importância representam 8,5% do total de respondentes.

Por fim, as duas últimas perguntas do questionário online aplicado não tinham caráter obrigatório, mas apenas tiveram papel mediador entre essa fase da pesquisa com a subsequente, quando seriam realizadas as entrevistas semiestruturadas filmadas que dariam origem ao documentário, produto educacional almejado. Assim, a pergunta dezessete indagava se o egresso tinha interesse em participar da produção de um documentário sobre o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica e, em caso afirmativo, ele era solicitado a fazer um breve relato de sua história de vida, relacionando-a com suas vivências formativas dentro do IFCE. Por sua vez, a “pergunta” dezoito foi utilizada com o intuito de apenas solicitar os contatos dos egressos que manifestaram interesse em participar da produção do documentário, conforme as respostas registradas na pergunta anterior.

5.2 Dados levantados a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas

Em consonância com os objetivos traçados e conforme os procedimentos metodológicos estabelecidos, nos dias 21 e 22 de novembro de 2018, na Sala de Videoconferência do IFCE/*Campus* Fortaleza, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis egressos dos cursos técnicos integrados em Mecânica Industrial, Química e em Telecomunicações, tendo o processo de seleção se iniciado ainda na fase de aplicação do questionário online, cujas duas últimas perguntas (17 e 18) versavam, exclusivamente, sobre o interesse dos respondentes em prosseguirem colaborando com a pesquisa, participando de entrevistas filmadas que subsidiariam a produção de um documentário sobre trajetórias de vida acadêmico-profissionais de ex-alunos do Ensino Médio Integrado.

Do universo dos 82 respondentes do referido questionário, 21 egressos (25,6%) manifestaram interesse em participar da segunda etapa da pesquisa. No entanto, ao serem contatados posteriormente, alguns não atenderam às diversas tentativas de contato (por fone e e-mail), outros comunicaram não terem mais interesse ou possibilidade de continuarem a contribuir com o trabalho, totalizando 9 desistências. Dos 12 restantes, 9 foram selecionados para a etapa das entrevistas, considerando que atendiam ao perfil definido na metodologia já explicitada no capítulo quatro. Todavia, ao final, foram efetivamente realizadas apenas seis entrevistas, em função de desistências de última hora, episódio que será pormenorizado no capítulo 5, onde se fará a descrição de todo o processo de construção do produto educacional.

Em relação ao roteiro utilizado nas entrevistas, este foi estruturado nas três seções especificadas, na sequência, sendo a primeira delas precedida de uma breve apresentação dos participantes:

1. **Antes do IFCE:** seção dividida em dois tópicos, sendo o primeiro referente:
 - a) às suas origens familiares e experiências formativas no âmbito do ensino fundamental;
 - b) ao processo seletivo para ingresso no curso técnico (motivações, preparação, dificuldades, expectativas).
2. **Durante a realização do curso no IFCE:** contendo cinco subseções mediante as quais o egresso era convidado a relatar sobre:

- a) as suas primeiras experiências como aluno do IFCE e sobre as impressões iniciais que teve sobre a instituição;
- b) os principais desafios vivenciados no processo de ensino-aprendizagem (assimilação dos conteúdos, convivência com os colegas e professores);
- c) os apoios institucionais com os quais pôde contar durante o curso (bolsas de assistência estudantil, acompanhamento psicopedagógico, programas de nivelamento/monitoria);
- d) os espaços/atividades/experiências escolares a que teve acesso (aulas de dança, momentos recreativos, palestras, esportes, laboratórios, biblioteca, aulas práticas/de campo, etc);
- e) as expectativas/anseios que tinha ao final do curso quanto à sua inserção profissional.

3. Após a conclusão do curso: seção composta de três subseções, por meio das quais o egresso foi solicitado a falar sobre:

- a) o percurso profissional/acadêmico trilhado após a conclusão do curso, e sobre as principais dificuldades enfrentadas;
- b) a percepção que tinha em relação aos rumos profissionais/acadêmicos tomados pelos seus colegas de curso técnico;
- c) a importância atribuída à formação recebida no curso técnico para a sua trajetória de vida.

Realizada a coleta dos seis depoimentos concedidos, que tiveram duração média de 20 minutos, deu-se início ao tratamento dos dados levantados, sendo este norteado pela Análise de Conteúdo, método de interpretação de dados qualitativos e quantitativos, que tem Laurence Bardin como uma das principais referências nesse campo de abordagem, a qual conceitua o referido método analítico da seguinte forma:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 2016, p. 37).

Tendo como referência os estudos da referida autora, Franco (2008, p. 24-25) salienta a importância da análise de conteúdo para a interpretação de

mensagens das mais diversas procedências e formatos comunicacionais, o que possibilita se fazer inferências acerca de seu teor, seja ele manifesto ou latente, em consonância com os objetivos e as teorias que subsidiam o trabalho do analista/pesquisador.

Por sua vez, Gomes (2011, p. 85-86), referenciando-se na obra de Bardin (1979), destaca as diferentes maneiras de utilização do método analítico em questão, quais sejam: a) análise de avaliação ou análise representacional, utilizada para medir as atitudes do locutor quanto aos objetos de que fala; b) análise de expressão, pela qual se busca conhecer os traços pessoais do autor da fala; c) Análise de enunciação, que trabalha com as condições de produção da palavra, com a análise das estruturas gramaticais e da lógica de organização do discurso; d) **análise temática** (a partir da qual se delinearam as análises contidas neste trabalho), cujo conceito central é o tema, comportando um feixe de relações e pode ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo.

Considerando esses pressupostos teórico-conceituais, destaque-se ainda que o método analítico em questão se aplica perfeitamente à análise qualitativa de dados oriundos de entrevistas semiestruturadas, cujo processo básico, de acordo com Bardin (2016, p. 125-131), estrutura-se em três etapas principais: 1. Pré-análise, por meio da qual se procede à leitura flutuante do material bruto coletado e é selecionado aquilo que será efetivamente analisado, isto é, o *corpus* entendido pela referida autora como “o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”; 2. Exploração do material, pela qual se busca codificar, classificar e categorizar o material escolhido na etapa anterior; 3. Tratamento dos resultados, ocasião na qual o analista/pesquisador pode fazer inferências e interpretações acerca do conteúdo analisado.

No caso das seis entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa ora relatada, a fase de pré-análise coincidiu com o processo de transcrição delas, as quais foram consideradas em seu inteiro teor, podendo ser consultadas no Apêndice B. O referido processo ocorreu em duas etapas, a saber: primeiramente, com o auxílio do software de reconhecimento de voz e de transcrição instantânea “Speechlogger”, transcreveu-se a integralidade das seis entrevistas realizadas e, em um segundo momento, a partir da reprodução de cada vídeo, foi efetuada a revisão das transcrições feitas por meio do software supramencionado, com vistas

à correção de eventuais erros em cada fala transcrita, bem como em relação à pontuação e a outras questões estruturais do texto gerado.

Durante o processo de transcrição, optou-se por realizar a identificação dos depoentes segundo a seguinte codificação: E=egresso + número referente à ordem da entrevista transcrita + as iniciais do nome e do último sobrenome do egresso, conforme consta no Quadro 5, por meio do qual se faz uma breve caracterização dos participantes dessa etapa da pesquisa:

Quadro 5 – Caracterização dos participantes da segunda etapa da pesquisa

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	ESTADO CIVIL	CURSO/ANO DE CONCLUSÃO	OCUPAÇÃO
E1AJ	19 anos	Solteiro	Técnico Integrado em Mecânica (2018.1)	Estudante de Engenharia Mecânica
E2KS	19 anos	Solteira	Técnico Integrado em Mecânica (2018.1)	Estudante de Engenharia Mecânica e Jovem Aprendiz em uma CIA de bebidas
E3NS	19 anos	Solteira	Técnico Integrado em Telecomunicações (2017)	Estudante de Jornalismo
E4RL	18 anos	Solteira	Técnico Integrado em Telecomunicações (2017)	Supervisora de suporte e estudante de Engenharia de Telecomunicações
E5TN	21 anos	Solteira	Técnico Integrado em Química (2016)	Estudante de Engenharia Química e estagiária em uma empresa de pesquisa agropecuária
E6TV	20 anos	Solteiro	Técnico Integrado em Química – (2018.1)	Auxiliar de laboratório em uma fábrica

Fonte: elaborado pelo autor

Em seguida, deu-se início à etapa exploratória, com vistas à classificação e categorização do conteúdo selecionado para análise na primeira etapa. No que concerne, especificamente, ao processo de criação das categorias de análise decorrente dos diálogos estabelecidos com o material explorado e das decorrentes problematizações suscitadas, levou-se em conta o entendimento de Franco (2008), quanto à pertinência de uma categoria formulada:

Uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao

material de análise escolhido e ao quadro teórico definido. O sistema de categorias deve, também, refletir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens (FRANCO, 2008, p. 67).

Além dessas considerações, o trabalho de categorização do conteúdo analisado também tomou como elemento norteador o que afirma Gomes (2011, p. 88): “O caminho a ser seguido pelo pesquisador vai depender dos **propósitos da pesquisa**, do objeto de estudo, da natureza do material disponível e da perspectiva teórica por ele adotada” (grifo nosso). Nesse sentido, retomou-se o objetivo central motivador dessa etapa específica da pesquisa, qual seja: “Identificar e analisar os discursos dos egressos, buscando evidenciar a importância e os sentidos que eles atribuem à formação recebida para o desenvolvimento de suas trajetórias de vida”, adotando-o como eixo estruturante da análise do conteúdo das entrevistas, o que subsidiou a definição das cinco categorias especificadas no quadro a seguir, por meio das quais são destacadas possíveis contribuições do Ensino Médio Integrado a EPT (EMI) a vários aspectos estudantis e profissionais das vidas dos depoentes:

Quadro 6 – Descrição das categorias de análise das entrevistas semiestruturadas

CÓDIGO	CATEGORIA DE ANÁLISE	DESCRIÇÃO
CAT01	EMI e a promoção de formação humana	Engloba as percepções dos egressos que associam a formação recebida à aquisição de princípios e valores, assim como ao desenvolvimento de autonomia, liberdade e respeito às diferenças.
CAT02	EMI e o oferecimento de múltiplas experiências formativas	Relaciona vivências de experiências formativas que extrapolam os limites da sala de aula, contribuindo para uma formação mais abrangente.
CAT03	EMI e o suporte à permanência do estudante	Destaca a relevância dos auxílios estudantis para a permanência, com êxito, do estudante.
CAT04	EMI e a viabilização concomitante de inclusão produtiva e de percursos formativos em nível superior	Compreende conteúdos extraídos das falas dos egressos indicativos de que a formação recebida assume importância crucial, não apenas para inserção profissional, mas também para o acesso ao ensino superior.
CAT05	EMI e sua importância para a promoção de melhores condições socioeconômicas de vida	Abrange falas dos egressos que evidenciam a importância da formação recebida para o seu desenvolvimento pessoal, social e econômico.

Fonte: elaborado pelo autor

Tais categorias emergiram das articulações que se buscou fazer entre os objetivos da pesquisa realizada, os dados coletados e o referencial teórico estudado, sobretudo no que concerne à concepção defendida, neste trabalho, pela qual o Ensino Médio Integrado à EPT é compreendido como caminho alternativo de luta pela oferta de uma formação integral aos jovens brasileiros, levando em consideração as suas dimensões física, afetiva, ética, estética, política e social, em contraposição a uma formação instrumental com vistas ao mero atendimento de demandas mercadológicas (Moura, 2007; Ramos, 2014).

Feita essa breve apresentação sobre os aspectos metodológicos que nortearam a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas e, conforme a categorização explicitada no Quadro 5, far-se-á, a seguir, a sua interlocução com o referencial teórico adotado neste trabalho. Ao mesmo tempo, buscar-se-á tecer as interpretações e inferências decorrentes.

▪ **CAT01 - EMI e a promoção de formação humana**

Os conteúdos abrangidos por esta categoria estabelecem relação de aproximação com uma das dimensões centrais da concepção de uma formação omnilateral, a qual compreende necessidades formativas relativas à disseminação de valores como liberdade, autonomia e respeito às diferenças, com vistas ao fomento de um sadio convívio humano. Nessa perspectiva, é possível estabelecer diálogo com o seguinte entendimento de Marise Ramos:

[...] uma educação integrada contribui para a formação de sujeitos autônomos que possam compreender-se no mundo e dessa forma, nele atuar, por meio do trabalho, transformando a natureza em função das necessidades coletivas da humanidade e, ao mesmo tempo, cuidar de sua preservação face às necessidades dos demais seres humanos e das gerações futuras (RAMOS, 2014, p. 93).

A essa compreensão pode-se ainda associar a de Paolo Nosella (2007), quando enfatiza a necessidade de a escola, inspirada nos ideais educacionais gramscianos, promover no educando o fomento ao exercício da liberdade, com responsabilidade, ainda que não se desvincule de propostas de ensino, pautadas no rigor e na disciplina. Nesse sentido, assevera o autor, “o educador não pode jamais perder de vista o horizonte de liberdade plena, concreta e imanente como

objetivo fundamental da educação.” (NOSELLA, 2007, p.150).

Consoantes a ambas as concepções supracitadas estão as falas dos egressos (E2KS, E3NS, E5TN e E6TV), cujo teor explicitam suas percepções acerca de um ensino promotor de autonomia e liberdade:

Quando eu entrei aqui, eu tinha apenas 14 anos, então, eu amadureci aqui dentro, porque é bem diferente de outras escolas que têm reunião de pais; os pais estão te acompanhando... Aqui não! É você e é você. Então, isso fez com que eu crescesse e amadurecesse aqui dentro mesmo. E eu vejo que isso me ajudou bastante, porque hoje eu resolvo tudo por mim, sozinha, e isso no mercado de trabalho é muito importante (E2KS).

[...] A minha maior felicidade foi, realmente, conseguir ser independente como eu sou hoje. Hoje em dia eu vou muito mais atrás de tudo na minha vida, seja a parte de saúde, resolver algum problema, resolver algum trabalho, alguma pendência... sempre por conta dessa liberdade que o IFCE me trouxe, que esse momento da minha vida me trouxe. Então, essa liberdade é o maior ponto que eu tive aqui no IFCE (E3NS).

Como eu estudei numa escola onde tudo era muito mais rígido, então, aqui eles dão muito liberdade para você, tipo: você pode ir à aula ou não; o professor não tá ali segurando você... então, você ver de tudo: pessoas andando pelos corredores, você tem muita liberdade aqui. Eu acho que isso trouxe para mim muito uma ideia de responsabilidade, trouxe para mim um amadurecimento nesse ponto (E5TN).

Como eu vim da rede particular e o colégio de onde eu vim era bastante rígido nas regras, era tudo bem fixado; você não tinha muitas possibilidades de interação dentro do ambiente escolar: era da entrada para dentro da sala de aula e da sala para fora. [...] Assim, foi um baque; eu vim de uma estrutura rígida para uma estrutura tão flexível como a do IFCE, que dá tanta liberdade para os seus alunos (E6TV).

Somem-se aos relatos supra destacados, as percepções de dois egressos, em cujos relatos ficou evidenciado que durante seu processo formativo no IFCE/Campus Fortaleza, promoveu-se a obtenção de aprendizagens relacionadas ao respeito às diferenças e ao consequente preparo para uma saudável convivência humana. Nesse sentido, assim se expressa o egresso E6TV: “com relação à cultura, foi a cultura que eu adquiri aqui, vivendo este espaço tão aberto, de tão livre expressão: pessoas de todos os gêneros, todas as escolhas sexuais, com as suas liberdades aqui dentro... aprendi a respeitar mais as pessoas”. Por sua vez, a egressa E3NS sublinha em seu relato a heterogeneidade de sua turma, destacando os diferentes perfis de pessoas que a compunham: “[...] tinha pessoas de cada tipo de pensamento; tinha pessoas de jeitos, de peculiaridades, de modo que cada uma pessoa era especial. [...] Mas aí a gente ia aprendendo, também, a

lidar com a diferença do outro”. Ambas as falas, portanto, apresentam elementos importantes indicadores de uma formação para uma vivência harmoniosa em sociedade, considerando o outro em sua individualidade e em sua dignidade de ser humano, isto é, evidencia-se a influência humanizadora da formação recebida pelos egressos.

- **CAT02 - EMI e o oferecimento de múltiplas experiências formativas**

Nesta categoria de análise foram agrupados os relatos dos egressos relacionados a vivências de experiências formativas para além dos limites da sala de aula, buscando-se destacar suas contribuições para a materialização de uma educação que englobe diferentes dimensões dos educandos, como defende Bezerra (2013), ao refletir sobre o ideal marxiano de uma formação omnilateral, ressaltando os numerosos desafios que limitam sua implementação, conforme se vem discutindo ao longo do presente trabalho.

Considerando tal imperativo, torna-se imprescindível que as instituições de ensino, cuja oferta se volta para o EMI, engendrem esforços para que, não só os seus currículos, mas sobretudo as suas práticas pedagógicas se pautem na concepção filosófica de formação humana, considerando que “sob a perspectiva da integração entre trabalho, ciência e cultura, a profissionalização se opõe à simples formação para o mercado de trabalho. Antes, ela incorpora valores éticos-políticos e conteúdos históricos e científicos que caracterizam a práxis humana (RAMOS, 2014, p. 5). Ademais, a oferta de experiências formativas diversificadas aos educandos demanda extrapolar os limites da sala de aula, por meio de práticas laboratoriais, visitas técnicas, feiras e eventos artísticos, culturais e esportivos, bem como momentos de socialização e de integração entre alunos e professores de diferentes cursos.

Nessa perspectiva, pode-se fazer uma interlocução com os dados obtidos a partir da aplicação do questionário online que constituiu a primeira etapa da pesquisa, tendo em vista que eles revelaram que 90,2% dos egressos respondentes afirmaram ter se envolvido em várias atividades extraclasse promovidas pela instituição de ensino, durante a realização de seus respectivos cursos. Já no âmbito da segunda etapa da pesquisa, a análise do conteúdo das

entrevistas concedidas evidenciou a importância que os egressos conferem a tais atividades para o enriquecimento de seu processo formativo, cujos principais elementos estão explicitados nas seguintes falas:

Além da sala de aula, eu participei de algumas atividades esportivas. Eu fui aluno da natação, alguns semestres eu participei da musculação, mas, predominantemente eu fui aluno da natação. [...] Da minha muitos dos meus colegas e amigos participam de competições até hoje, por conta dessa experiência que o IFCE proporcionou, formando atletas, além de técnicos. [...] Além da JAC (tinha a SEC, semana esportiva e a JAC, um tipo de mostra cultural). Isso contribuiu, tanto para unir nossa turma, como a nossa turma com as outras, num aspecto mais amplo (E1AJ).

Além da sala de aula... atividades culturais, por exemplo a Semana Esportiva e Cultural. É uma coisa que combina bem com o ensino médio, porque tira a gente um momento da sala de aula e leva para outras atividades, que não deixam de ser importantes, né!? que tratam da cultura, do esporte. Eu pratiquei vôlei e natação, mas eu não era da equipe oficial (E2KS).

Eu fui atleta do Instituto Federal do Ceará por dois anos; eu fui goleira de handebol da seleção. Viajei para Iguatu, na minha primeira viagem, para o campeonato cearense que teve lá. Foi o meu primeiro contato com esse nível de esporte que eu nunca tinha visto na minha vida. [...] Foi um momento de êxtase na minha vida tanto profissional como humana, de certa forma. E os laços que eu consegui estabelecer naquele campeonato, realmente, são levados para minha vida até hoje. Sem contar os números benefícios que o esporte traz para nossa vida: saúde, bem-estar, essa questão de competitividade... é algo muito importante que merece todo incentivo do mundo, do Instituto Federal; merece uma continuidade um trabalho como esse (E3NS).

Como se pode verificar, nos três relatos destacados há recorrentes menções a atividades esportivas e culturais, enfatizando o papel de tais práticas para a formação do educando em outras dimensões de sua vida, sem se restringir a apenas aprendizagem dos conteúdos ministrados em espaço exclusivo de sala de aula. Outros três relatos contemplam o mesmo entendimento:

[...] Eu consegui aproveitar tudo o que o IFCE tinha para me oferecer; eu fiz todos os esportes que eu podia fazer: natação, basquete. Então, eu conheci esportes que eu nunca me imaginei jogando. [...] Eu gosto muito falar da SEC, porque ela é uma semana de Arte e Cultura do IFCE, já que ela, além de fazer o clima de competição entre os cursos, ela une a turma e faz você fazer coisas que você nunca imaginou fazendo: você faz apresentações teatrais, você faz apresentação de música. [...] toda essa experiência eu consegui aqui no IFCE, porque nas minhas antigas escolas eu ia, estudava para tirar uma nota boa e voltava para casa. Aqui não. Aqui eu consegui viver coisas que eu nunca iria viver se eu não tivesse entrado no IFCE (E4RL).

Para mim, a maior de todas, com certeza foi a natação [...] eu fiz parte da equipe de natação daqui; consegui viajar, fui para fora do Nordeste e, assim, a gente ganhou o campeonato. [...] Isso também me trouxe tanto a questão de consciência corporal, de que você tem que cuidar da sua saúde, tanto na parte acadêmica. [...] Experiência cultural teve a JAC, a gente participou também (infelizmente não ganhamos!). É uma semana cultural daqui, onde todos os semestres vão se reunir e cada semestre preparar alguma coisa: dança, teatro, canto, enfim, e aí eles apresentam, competem para ver quem vai ser o grande vencedor. Eu acho que essa foi uma experiência muito boa também. Eu guardo muitas boas lembranças desse momento (E5TN).

Eu tive a oportunidade de várias experiências; tive a oportunidade de experiências com ciclo de palestras organizados por professores; minicursos divulgados aqui no IFCE [...] Tive prazer de aqui praticar muitos esportes e, quando eu saí daqui, eu percebi que esse embasamento que eles me deram desses esportes, no mundo lá fora, para as pessoas mais leigas, eles me viam como um profissional daquele esporte. Tive o prazer de praticar aqui capoeira, praticar basquete, praticar natação... e nisso eles dão um embasamento bastante considerável (E6TV).

No caso das práticas esportivas, destaque-se a impressão manifestada pelo egresso E6TV, em relação ao nível de aprofundamento conferido a elas, ao relatar o seguinte: “quando eu saí daqui, eu percebi que esse embasamento que eles me deram desses esportes, no mundo lá fora, para as pessoas mais leigas, eles me viam como um profissional daquele esporte.”, o que encontra respaldo na fala do E1AJ, quando diz: “Em relação aos meus colegas de turma [...] alguns deles seguiram aquele caminho, que eu te disse, do esporte, e estão focando um pouco mais em competição.”

Relatos como esses mostram que um ensino de qualidade pode oportunizar aos jovens o delineamento de percursos profissionais também no âmbito esportivo, ao mesmo tempo em que oferece o preparo para o exercício de profissões técnicas e o concomitante acesso ao ensino superior público, como se irá discutir na categoria CAT04.

- **CAT03 - EMI e o suporte à permanência do estudante**

Os conteúdos extraídos dos depoimentos dos egressos e agrupados nesta categoria induzem a reflexões concernentes à relação entre a concessão de auxílios estudantis e a permanência, com êxito, do estudante, dialogando com algumas das problematizações provocadas nos capítulos 2 e 3 deste trabalho, sobretudo no que tange ao tema das desigualdades sociais que influenciam

diretamente nos processos educativos. Nessa perspectiva, não é suficiente possibilitar aos filhos da classe trabalhadora apenas o acesso a instituições de ensino com boa infraestrutura, bem equipadas em suas instalações físicas e com professores altamente qualificados; é fundamental que se leve em consideração, também, outras necessidades demandadas pelos processos formativos com vistas a alcance do sucesso do educando, a exemplo das suas demandas de alimentação, transporte, custeio de materiais didáticos, apoio psicopedagógico, dentre outras.

No que tange ao contexto do EMI, tais demandas se tornam ainda mais presentes, tendo em vista que a jornada estudantil geralmente abrange o turno integral, exigindo do educando maiores níveis de comprometimento com o curso, o que muitas vezes não é possível sem o suporte das bolsas e auxílios estudantis. Levando isso em conta, o atendimento de tais necessidades é tratado como prioritário por Maria Ciavatta, quando assevera:

Primeiro, as necessidades dos alunos para cumprir um percurso de estudos, em termos de locomoção, de alimentação, de renda mínima para se manter e manter-se na escola; segundo, a existência de instalações que ofereçam laboratórios, biblioteca, ateliês, espaços de lazer, oficinas onde aprender a teoria e a prática das disciplinas e dos projetos em curso (CIAVATTA, 2005, p. 15).

Considerando a importância do assunto, O IFCE lançou o Plano Estratégico para Permanência e Êxito dos seus estudantes, com vigência durante o período de 2017 a 2024 e aprovado pela Resolução Consup nº 67, de 31 de julho de 2017. Por meio dele são traçados objetivos e metas a serem perseguidos por todos os seus *campi* no combate à evasão e à retenção. O referido Plano (VIEIRA, GALLINDO e CRUZ, 2017, p. 9) pontua que as causas principais destes dois fenômenos escolares estão especialmente relacionadas a fatores que envolvem questões individuais dos estudantes; fatores internos à instituição, que se referem a problemas relacionados à infraestrutura, ao currículo, à gestão administrativa e didático-pedagógica e fatores externos à instituição, que se relacionam às dificuldades sociais e financeiras do estudante, sendo em torno destes últimos que geralmente são pensadas as políticas e ações de assistência ao estudante, sem que sejam desprezadas as influências dos demais fatores.

Diante desse diagnóstico, no que concerne especificamente às políticas e

ações de assistência estudantil, o Plano Estratégico para Permanência e Êxito dos estudantes do IFCE propõe ações no sentido de “elevar gradualmente o investimento em programas de assistência estudantil visando a garantir as condições necessárias à permanência dos estudantes e de “otimizar o acesso aos estudantes dos recursos destinados aos diversos tipos de auxílio (VIEIRA, GALLINDO e CRUZ, 2017, p. 39).

Embora os egressos participantes da pesquisa ora relatada tenham concluído seus respectivos cursos quando o Plano supramencionado ainda estava em fase inicial de implantação, suas falas indicam que eles não enfrentaram grandes dificuldades para acessar as bolsas e auxílios disponibilizados pela instituição e que reconhecem a relevância desse suporte para seu sucesso estudantil e/ou de seus colegas de turma, como ilustra o seguinte relato:

Os auxílios me ajudaram muito, porque era um ensino público, é claro, e a minha família não tinha que pagar, mas o ensino técnico, a gente tem que passar o dia aqui, tem a educação física, tem que pagar almoço, a passagem, que era uma realidade que eu não tinha, por sempre ter estudado próximo de casa. Então, a minha mãe, finalmente, conseguia ter um fôlego, quando eu comecei a receber os auxílios, porque com eles eu consegui me manter estudando dentro do IFCE. A minha realidade não era tão ruim sem eles; minha mãe conseguia me manter aqui, mas eu tinha colegas que, sem os auxílios, eles não comiam, não almoçavam (E4RL).

Semelhante compreensão é evidenciada em outra fala, pela qual se destaca a importância dos auxílios recebidos para custeio de material escolar, além das outras necessidades explicitadas no relato anterior:

[...] eu tinha que me deslocar; às vezes eu passava o dia aqui, porque eu tinha que estar no laboratório. Tem que ter alguma coisa para almoçar. Aqui tem a merenda, né, eles oferecem. Mas almoço...às vezes eu ficava aqui até às 9 h da noite e, por isso, a gente tinha que ter esse auxílio. E, também, para meios acadêmicos, né!? Às vezes a gente tem que fazer alguma coisa, um relatório, um trabalho, um artigo... Então esse auxílio, realmente, ajudou bastante. Eu recebi o auxílio-óculos, auxílio-alimentação e auxílio-transporte (E5TN).

Em dois outros relatos, assim como no primeiro, verifica-se uma grande satisfação dos egressos em poder contribuir para a diminuição das despesas de seus pais, a partir do momento em que passaram a receber bolsas/auxílios de assistência estudantil, pois, como sublinhado na fala da primeira egressa citada

(E4RL), ainda que o ensino fosse público, havia gastos decorrentes da necessidade de ter que passar o dia inteiro no IFCE:

Bom, os auxílios estudantis, eles foram muito benéficos para mim, porque no começo, quando eu entrei aqui, eu não possuía carteira estudantil e a passagem metropolitana é bem mais cara do que a municipal, né? Como lá em casa só minha mãe que trabalha, era bem mais complicado. Quando eu consegui o auxílio estudantil, facilitou bastante, pois eu não precisava ficar pedindo sempre a ela. Nem alimentação, porque a gente teve acesso a auxílio-transporte e alimentação (E2KS).

Os auxílios estudantis vieram para mim num momento muito importante. Eu comecei a trabalhar com os meus 15 anos de idade, para ajudar os meus pais. [...] Realmente era uma contribuição que eu não consigo nem dimensionar, porque, para conseguir manter a rotina aqui no IFCE, que era de manhã, de tarde e de noite (eu também praticava esportes, fazia atividade física aqui). Então foi de extrema valia para mim. Com certeza, se eu não tivesse nenhum tipo de auxílio, não haveria como eu me manter até o final no meu curso técnico (E3NS).

Em suma, nota-se que os egressos avaliam positivamente a concessão de bolsas/auxílios de assistência ao estudante, executada pelo IFCE/Campus Fortaleza, e manifestam profunda gratidão por poderem contar com tal suporte com vistas à conclusão exitosa de seus cursos. Sem dúvida, as ações que estão sendo fomentadas na esfera do seu Plano Estratégico para Permanência e Êxito propiciarão um olhar mais acurado da instituição para a realidade socioeconômica de seus estudantes, ampliando ainda mais a cobertura do trabalho desenvolvido por seu setor de assistência social.

- **CAT04 - EMI e a viabilização concomitante de inclusão produtiva e de percursos formativos em nível superior**

A quarta categoria que emergiu das falas dos depoentes diz respeito à contribuição do EMI não só para sua inserção profissional no mundo do trabalho, mas também para o delineamento de percursos formativos em nível superior. A esse respeito, Moura (2007) destaca relevância dessa forma de oferta de ensino, de modo especial, no âmbito das Instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (a despeito da limitada oferta de vagas que faz com que os processos seletivos para ingresso em tais instituições sejam muito concorridos), as quais, historicamente, vem se configurando como

espaço promotor de uma aprendizagem sólida dos conhecimentos gerais trabalhados na esfera do ensino médio, propiciando condições de os jovens darem prosseguimentos a seus estudos em níveis mais elevados de ensino.

Destaque-se ainda a ressalva que o referido autor faz de que os “jovens não podem ‘se dar ao luxo’ de esperar até aos 20 anos ou mais para iniciar a trabalhar” (MOURA, 2007, p. 19), em comparação com os filhos das elites que, além de receberem um ensino médio de qualidade que lhes possibilita ingressar nas instituições públicas de ensino superior, recebem de suas famílias o suporte financeiro necessário para que possam se dedicar exclusivamente a seus estudos universitários. Como exemplo dessa realidade, destaca-se o depoimento do egresso E1AJ sobre a oportunidade, que o curso técnico integrado lhe deu, de poder conseguir um trabalho na área do seu curso técnico e, paralelamente, ingressar em um curso superior: “eu queria fazer a graduação, mas eu também queria ter uma experiência de trabalho. E aí...foi uma coisa que deu muito certo.”. Complementando sua fala, o referido egresso também destaca o diferencial de ter estudado em uma instituição de referência como o IFCE para sua rápida inserção no mundo do trabalho, antes mesmo de concluir o curso:

A minha imagem toda, durante o curso, do IFCE, era isso: você fazia um curso técnico e quando você tava chegando na reta final, você tinha oportunidade, você tinha teste seletivo para fazer, tinha empresa procurando estagiário... Tinha esse mito de que vinham buscar os técnicos aqui, mas eu nunca acreditei. Até que vieram me buscar, realmente, aqui; me puxaram pela mão e me disseram: “vem aqui trabalhar”. Eu então falei: “pode ser, vamos” (E1AJ).

Ambas as citadas falas do egresso em questão corroboram os dados divulgados pela Pesquisa Nacional de Egressos dos cursos técnicos de nível médio da RFEPCT (SETEC/MEC, 2009), mediante a qual se constatou que mais da metade dos egressos pesquisados (57%) havia concluído ou estavam cursando o ensino superior e que 72% deles estavam vinculados a empregos formais, tendo 49% destes afirmado haver uma forte relação entre a área do curso técnico concluído e as suas respectivas atuações profissionais. Nesse particular, fazendo um paralelo com os dados obtidos a partir da aplicação do questionário online, conforme descrito no subitem 5.1 do presente trabalho, tem-se um percentual de 61% de egressos que percebem a existência de um considerável nível de correlação entre a área de sua atuação com a formação

recebida no curso técnico integrado.

Ainda seguindo esse prisma de interpretação, verifica-se que, dentre os seis entrevistados apresentados no Quadro 5, há cinco que ingressaram em instituições públicas de ensino superior, logo após a conclusão de seus cursos técnicos, de modo que, no caso de 4 deles, constata-se uma relação direta entre o ensino técnico recebido no IFCE e o curso superior que estão fazendo atualmente, podendo se constatar ainda uma relação de aproximação entre tais áreas, em relação à egressa E3NS, que cursa atualmente Jornalismo e concluiu o curso técnico integrado em Telecomunicações.

A seguir, são citadas as falas de alguns egressos que, assim como o egresso E1AJ, relatam ter alcançado, após a conclusão do curso técnico integrado, não só a sua inserção profissional, como também o ingresso em um curso superior:

A minha expectativa, após sair do Instituto Federal... Eu sabia que era necessário continuar em alguma empresa, fazer alguma coisa do tipo. Então, realmente, eu consegui um emprego de suporte técnico numa faculdade e, nessa faculdade, eu desenvolvi, durante um ano, o mesmo trabalho que eu desenvolvia na Reitoria. Também recebi muitos elogios pela prática que eu tinha, pela experiência que eu tive dentro do IFCE. [...] Então, eu me dediquei também, paralelamente, ao estudo para poder conseguir fazer o Exame Nacional do Ensino Médio e consegui uma nota boa para entrar na universidade e, assim, continuar o meu curso (E3NS).

Eu passei onze meses como contratada na empresa que eu trabalho e passei para Engenharia de Telecomunicações. [...] Quando terminei o primeiro semestre, eles abriram seleção pra supervisora de suporte de lá e eu me inscrevi. Como eu posso agora fazer a grade do jeito que eu quero, quantas cadeiras eu consigo fazer, eu aceitei o cargo e estou há três meses como supervisora de lá. Sou a supervisora mais nova e a única mulher, então, é uma revolução na empresa (E4RL).

Tais relatos expõem a necessidade de inserção precoce no mundo do trabalho, imposta aos filhos da classe trabalhadora no contexto da sociedade de mercado na qual precisam construir seus projetos de vida individuais e ante “a extrema desigualdade socioeconômica que obriga grande parte dos filhos da classe trabalhadora a buscar a inserção no mundo do trabalho, visando complementar o rendimento familiar, ou até mesmo a auto-sustentação, muito antes dos 18 anos de idade” (MOURA, 2007, p. 19).

Além disso, fica evidenciada a relevância do ensino ofertado pelo IFCE/Campus Fortaleza para fins de prosseguimento de estudos em nível superior, possibilitando aos egressos escolher itinerários formativos atrelados à

área de formação do curso técnico concluído, ou mesmo enveredar por outros percursos formativos totalmente distintos, sem que tal mudança seja encarada como desperdício de dinheiro público, levando-se em conta a suposição de que um aluno de 14/15 anos, ao ingressar no ensino técnico de nível médio, não dispõe de referências suficientes para deliberar definitivamente quanto à sua área de atuação profissional.

▪ **CAT05 - EMI e sua importância para promoção de melhores condições socioeconômicas de vida**

A quinta e última categoria de análise adotada engloba falas dos egressos que evidenciam a importância da formação recebida para o seu desenvolvimento integral e, em consonância com o referencial teórico discutido, sublinhando o papel do EMI no contexto contraditório da realidade político-econômica hodierna do Brasil. Nesse sentido, retoma-se o posicionamento de Ramos (2014, p. 84), quando defende “uma concepção de formação humana, com base na integração de todas as dimensões da vida no processo educativo, visando à formação omnilateral dos sujeitos” e sinaliza o EMI como caminho a ser trilhado nessa direção.

Evidentemente, como já se ressaltou de diversas formas neste trabalho, compreende-se que a proposta EMI não pode ser romantizada, no entanto, entende-se também que essa é uma enorme conquista social proveniente das muitas lutas históricas que se têm travado em prol de uma educação emancipatória e progressista e que, portanto, precisa ser defendida das tentativas de desmonte decorrentes dos ataques denunciados por Moura e Lima Filho (2017), como refletido no capítulo 3 desta produção acadêmica. Ademais, é oportuno salientar que tal proposta formativa, segundo Moura (2007), é tida como uma solução transitória que considera as especificidades da realidade brasileira, as contradições da legislação educacional do Brasil, mormente em um momento como o atual, marcado por grandes incertezas em relação aos rumos que tomarão as políticas de educação do País. Assim,

[...] é preciso ter claro que essa gradativa expansão da oferta de ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio não visa, em princípio, a sua universalização. Entretanto, objetiva sedimentar as

bases, plantar as sementes de uma futura educação politécnica ou tecnológica, essa sim deverá ter caráter universal (além de ser pública, gratuita, laica e de qualidade), mas só poderá ser implantada quando as condições objetivas da sociedade brasileira assim o permitir. Enquanto isso, a prioridade deverá ser consolidar essa oferta que conjuga ensino médio e educação profissional na perspectiva da formação integral dos sujeitos que a ela tiverem acesso (MOURA, 2007, p. 28).

A partir do diálogo estabelecido entre tais reflexões teóricas e os depoimentos dos egressos entrevistados, pode-se constatar que todos eles atribuem elevado grau de importância à formação advinda dos seus respectivos cursos técnicos integrados, o que referenda os resultados obtidos por meio do questionário online aplicado na primeira etapa da pesquisa, os quais revelaram que 85,4% dos egressos se mostraram satisfeitos, se considerada a somatória dos percentuais daqueles que informaram estar “Muito satisfeito” (63,4%) com o daqueles que se afirmaram estar “Satisfeitos” (22%). De modo semelhante, os referidos dados também evidenciaram que a maioria dos egressos (76,8%) considera que a formação recebida no curso técnico integrado teve grande importância para sua trajetória de vida e sucesso profissional.

Por outro lado, tomando como referência as especificidades dos relatos, sob uma perspectiva qualitativa, é possível apreender alguns sentidos atribuídos pelos egressos à formação recebida. O primeiro deles é encontrado em falas que se atrelam à promoção de desenvolvimento humano, a exemplo da seguinte: “O IFCE me mudou desde o dia que eu cheguei: como pessoa, como colega, como filho; em todos os aspectos da minha vida eu me tornei diferente” (E1AJ). Tal percepção também está contida em outros depoimentos:

O IFCE, de certa forma, ele foi um divisor de águas na minha vida. Quando eu entrei aqui, aos 13 a 14 anos, eu era apenas uma menina [...] E a partir do momento que eu fui me desenvolvendo como aluna, como pessoa, eu fui desenvolvendo a felicidade em quebrar obstáculos: aquela menina que era boa em humanas se tornou boa em matemática, se tornou boa em comunicação, se tornou boa em informática, se tornou boa em relacionamentos com os outros, se tornou boa em conhecer um mundo novo, em ter empatia por alguém. O IFCE trouxe esse meu lado humano (E3NS).

Em três anos e meio, eu virei outra pessoa; uma pessoa madura. Em comparação com as pessoas da minha idade que estão saindo do ensino médio, é uma pessoa totalmente diferente; é uma pessoa que tem uma maturidade (E4RN).

[...] eu aconselho todo mundo a se formar aqui, porque, realmente, o IF é uma instituição que forma você como pessoa, como profissional, traz valores éticos... forma você para ser um ser humano melhor, não só um

profissional. Eu acho que traz muito dessa humanização da pessoa (E5TN).

Um segundo sentido que aparece nos depoimentos situa-se na compreensão do curso concluído como um divisor de águas, expressão que aparece na fala transcrita da egressa E3NS, citada acima (e também na do egresso E6TV), quando ela faz o seguinte comentário sobre o curso técnico integrado: “é um divisor de águas para quem faz: você é alguém antes de entrar no IFCE, e você é outra pessoa depois que você sai, tanto profissionalmente quanto pessoalmente, culturalmente... Você nunca sai daqui do jeito que você entra”. Reforçando essa percepção, segue o trecho do depoimento de outra entrevistada:

O IF foi, com certeza, um divisor de águas entre o antes e o depois. E foi ótimo! Eu realmente achava que ia trazer para mim (e trouxe!) o que eu imaginava, que foi o encaminhamento acadêmico e profissional, também porque o curso que eu fiz aqui me fez escolher a profissão que eu pretendo ser (E5TN).

Ainda que de forma indireta, nota-se que esse sentido também é expressado pela egressa E4RN, quando ela diz: “Eu não seria essa pessoa que agora trabalha, que ganha um bom salário, que vai conseguir fazer uma graduação para a família, se não tivesse entrado para fazer o curso técnico integrado em Telecomunicações, em 2014.” Portanto, verifica-se claramente que os egressos tratam o curso concluído como um marco nas suas vidas, sem o qual eles entendem que não teriam tido acesso às oportunidades acadêmicas e profissionais que lhes foram apresentadas, tampouco às transformações pessoais que julgam ter vivenciado.

Finalmente, o terceiro sentido evidenciado nos relatos dos depoentes constitui um desdobramento do segundo e diz respeito ao papel do curso para o delineamento de suas trajetórias de vida profissional/acadêmica. Como exemplos podem ser citados os seguintes:

O IFCE me **proporcionou uma formação um pouco mais focada, assim, já no que eu queria**. Hoje, na graduação, eu vejo diferença. Eu tenho muitos colegas de curso, hoje, lá, que têm zero contato com a área. Estão recebendo uma porrada assim, do zero. E aí eu vou lá e falo: “não, cara! Isso aqui eu sabia fazer no técnico, eu posso tentar te ajudar.” **O IFCE abriu meus horizontes pro que eu queria ser**; me ajudou com formação empreendedora, como formação de técnico, com formação pessoal. Hoje eu sou uma pessoa diferente e eu atribuo muito disso ao IFCE (E1AJ).

[...] O IFCE trouxe esse meu lado humano; ele trouxe um lado mais desenvolvido, mais centrado e mais calmo. Então, **ele trouxe essa construção de um novo “eu”, que não conhecia**, mas que **eu sou muito grata pela realização e pela forma que ele me tornou**; pela jornalista que eu serei e pela pessoa honrada, grata, completamente grata, por tudo o que o IFCE trouxe para minha vida (E3NS).

Quando eu me formei, eu fiz o discurso dizendo que **eu tenho que dar todas os agradecimentos ao IFCE, porque aqui eu conheci, realmente, a paixão da minha vida. Telecomunicações** eu não tinha a mínima noção do que era e, **atualmente, ela guia a minha vida**: eu trabalho com isso, meu namorado trabalha com isso, eu conheci ele por isso, eu estudo isso...**Sem Telecomunicações eu não sei o que eu seria**. E sem o IFCE, eu não teria conhecido Telecomunicações (E4RN).

A importância desse curso na minha vida foi crucial! **Esse curso**, como eu **disse, ele me abriu horizontes**; ele abriu a minha mente. [...] **ele é um curso que lhe abre portas...** para mim ele foi um divisor de águas. Eu vejo que, talvez, se eu não tivesse feito ele, eu estaria ainda fazendo um preparatório, tentando entrar em uma universidade e em busca de um emprego, ainda que **seria bem complicado de conseguir só com ensino médio** (E6TV).

Pelos relatos destacados, evidencia-se que, para os depoentes, seus respectivos cursos técnicos integrados concluídos no IFCE possibilitaram-lhes traçar percursos profissionais e acadêmicos que lhes conferem orgulho e satisfação. Também é notório o sentimento de gratidão que eles nutrem pela Instituição que os formou e, nesse particular, considerando o fato de o Instituto Federal do Ceará integrar a RFEPCT, e que as reflexões feitas no presente trabalho apontam para a necessidade de defesa dessa Rede, compreende-se que os depoimentos concedidos pelos egressos, de modo geral, contribuem para isso, uma vez que, empiricamente, traduzem as reflexões de Pacheco (2011, p. 17) sobre o projeto progressista de sociedade que ela sustenta, entendendo a educação “como compromisso de transformação e de enriquecimento de conhecimentos objetivos capazes de modificar a vida social e de atribuir-lhe maior sentido e alcance no conjunto da experiência humana”, o que encontra ressonância na fala da egressa E4RN: “Eu sou a primeira pessoa da família a fazer uma graduação, graças ao Instituto. Então, a minha família vai realmente mudar socialmente, graças ao Instituto Federal. Então eu tenho só agradecer.”

6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Antes de se adentrar à descrição do produto educacional resultante da pesquisa de que trata esta produção acadêmica, considera-se importante discutir brevemente acerca de alguns aspectos teórico-metodológicos relacionados à produção de um documentário, destacando suas especificidades e pertinência, em consonância com os objetivos condutores da pesquisa empreendida.

Para Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005), o uso de vídeo em pesquisas qualitativas configura-se como um método de observação indireta de coleta de dados, cuja relevância compreende a possibilidade de permitir que se lance um olhar mais acurado sobre o fenômeno estudado, visto que as imagens captadas podem ser revistas diversas vezes, de modo a minimizar as falhas da percepção do pesquisador. Segundo as autoras “A utilização simultânea de áudio e de vídeo por meio de filmagem em pesquisas qualitativas constitui escolha metodológica, no sentido de apreender o fenômeno complexo em que os discursos e as imagens são suas partes inerentes” (PINHEIRO, KAKEHASHI E ANGELO, 2005, p.720).

Entendimento semelhante ao das referidas autoras é manifestado por Loizos (2002), ao apontar uma das principais razões que justificam aplicações de métodos visuais (fotografia e vídeo) a serviço da pesquisa social:

o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. Consequentemente, "o visual" e "a mídia" desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. Eles se tornaram "fatos sociais", no sentido de Durkheim (LOIZOS, 2002, p. 137).

Nessa perspectiva, considerando que o produto educacional derivado da pesquisa ora relatada constitui um documentário, no qual se combinam imagens estáticas, não estáticas e áudio, postula-se sua pertinência e aplicabilidade, não apenas como recurso de ensino, mas também de gestão, em função do grande apelo audiovisual que o envolve, pois, conforme informações disponibilizadas no site da Agência Carcará Publicidade e MKT Digital¹⁸: “A linguagem visual tem um alcance maior na sociedade, devido ao imediatismo da compreensão das

¹⁸ Disponível em: <http://agenciacarcara.com.br/producao-de-videos-para-publicidade-em-brasilia/producao-de-video-para-documentario/>. Acesso em: 01 maio 2019.

imagens e, por isso, podemos impactar um número maior de pessoas”.

No que se refere aos aspectos conceituais desse tipo de produção audiovisual, Bill Nichols, autor do livro “Introdução ao documentário”, ressalva a dificuldade de se estabelecer um conceito capaz de contemplar todas as variações, formas, estilos sob as quais os documentários podem se apresentar, ainda que em plano mais amplo se possa estabelecer duas tipologias básicas de documentário: de ficção e de não ficção (de representação social). Assim, na perspectiva desse autor, “a definição de ‘documentário’ é sempre relativa ou comparativa” (NICHOLS, 2005, p. 47).

Ainda segundo o supracitado autor, “os documentários representam questões, aspectos, características e problemas encontrados no mundo histórico” (NICHOLS, 2005, p. 72) e, considerando-se seus múltiplos formatos e estilos, podem assumir várias finalidades e “vozes” (representações), a exemplo das que emergem do campo da pesquisa social ou histórica. Desta forma, “a voz do documentário atesta seu engajamento numa ordem social e sua avaliação dos valores subjacentes a essa ordem. É a orientação específica para o mundo histórico que dá ao documentário sua voz própria” (NICHOLS, 2010, p.92).

Partindo desse entendimento, a proposta de produção de um documentário, a partir dos depoimentos concedidos pelos egressos, pode assumir a perspectiva de defesa da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), um dos principais *lócus* de oferta do Ensino Médio Integrado à EPT, destacando sua relevância para a transformação das condições de vida de milhares de jovens brasileiros. Nesse sentido, tal produção audiovisual, movida pela hipótese de que as falas dos egressos teriam muito a comunicar e a contribuir para o alcance dos objetivos norteadores do presente trabalho, procurou dar voz a ex-alunos dos cursos técnicos integrados à EPT oferecidos pelo IFCE/Campus Fortaleza (Mecânica Industrial, Química e Telecomunicações), a fim de evidenciar suas percepções acerca da formação recebida.

Apresentados esses referenciais teórico-metodológicos, far-se-á, a seguir, a descrição do processo específico de produção do documentário resultante da pesquisa desenvolvida, sobretudo no que se relaciona aos aspectos técnicos demandados para o desenvolvimento desse tipo de recurso audiovisual, a saber: planejamento, roteiro, cena, filmagens, edição e finalização. Neste quesito, é importante destacar que, inicialmente, planejou-se fazer um investimento pessoal,

com vistas à aquisição dos equipamentos imprescindíveis ao desenvolvimento do trabalho (câmera filmadora, microfone de captação externa, programas de edição de vídeo, etc.), bem como se dispôs a participar de um curso de cinema e vídeo de curta duração. No entanto, em decorrência das limitações de disponibilidade de tempo e do surgimento de graves problemas de ordem familiar e pessoal, optou-se pela contratação de uma mini produtora, à qual coube realizar a filmagem das entrevistas, a edição das imagens e áudios captados, a finalização do vídeo, bem como dar suporte na criação do roteiro de pré-produção e pós-produção.

O planejamento das filmagens se deu durante todo o mês de outubro de 2018, quando se discutiu com os egressos, por meio do aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp, questões relacionadas ao local das entrevistas e às datas de coleta de cada depoimento. Assim, definiu-se como local de realização das filmagens a Sala de Videoconferência do IFCE/*Campus* Fortaleza, pelo fato de se necessitar de um local reservado, que permitisse o mínimo possível de interferências externas, ruídos, distrações que pudessem desviar a atenção dos entrevistados ou comprometer a qualidade dos áudios e imagens. Paralelamente, discutiu-se também sobre possíveis datas, com vistas à definição do cronograma das filmagens, chegando-se ao consenso das datas informadas no subitem 5.2.

Às vésperas da realização das entrevistas, contatou-se todos os participantes, a fim de assegurar suas presenças, no entanto, mesmo com esse cuidado, três egressos acabaram faltando na data e horário combinados e, dentre esses, dois apresentaram posteriormente pedidos de desculpas por não poderem mais participar da pesquisa, mas sem mencionar o motivo, e 1 não deu retorno algum. Apesar desses inconvenientes (já previstos, considerando-se o fato de as entrevistas serem filmadas e que, por essa razão, poderia provocar receios/medo de exposição frente às câmeras), verificou-se, posteriormente, que o número de seis depoimentos era o suficiente para a produção pretendida, tendo em vista a enorme quantidade de informação resultante dos depoimentos concedidos.

É importante destacar que a filmagem de cada entrevista foi precedida de um momento de contato inicial com cada um dos depoentes, a fim de que lhes fossem explicitados os objetivos da pesquisa, os procedimentos de filmagem que seriam adotados, além de dirimir possíveis dúvidas e tranquilizá-los acerca de quaisquer inseguranças que viessem a manifestar. Nesse momento, também

foram apresentados aos egressos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Autorização de Uso de Imagem, cuja assinatura era requisito indispensável para a participação nessa etapa da pesquisa.

No que concerne ao roteiro das gravações, é interessante destacar as considerações que faz Sérgio J. Puccini Soares, em sua Tese de doutorado intitulada “**Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção**”, defendida em 2007:

Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário. Continua com a definição dos personagens e das vozes que darão corpo a essa investigação. Inclui ainda a escolha de locações e cenários, definição de cenas, seqüências, até chegar em uma prévia elaboração dos planos de filmagem, enquadramentos, trabalho de câmera e som, entre outros detalhes técnicos que podem contribuir para a qualidade do filme (SOARES, 2007, p. 21).

No caso específico do documentário que se pretendia produzir, em consonância com os objetivos da pesquisa desenvolvida, o roteiro não demandou uma estrutura tão complexa, uma vez que exigia um número mínimo de cenas e de planos de filmagem, como também não precisou se ocupar com a criação de personagens, por não se tratar de um documentário ficcional; assim, por analogia, estes seriam representados pelos próprios egressos depoentes. Além do mais, é oportuno explicitar que o documentário produzido se enquadra na tipologia *talking head*, a qual, conforme esclarece Nichols (2005, p. 73), engloba documentários que se centram no discurso e, nesse caso, “a voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer”.

O processo de filmagem das seis entrevistas ocorreu tranquilamente, com exceção de um pequeno desconforto causado pelo atraso de mais de meia hora da última egressa a ser entrevistada, o qual foi justificado, no momento de sua chegada, como decorrência de problemas com uso do transporte público. Ilustrando esse momento da produção, a seguir, são apresentados alguns registros fotográficos:

Figura 1 - Processo de filmagem da entrevista com a egressa E2KS



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 2 - Processo de filmagem da entrevista com a egressa E4RN



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 3 - Momento de interação entre o pesquisador e o cinegrafista



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

A partir da visualização das imagens acima apresentadas, é possível ter uma ideia do cenário onde todos os depoimentos foram gravados, cuja composição básica se restringiu à presença da equipe de filmagem (com seus equipamentos de captação de imagem e de áudio), do pesquisador e do egresso entrevistado, este constituindo o foco principal dos registros audiovisuais que foram feitos. Para além desse cenário, foram realizados outros registros com o uso de câmera, os quais viriam a ser utilizados no processo posterior de edição do documentário: 1. Cena onde cada egresso aparecia rapidamente junto à logomarca do IFCE/*Campus* Fortaleza, valendo-se das expressões faciais, corporais que lhe fosse conveniente (a captação era feita sempre ao final de cada depoimento); 2. Cena em espaços da instituição escolhidos pelos egressos como representação de algumas memórias afetivas construídas ao longo o curso. Com isso, além de captar elementos adicionais para compor o quadro de montagens de evidência¹⁹, procurou-se oportunizar aos egressos o reencontro com espaços que invocassem memórias positivas de suas vivências formativas, levando-se em conta o entendimento de Ciavatta (2005), mediante o qual a escola é tomada como espaço de memória e de identidade:

¹⁹ Refere-se a “um repertório de imagens e sons mais diversificados, normalmente se apoiando em imagens de arquivo que são entremeadas por depoimentos.” (SOARES, 2007, p. 2011-2012).

Com isso queremos dizer que a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências, às relações que estabelecem. De outra parte, esse processo está fortemente enraizado na cultura do tempo e do lugar onde os sujeitos sociais se inserem e na história que se produziu a partir da realidade vivenciada, que constitui ela mesma “um lugar de memória” (CIAVATTA, 2005, p. 13).

Nessa perspectiva, além dos registros supramencionados, solicitou-se dos egressos fotografias de suas experiências formativas mais marcantes no IFCE, as quais viriam também a compor a estrutura narrativa do documentário, na fase de pós-produção, concernente às atividades de transcrição das entrevistas, seleção dos trechos dos depoimentos, trilha sonora e textos que deveriam compor o documentário (roteiro de pós-produção), além dos trabalhos de edição e finalização do vídeo, que seriam executados pela mini produtora contratada.

Houve ainda dois outros momentos de filmagem, os quais não envolveram a participação dos egressos: um deles constituiu o registro da fala do pesquisador, que por ser também egresso da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), achou pertinente usar seu relato como introdução aos depoimentos dos egressos que entrevistou. O outro momento de filmagem mencionado envolveu a captação de imagens aéreas das principais estruturas físicas que compõem o *Campus* Fortaleza do IFCE, as quais foram possibilitadas pelo uso de um drone disponibilizado pela mini produtora, registros que iriam ser usados na composição da abertura do documentário.

Finalmente, decorrido todo o processo de pós-produção, alcançou-se o produto educacional pretendido: o documentário intitulado “Marcas do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional”, cuja ênfase invoca novamente as reflexões de Ciavatta (2005, p.14) e expressa a intenção de contribuir para “o desenvolvimento consensual de um projeto de resgate da escola como um lugar de memória, das lembranças de seus personagens e momentos mais expressivos”.

Ademais, por meio da referida produção audiovisual, cujo link de acesso encontra-se disponibilizado no Apêndice A, buscou-se evidenciar a importância que os egressos entrevistados conferem à formação recebida no IFCE/*Campus* Fortaleza para as suas trajetórias de vida profissional e acadêmica, bem como se almejou, a partir de suas vozes, promover a defesa da referida Rede Federal, a

qual, como se discutiu ao longo deste trabalho, vive sob constante ameaça de desmonte, em função dos interesses privatistas que historicamente tentam interferir, muitas vezes com êxito, nas políticas públicas voltadas à área educacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso percorrido até aqui delineou-se a partir de reflexões teóricas e investigações empíricas empreendidas na tentativa de se buscarem respostas para a problemática levantada e, simultaneamente, alcançar a consecução dos objetivos que se propôs atingir ao término da pesquisa. Nesse sentido, o presente trabalho foi estruturado em seis capítulos, sendo o primeiro deles introdutório à temática pesquisada, mediante o qual se procurou contextualizá-la na conjuntura histórica, política e econômica que a circunscreve, além de demonstrar sua relevância para atualidade e apresentar os objetivos e métodos que conduziram cada etapa do estudo.

No segundo capítulo traçou-se um panorama histórico da dualidade estrutural da educação brasileira, relacionando-a com o seu ponto de origem: a propriedade privada, a partir da qual se tem o estabelecimento da divisão social do trabalho e, por derivação, do modo de produção capitalista, promotor e disseminador das desigualdades sociais, conforme Marx denuncia em todo o seu legado teórico. A partir de tal problematização, situou-se a história da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), apresentando seus caminhos e descaminhos, desde o seu nascimento, até os dias atuais, demonstrando-se como toda a sua trajetória seguiu uma lógica dual, configurada pela oferta de tipos distintos de educação orientada pelo critério de diferenciação de classes sociais, relegando as classes populares a uma educação limitada e sem prestígio social, totalmente oposta à que era destinada aos filhos das elites.

Considerando tal problemática, por meio do terceiro capítulo, empreendeu-se a discussão em torno do papel e da relevância do Ensino Médio Integrado - EMI como caminho alternativo de aproximação do ideal marxiano de uma educação omnilateral, sem ignorar a conformação que lhe é imposta pela sociedade de mercado na qual os processos educativos acontecem, além de todos os obstáculos político-econômico-ideológicos que limitam esse projeto intermediário. Em seguida, refletiu-se sobre a pertinência da pesquisa com egressos do EMI, como possibilidade de validação social de tal proposta formativa da RFEPECT, de modo a promover a defesa de sua manutenção, com qualidade e responsabilidade social, diante dos recorrentes e sistemáticos ataques por ela

sofridos.

Por sua vez, o quarto capítulo apresentou a metodologia de condução da pesquisa e caracterizou o seu público alvo, descrevendo os métodos, técnicas e procedimentos demandados para a coleta, análise e interpretação dos dados que se buscou obter.

Na sequência, por meio do quinto capítulo, procedeu-se às análises e discussões acerca dos dados obtidos através da aplicação de um questionário online e da realização de entrevistas semiestruturadas filmadas que subsidiaram o desenvolvimento do produto educacional almejado (que viria a ser descrito no sexto capítulo): um documentário sobre as trajetórias de vida profissional e acadêmica de seis egressos de cursos técnicos integrados, ofertados pelo IFCE/*Campus* Fortaleza, mediante o qual se evidenciou a importância que tais sujeitos atribuem à formação recebida, bem como a relevância social de seus depoimentos para a promoção da defesa do EMI e da própria RFEPCT, configurada como uma das maiores promotoras e divulgadoras dessa forma de oferta de ensino.

Dentre as várias informações fornecidas pelos dados levantados a partir da aplicação do questionário *online*, primeira etapa da pesquisa, verificou-se que os egressos respondentes, em sua maioria, avaliam positivamente, tanto a formação recebida durante a realização de seus respectivos cursos técnicos integrados, como a instituição que os formou, exceto no que se refere ao acompanhamento que esta faz com seus ex-alunos, quesito ante o qual somente 19,5% dos respondentes indicou um grau regular de satisfação, ao passo que o restante (80,5%) o avaliou como ruim/péssimo, fato que aponta para uma gritante necessidade de o IFCE/*Campus* Fortaleza engendrar esforços com vistas à definição de políticas institucionais que preencham essa lacuna. Positivamente, os dados também mostraram que 61% de egressos julgam haver um considerável nível de correlação entre a área de sua atuação profissional e a formação recebida no curso técnico integrado e que também 85,4% deles estão satisfeitos com a formação recebida, havendo um percentual de 76,8% daqueles que consideram que a referida formação teve papel relevante para sua trajetória de vida e sucesso profissional.

Por outro lado, no que tange às entrevistas semiestruturadas realizadas na segunda etapa da pesquisa, sob uma perspectiva qualitativa de análise, as falas

dos depoentes revelaram que eles consideram como muito relevante a formação recebida nos seus respectivos cursos técnicos integrados, destacando suas contribuições para a transformação de suas vidas em várias perspectivas: pessoal, social, acadêmica e profissional, ao proporcionar aos jovens um ensino comprometido com uma educação de qualidade, promotora de autonomia, liberdade, responsabilidade e respeito à alteridade.

Verificou-se ainda que os egressos carregam consigo um forte sentimento de amor e gratidão pela instituição que os formou, à medida que, em vários momentos de seus depoimentos, eles explicitaram a percepção de que o ingresso nela foi “um divisor de águas” que marcou todas as suas experiências de vida, tanto no âmbito de suas vivências no curso, quanto nas posteriores à sua conclusão. Além disso, os depoentes também destacaram a importância das ações de assistência social objetivadas na concessão de diversos auxílios estudantis/bolsas que colaboraram, decisivamente, para a permanência, com êxito, nos seus respectivos cursos.

Outra constatação interessante que se fez relaciona-se à satisfação que os entrevistados manifestaram, referente ao acesso a diversificadas práticas esportivas e culturais, com destaque para as primeiras, entendidas como experiências formativas enriquecedoras, promovendo, inclusive, o delineamento de percursos profissionais nessa área.

Finalmente, dos relatos colhidos, há que se destacar também a evidência de que o ensino técnico integrado possibilita não apenas inclusão profissional, mas permite o prosseguimento de estudos em nível superior, com destaque para o fato de que cinco dos seis egressos entrevistados encontram-se desenvolvendo cursos de graduação, todos em instituições públicas de ensino, os quais mantêm forte relação com as áreas de seus respectivos cursos técnicos. Tal realidade mostra que a formação que o EMI promove, ainda que não supere a dualidade educacional, ameniza seus efeitos nefastos na vida dos jovens que conseguem ter acesso a essa forma de oferta de ensino, isso porque não se volta apenas para propósitos de profissionalização visando ao atendimento exclusivo de demandas mercadológicas, mas, sobretudo, oportuniza condições de eles seguirem também outros percursos formativos, no âmbito da educação superior, historicamente configurada como um espaço elitista, como se viu no capítulo dois deste trabalho.

Feitas tais considerações, entende-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, tanto na perspectiva da pesquisa empírica, quanto na do desenvolvimento do produto educacional que dela se desdobrou, isto porque o documentário produzido, acredita-se, constitui uma ferramenta que pode ser utilizada para estimular reflexões institucionais junto aos mais diferentes seguimentos que compõem a instituição de ensino, além do fato de que, por este se tratar de uma mídia digital, sua disseminação e alcance pode ser bastante ampla, favorecendo a promoção do EMI e a defesa da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica perante a sociedade em geral.

Destarte, chega-se ao final deste trabalho com a convicção de que o EMI é uma importante alternativa de formação aos jovens oriundos da classe trabalhadora, uma vez que os seus resultados evidenciaram elementos de aproximação dessa forma de oferta de ensino com o ideal de uma educação omnilateral, embora se tenha consciência de que este, como defendido por Marx (2013), Mészáros (2008; 2011) e tantos outros autores do campo do marxismo, só poderá ser plenamente alcançado mediante a instauração de um outro projeto societal que supere o que está em vigor, estreitamente atrelado à lógica do modo de produção capitalista.

Considerando esse entendimento, há de se enfatizar que o EMI é uma realidade ainda possível, a despeito da contraditória e desafiadora conjuntura social, política e econômica em meio a qual ele se materializa, conforme amplamente se discutiu ao longo do presente trabalho. Diante disso, compreende-se que o momento atual exige de todos (pensadores envolvidos com tal temática, instituições de ensino e suas diferentes instâncias representativas, políticos, sociedade civil e todos os que estejam alinhados aos ideais sociais progressistas) um forte e expressivo engajamento com essa agenda, a fim de assegurar a manutenção das conquistas históricas obtidas por meio de tantas lutas sociais. Do contrário, corre-se o grande risco de que elas sejam suplantadas pelo projeto de desmonte da coisa pública que vem se deslindando veloz e assustadoramente no País.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em <
<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf> >. Acesso em: 31 mar. 2019.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; RODRIGUES, Doriedson do Socorro. **Referências sobre práticas formativas em Educação Profissional**: o velho travestido de novo ante o efetivamente novo. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v. 36, n.2, p. 51-63, maio/ago. 2010. Disponível em:
<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/download/218/201>. Acesso em: 28 jul. 2018.

ARQUIVO NACIONAL. Colégio das Fábricas. In: **Dicionário Período Colonial**, 2016. Fundo Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação, caixa 423, pacote 2. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/155-colegio-das-fabricas>. Acesso em: 05 mar. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEZERRA, Daniella de Souza. **Ensino médio (des)integrado**: história, fundamentos, políticas e planejamento curricular. Natal: IFRN Editora, 2013.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1988.

BRANDÃO, Zaia. et al. **Processos de produção de qualidade de ensino**: escola, família e cultura. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27. 2004, Caxambu. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/qt14/t147.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2019.

BRASIL, MEC/Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Pesquisa Nacional de Egressos dos Cursos Técnicos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (2003-2007)**. Brasília, 2009. Disponível em: <
<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/209-noticias/564834057/13381-pesquisa-revela-empregabilidade-de-ex-alunos-da-rede-federal>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024)**: Linha de Base. Brasília, DF: Inep, 2015.

BRASIL, **Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 04 jul. 2018.

BRASILEIRO FILHO, Samuel. **Trabalho, educação e reconhecimento**: uma investigação crítica dos pressupostos filosóficos e políticos do ensino técnico integrado. 2013. 286 f. Tese (doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2013.

BREMER, Maria Aparecida de Souza.; KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino médio integrado: uma história de contradições**. IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2217/208> . Acesso em: 05 maio. 2019.

ClAVATTA, Maria. **A formação integrada**: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. Trabalho Necessário, v.3, n.3, p. 1-20. 2005. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

ESPARTEL, Lélis Balestrin. **O uso da opinião dos egressos como ferramenta de avaliação de cursos**: o caso de uma instituição de ensino superior catarinense. Revista Alcance – Eletrônica, v. 16, nº 01, p. 102-114, jan/abr. 2009.

FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. **Curso de Estatística**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio; ClAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise. A gênese do Decreto n. 5154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: FRIGOTTO, G. *et al.* (Orgs.). **Ensino médio integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-56.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Romeu. A análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 79-108.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Da dualidade assumida à dualidade negada**: O discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente. Revista Educação & Sociedade. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1153-1178, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 05 mar. 2019.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. Campinas SP: Editora Alínea, 2007.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. 1. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. Tradução de Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 9-27.

MOURA, Dante Henrique. **Educação básica e educação profissional e tecnológica**: dualidade histórica e perspectiva de integração. Holos, Natal, v.2, p.4-30, 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>> Acesso em: 05 mar. 2019.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite. **A reforma do ensino médio**: regressão de direitos sociais. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 11, n. 20, p. 109-129, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/760/pdf>. Acesso em: 02 abr. 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. 5. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010.

NOSELLA, Paolo. **A Escola de Gramsci**. 5. ed. Ampl. - São Paulo: Cortez, 2016.

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores**: para além da formação politécnica. Revista Brasileira de Educação, v.12, n.34, p. 137-151, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a11v1234.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2019.

PACHECO, Eliezer. Institutos federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica. In: PACHECO, Eliezer (Org.) **Institutos Federais: uma revolução na**

educação profissional e tecnológica. Brasília, São Paulo: Editora Moderna, 2011. p. 13-32.

PINHEIRO Eliana Moreira, KAKEHASHI Tereza Yoshiko e ANGELO, Margareth. **O uso de filmagem em pesquisas qualitativas**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.13 n.5, 717-722, set./out. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000500016. Acesso em: 07 abr. 2019.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e Política da Educação Profissional**. 1. ed. Curitiba: IFPR EAD, 2014. (Coleção Formação Pedagógica, v. 5)

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SAN SEGUNDO, Mário; MARTINS, André Rosa. **Os ataques aos Institutos Federais**: a restauração neoliberal radical no governo Temer. Universidade e Sociedade - ANDES-SN, n.6, p. 140-155 jan. 2018. Disponível em: <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-1155219983.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação**: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação, Campinas, v.12, n.32, p. 52-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e Roteiro de Cinema**: da pré-produção à pós-produção. 2007. 250 f. Tese (doutorado em Multimeios) – Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

VIEIRA, Armênia Chaves Fernandes; GALLINDO, Erica de Lima; CRUZ, Hobson Almeida. **Plano estratégico para permanência e êxito dos estudantes do IFCE**. Fortaleza: IFCE, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional ora apresentado resultou da pesquisa intitulada MARCAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE EGRESSOS DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ/CAMPUS FORTALEZA EVIDENCIADAS EM UM DOCUMENTÁRIO, mediante a qual se buscou evidenciar os sentidos que os egressos atribuem à formação que lhes foi ofertada pelo IFCE/*Campus* Fortaleza e a importância que esta assume para a melhoria de suas condições materiais de existência e para sua autorrealização.

Nessa perspectiva, como resultado final da referida pesquisa, apresenta-se o documentário MARCAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, mediante o qual se procurou dar voz a egressos dos cursos técnicos integrados à educação profissional (Mecânica Industrial, Química e Telecomunicações) oferecidos pelo Instituto Federal do Ceará - FCE/*Campus* Fortaleza, destacando a importância desse ensino para as suas trajetórias de vida profissional e de formação.

Acredita-se que este produto educacional pode ser utilizado como uma relevante ferramenta de ensino, além contribuir para a promoção e defesa do Ensino Médio Integrado à EPT e da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), um dos principais *lôcus* de oferta dessa forma de ensino, destacando sua relevância para a transformação das condições socioeconômicas de milhares de jovens brasileiros, por meio do oferecimento de uma educação de qualidade, laica, gratuita e comprometida com a formação dos sujeitos em suas várias dimensões: profissional, ética, estética, política e social.

A supracitada produção audiovisual tem duração de 46 minutos e está disponível no Portal eduCAPES, podendo ser acessada através do link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432980>.

APÊNDICE B – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Entrevista com o egresso E1AJ (E= egresso, 1= número da transcrição, A= Iniciais do nome e último sobrenome) do curso técnico integrado em Mecânica Industrial, realizada em 22 de novembro de 2018, às 10 h, na Sala de Videoconferência do IFCE/Campus Fortaleza, com duração de 22 minutos.

LEGENDAS:

P = Pesquisador

E- Egresso(a)

1. Apresentação do(a) entrevistado(a):

- a) identificação: E1AJ
- b) idade: 19 anos
- c) estado civil: solteiro
- d) ano de conclusão do curso: 2018.1
- e) ocupação atual: estudante de Engenharia Mecânica

2. ANTES DO INGRESSO NO IFCE

P - Inicialmente, gostaria de pedir que você falasse um pouco sobre suas origens e sobre suas experiências estudantis durante o ensino fundamental

E - A minha história de vida e minhas experiências anteriores... eu venho uma família média; não é uma família rica, mas também não é uma família pobre. Eu tive acesso a ensino privado durante o ensino fundamental, numa escola de bairro; não foi numa escola pública, mas foi numa escola de bairro, em um colégio relativamente pequeno. Eu era um aluno mediano, não era um super aluno, mas eu sempre tive interesse na área de mecânica e aí eu vi no IFCE essa oportunidade de seguir o que eu sempre gostei.

P - Como se deu o processo seletivo para ingresso no curso técnico (motivações, preparação, dificuldades, expectativas)?

E – Certo. Como que eu entrei no IFCE e como eu fiquei sabendo do Instituto... Na verdade, eu já sabia da existência da Escola Técnica; alguns professores da minha escola sugeriram que eu fizesse um preparatório no meu colégio, mas no ano que eu decidi tentar não teve o preparatório no meu colégio. Aí eu fiz um outro preparatório, de um outro colégio. Aí minha mãe me indicou, né, que caso tivesse vontade tentar a Escola Técnica... e aí eu tentei o meu primeiro processo seletivo, mas eu não passei; eu fiquei três posições depois do último chamado, né, pela ampla concorrência e aí... eu queria desistir; eu não queria mais tentar; não passei, “pô”! Eu fiquei abalado; eu não queria tentar de novo, mas ela disse: “não, tenta de novo!” Aí eu fiz outra inscrição e “deixei por aí, né?”; não tava me importando muito. Se desse certo, bem; se não desse..., mas aí, no dia da prova, eu vim e fiz prova, deu certo e valeu a pena!

3. DURANTE A REALIZAÇÃO DO CURSO NO IFCE

P - Relembre, por favor, as suas primeiras experiências como aluno do IFCE e as impressões iniciais que teve sobre a instituição.

E - As minhas primeiras impressões... como eu entrei no integrado e eu cheguei

era 2014, né, minha idade era 14 anos, quase 15. E aí, para mim foi um choque de realidade; eu tava esperando... eu não sabia exatamente o que esperar. Eu esperava um negócio bem acima do que eu tinha contato, que era uma escola de bairro. E aí, quando eu entrei, realmente era mais ou menos o que eu esperava: um ambiente similar ao que hoje eu vejo na graduação. Assim, sendo sincero, o IFCE foi um pouco mais acolhedor; ele foi mais acolhedor pra mim. E... quando eu cheguei foi totalmente diferente, sabe? A sala... o ambiente era diferente, as pessoas pareciam ter mais interesse em tá aqui. Porque, querendo ou não, eu acho aqui é um ambiente mais seleta; quem tá aqui realmente passou por uma prova mais acirrada do que outros colégios e tem uma vontade maior de tá aqui aprendendo. A turma tinha mais vontade de aprender.

P - Quais foram os principais desafios vivenciados no processo de ensino-aprendizagem (assimilação dos conteúdos, convivência com os colegas e professores)?

E - Dificuldades no processo formativo... querendo ou não, tem alguma ou outra disciplina que a gente apanha, né? Não dar para ser bom em tudo, não dá para levar tudo muito bem. Tinham semestres que tinham mais disciplinas, menos disciplinas, e acabava meio que contribuindo. Aí, os de menos disciplinas dava para focar mais em algumas, ou, então, os que tinham disciplinas técnicas, que eram as que eu me dava mais, para mim era mais tranquilo. Aí, os que tinham muitas disciplinas do ensino médio já era mais... assim, não era tranquilo, porque não tinha tanta disciplina técnica e eu tinha menos interesse na parte de ensino médio do que na parte que tinha disciplinas técnicas.

E o relacionamento, no geral... a minha turma era muito unida; as outras turmas eu também via. A gente tinha um contato com as outras turmas do integrado muito bom, sabe!? Todo o pessoal da minha época, 2014, uma turma acima, uma turma depois, a gente tem bastante contato ainda hoje, a gente se ver... alguns deles, hoje são colegas de faculdade, alguns trabalharam comigo. Eu tive uma experiência de trabalho, pouco tempo depois que eu sair daqui, antes de entrar na faculdade e... com os professores também, todos os professores eram muito solícitos, ajudavam bastante. Por incrível que pareça, hoje, na faculdade, eu não tenho tantos professores solícitos como eu tive aqui. Tinha professor que ia atrás da gente, que ia buscar e falava: "olha, você tá meio mal aqui. O que a gente pode fazer? Você quer participar de uma olimpíada? dá uma estudada a mais e vamos tentar trazer uma coisa legal!". Eu participei, inclusive, de olimpíadas aqui: de física, de matemática... Na de física, eu acho que eu até ganhei algum prêmio, mas eu nunca vim buscar. Era uma medalha que tava em algum lugar por ali... sumiu (risos).

P - Relacione, por favor, os apoios institucionais com os quais você pôde contar durante o curso (bolsas de assistência estudantil, acompanhamento psicopedagógico, programas de nivelamento/monitoria...) e destaque a sua importância para que você concluísse o curso.

E - Dentre as bolsas de assistência estudantil, os auxílios que o IFCE proporcionava...tinha a alimentação, transporte, tinha a bolsa... eu não sei como é que chama; era um auxílio para ser bolsista de laboratório. Das outras, auxílio transporte e auxílio alimentação... eu nunca solicitei, pela minha condição, não tava precisando; poderia servir melhor para outra pessoa, então, eu nunca fui atrás. Mas, logo no começo, no meu terceiro semestre, eu entrei num laboratório, que é um laboratório de CAD/CAM,

e eu fazia modelagem no computador e afins. E aí, nesse laboratório eu recebi uma bolsa que decorreu quase toda a minha “graduação”. Era um auxílio do IFCE, por eu ser bolsista do laboratório. Eu estudava de manhã, como o curso era predominantemente de manhã eu estudava de manhã (durante sete semestres) e a tarde, nesse laboratório. No último eu fiz uma inversão de horário: deixei o laboratório pela manhã e o curso pela noite; ficava com a tarde livre.

O auxílio teve significado muito importante, sabe... para mim, fez a diferença. Depois que eu sair daqui... o que eu ganhei (estando) no auxílio, tipo assim, não só o auxílio como bolsa, mas a experiência de laboratório. A bolsa ajudava, sabe, facilitava a minha permanência. Talvez não fosse tão tranquilo ficar sem a ajuda da bolsa.

P - Para além da sala de aula, a quais espaços/atividades/experiências escolares você teve acesso (aulas de dança, momentos recreativos, palestras, esportes, laboratórios, biblioteca, aulas prática/de campo, etc)?

E - Além da sala de aula, eu participei de algumas atividades esportivas. Eu fui aluno da natação, alguns semestres eu participei da musculação, mas, predominantemente eu fui aluno da natação. No primeiro semestre, quando eu entrei, meio que era obrigatório fazer natação (acho que hoje não é mais!). A gente vinha, fazia um teste de nível e aí falavam: “você sabe nadar alguma coisa, mas você não sabe nadar tudo isso”. Então a gente era alocado para uma turma. Eu nadei por um bom tempo; nadei 80% do meu curso, mais ou menos. Eu comecei na turma de nivelamento; eu sabia nadar, mas eu não era tão bom. Mas aí... no semestre seguinte eu já era da pré-seleção, que era já um polimento para participar. No terceiro semestre de natação, eu já era da seleção de natação; participava de competições, mas eu nunca cheguei a participar de competições fora. Alguns colegas meus participaram, mas, sempre que chegava época de competição, eu dava uma segurada... aí eu não ia treinar faltava um pouquinho, mas a natação era uma grande motivação para mim, além do laboratório. A minha rotina era chegar aqui 7 h; aí tinha aula de 7h30min às 12 h. Daí eu ia almoçar. Quando eu nadava à tarde, eu nadava de 2h30min às 4 h da tarde, e ficava no laboratório depois disso. E, posteriormente, na seleção, eu ficava no laboratório de 2 h às 6 h (da tarde) e nadava das 6 h às 8 h (da noite). Minha motivação, todo dia, era vir nadar, porque era bacana! Os colegas de natação, tipo, os professores também eram muito solícitos, os professores de esporte. Eu acho que o esporte era uma contribuição muito interessante na questão motivação. Muitos dos meus colegas focaram muito natação, tipo assim: vinha para o curso, porque vinham para natação; queriam nadar, mesmo! Da minha muitos dos meus colegas e amigos participam de competições até hoje, por conta dessa experiência o IFCE proporcionou, formando atletas, além de técnicos.

P – Fale, por favor, sobre as expectativas/anseios que você tinha ao final do curso quanto à sua inserção profissional.

E - Quando eu tava na reta final do curso... eu já tava com um bom tempo de laboratório e estava querendo seguir a área que eu fazia no laboratório, que era modelagem e manufatura. Eu trabalhava com máquina, mesmo: desenhava, programava... era uma máquina computadorizada (ela fabricava). Essencialmente isso. E aí... eu queria fazer a graduação, mas eu também queria ter uma experiência de trabalho. E aí...foi uma coisa que deu muito certo. No meu último semestre, eu fui a uma aula de campo de Biologia, no Parque Botânico. Aí a gente voltou dessa aula de campo. Quando a gente voltou, eu resolvi: vou passar no laboratório, já que não fui hoje, por causa dessa viagem... “vou, pelo menos, dar um oi para o pessoal de lá”. E aí... quando eu cheguei tinha um

professor de um laboratório da UFC, do Laboratório de Pesquisa e Tecnologia de Soldagem (LPTS). E aí... ele tava procurando um operador de CNC: um desenhista CAD/CAM e operador de CNC. Eu era o encarregado disso naquele laboratório. Aí ele disse: “você tá afim de trabalhar no laboratório?”. Aquilo para mim foi um choque! Eu tava acostumado com 4 horas de bolsa, aí chega um cara, do nada, e me pergunta se eu quero trabalhar de carteira assinada. Caramba! Respondi: “não sei; amanhã te dou uma resposta”. Daí, no outro dia eu já tava lá. Fui lá, dei a resposta para ele e já comecei.

4. APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO

P - Gostaria de ouvi-lo falar um pouco sobre o seu percurso profissional/acadêmico, após a conclusão do curso, e sobre as principais dificuldades enfrentadas.

E - Como eu tava ainda no último semestre, eu entrei nesse laboratório como estagiário. Eu fui estagiário lá... uns cinco meses, mais ou menos, de estágio. E aí... depois de 5 meses de estágio eu fui efetivado: carteira assinada. Trabalhei lá alguns outros meses, até que eu recebi o resultado do ENEM. Daí eu falei: “acho que não vai dar para conciliar 8 h de trabalho com um curso integral”. Eu ainda permaneci mais 3 meses nesse laboratório, mas aí eu fiz uma escolha, eu falei: “vou focar um pouco mais na graduação, vou sair desse laboratório.

A minha imagem toda, durante o curso, do IFCE, era isso: você fazia um curso técnico e quando você tava chegando na reta final, você tinha oportunidade, você tinha teste seletivo para fazer, tinha empresa procurando estagiário... Tinha esse mito de que vinham buscar os técnicos aqui, mas eu nunca acreditei. Até que vieram me buscar, realmente, aqui; me puxaram pela mão e me disseram: “vem aqui trabalhar”. Eu então falei: “pode ser, vamos”. Mas acho que talvez isso destoe um pouco, talvez seja um ponto fora da curva, mas acontece.

P - E como você percebe os rumos profissionais/acadêmicos tomados pelos seus colegas de curso técnico?

E - Em relação aos meus colegas de turma, eu ainda tenho muito contato com eles. A gente era turma muito unida. Tipo assim... essa questão da união eu atribuo bastante a algumas disciplinas que a gente tinha que iam além do tradicional, sabe!? A gente tinha aula, tipo: disciplina de literatura... a gente tinha aquela aula, mas a gente tinha focado aqui no livro e a gente discutia: “Ah, vamos analisar, vamos fazer o que realmente tem que fazer em literatura. Vamos fazer uma peça?” Aí a gente ia fazer uma peça. Era uma coisa que juntava todo mundo, além da JAC (tinha a SEC, semana esportiva e a JAC, um tipo de mostra cultural). Isso contribuiu, tanto para unir nossa turma, como a nossa turma com as outras, num aspecto mais amplo. E hoje eu tenho contato com muitos dos meus colegas, tanto da minha turma como de outros cursos. Grande parte deles eu encontro hoje na graduação. Alguns estão na mesma turma que eu. Outros estão em outros cursos relacionados à área, mas também, tão lá. É... alguns deles seguiram aquele caminho, que eu te disse, do esporte, e estão focando um pouco mais em competição, ou estão esperando um pouquinho para entrar na graduação, por questões pessoais, né!? Mas a gente tem bastante contato até hoje e, boa parte deles, pelo que vi, estão num caminho decente: tá seguindo uma graduação, tá fazendo outro curso... tá feliz fazendo o que gosta.

P - Para finalizar, peço que fale sobre importância que você atribui à

formação recebida no curso técnico para a sua trajetória de vida e para sua realização pessoal...

E – A contribuição da experiência que o IFCE me proporcionou na minha vida... eu acho que não dá nem para falar assim, a principal, sabe!? Ele contribuiu como um todo na minha vida, tipo: quando eu olho para o que eu era quando eu cheguei e para o que eu sou hoje, eu me vejo totalmente diferente. O IFCE me mudou desde o dia que eu cheguei: como pessoa, como colega, como filho; em todos os aspectos da minha vida eu me tornei diferente. O IFCE me proporcionou uma formação um pouco mais focada, assim, já no que eu queria. Hoje, na graduação, eu vejo diferença. Eu tenho muitos colegas de curso, hoje, lá, que têm zero contato com a área. Estão recebendo uma porrada assim, do zero. E aí eu vou lá e falo: “não, cara! Isso aqui eu sabia fazer no técnico, eu posso tentar te ajudar.” Tem muita disciplina em comum, que a gente viu de outra forma, por ser um curso de nível médio integrado, mas que já dão uma base boa para ensino superior (a gente chega lá com uma formação diferente).

Como pessoa, no geral, o IFCE me ajudou de várias maneiras: essa experiência que eu tive no laboratório foi a mais marcante, porque lá eu tive contato com tudo. Nos últimos dois, três meses de laboratório, eu participei de uma exposição, que foi no IFCE - Campus avançado do Pecém, que a gente teve muito contato com indústria, com o chefe mesmo de empresa que ia; era uma palestra da Embrapii. E aí, tinha a palestra da Embrapii e tinha a nossa apresentação... Eu participei de um stand, onde a gente apresentou o laboratório... Fiz muitos contatos; alguns deles eu tenho contato hoje, pela UFC. Eu entrei para um projeto de extensão posteriormente (eu já tinha muita experiência na área de mecânica) e hoje eu contribuo muito nesse projeto, por causa dessa experiência prévia que eu tinha, se comparado com os rapazes que estão lá, só na graduação. E... tem um *network* muito bom com as pessoas que eu conheci aqui, com alguns professores que são daqui e eu encontrei, posteriormente, na minha vida. Quando eu fui para o LPTS, o coordenador foi aluno do técnico integrado em mecânica, dois professores que auxiliavam ele eram alunos do técnico integrado e... posteriormente, teve um outro professor que eu encontrei e um professor aposentado daqui que chegou a trabalhar, a ajudar a gente lá no laboratório. Ele foi meu professor aqui e foi meu colega de trabalho lá. É uma experiência bem bacana.

O IFCE abriu meus horizontes pro que eu queria ser; me ajudou com formação empreendedora, como formação de técnico, com formação pessoal. Hoje eu sou uma pessoa diferente e eu atribuo muito disso ao IFCE.

P - Muito obrigado pelas suas valiosas contribuições!

Entrevista com a egressa E2KS, do curso técnico integrado em Mecânica Industrial, realizada em 22 de novembro de 2018, às 16 h, na Sala de Videoconferência do IFCE/Campus Fortaleza, com duração de 12 min e 19 s.

LEGENDAS:

P = Pesquisador

E- Egresso(a)

1. Apresentação do(a) entrevistado(a):

a) identificação E2KS

b) idade: 19 anos

- c) estado civil: solteira
- d) ano de conclusão do curso técnico: 2018.1
- e) ocupação atual: estudante de Engenharia Mecânica e Jovem Aprendiz de uma CIA de bebidas

2. ANTES DO INGRESSO NO IFCE

P - Inicialmente, gostaria de pedir que você falasse um pouco sobre suas origens e sobre suas experiências estudantis durante o ensino fundamental.

E - Um pouco sobre a minha história... Eu sou de Maracanaú, mas eu nasci em Fortaleza e, mais ou menos, quando eu tinha 03 anos de idade eu fui para Maracanaú com a minha família. Moro, atualmente, com a minha mãe e com a minha irmã.

Cursei o meu ensino fundamental em escola particular.

P - Como se deu o processo seletivo para ingresso no curso técnico (motivações, preparação, dificuldades, expectativas)?

E - Assim, eu tinha bastante expectativas em relação ao ensino médio; eu não queria fazê-lo de qualquer jeito, porque seria a minha porta de entrada no ensino superior. Aí eu optei pelo Instituto, fiz a seleção e passei. Eu fiquei sabendo que aqui tinha ensino médio junto com técnico, pelos meus próprios professores do ensino fundamental. Mas eu não sabia, a princípio, qual curso eu iria escolher. Foi mais aleatoriamente, mesmo, e eu acabei gostando. Entrei aqui, conheci a área, a prática e eu gostei muito, tanto que hoje eu sigo nessa área.

3. DURANTE A REALIZAÇÃO DO CURSO NO IFCE

P - Relembre, por favor, as suas primeiras experiências como aluno do IFCE e as impressões iniciais que teve sobre a instituição.

E - Minhas primeiras impressões, quando eu cheguei aqui, era que seria muito difícil sair (risos) mas acabou nem sendo tanto assim; passou tão rápido que foi num abrir e fechar de olhos que acabou o curso. Isso me impressionou bastante. Com relação à estrutura, eu achei que eu ia me perder bastante (risos), mas com as informações de alunos, servidores, eu consegui desenrolar.

P - Quais foram os principais desafios vivenciados no processo de ensino-aprendizagem (assimilação dos conteúdos, convivência com os colegas e professores)?

E - Assim, as dificuldades que enfrentei foi mais com relação à escassez de ensino no Fundamental. Quando eu cheguei aqui, alguns conteúdos que eram cobrados eu não tinha estudado ainda, então eu tive que correr atrás bastante, para poder acompanhar a turma. Mas foi só isso mesmo.

P - Relacione, por favor, os apoios institucionais com os quais você pôde contar durante o curso (bolsas de assistência estudantil, acompanhamento psicopedagógico, programas de nivelamento/monitoria...) e destaque a sua importância para que você concluísse o curso.

E - Bom, os auxílios estudantis, eles foram muito benéficos para mim, porque no começo, quando eu entrei aqui, eu não possuía carteira estudantil e a passagem metropolitana é bem mais cara do que a municipal, né? Como lá em casa só minha mãe que trabalha, era bem mais complicado. Quando eu consegui o auxílio estudantil, facilitou bastante, pois eu não precisava ficar pedindo sempre a ela. Nem alimentação, porque a gente teve acesso a auxílio-transporte e alimentação.

P - Para além da sala de aula, a quais espaços/atividades/experiências escolares você teve acesso (aulas de dança, momentos recreativos, palestras, esportes, laboratórios, biblioteca, aulas prática/de campo, etc)?

E - Além da sala de aula... atividades culturais, por exemplo a Semana Esportiva e Cultural. É uma coisa que combina bem com o ensino médio, porque tira a gente um momento da sala de aula e leva para outras atividades, que não deixam de ser importantes, né!? que tratam da cultura, do esporte.

Eu pratiquei vôlei e natação, mas eu não era da equipe oficial.

P – Fale, por favor, sobre as expectativas/anseios que você tinha ao final do curso quanto à sua inserção profissional.

E - Quando eu terminei o curso, eu fiquei com bastante medo de não conseguir um emprego, e de até conseguir, mas não me desenvolver lá dentro, porque sempre tem aquela coisa: você na sala de aula é uma coisa, mas quando você vai para uma indústria é bem diferente. Mas, assim, é tranquilo! Quando eu cheguei lá, foi um aprendizado que nem aqui eu consegui me desenvolver. E eu vejo, assim, que o meu curso técnico é um diferencial para mim no mercado de trabalho. Todas as empresas que eu fiz seleção eu consegui por causa desse diferencial, que é o curso técnico.

4. APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO

P - Gostaria de ouvi-lo falar um pouco sobre o seu percurso profissional/acadêmico, após a conclusão do curso, e sobre as principais dificuldades enfrentadas

E - Eu queria que assim que terminasse o ensino médio entrar na graduação, e foi o que aconteceu. Quando eu terminar a graduação, pretendo fazer especialização.

Eu não me surpreendi muito com a didática (do curso superior) porque aqui já é bem mais preparado para isso do que uma escola só de ensino médio, por exemplo. Aqui eles preparam muito mais a gente para ensino superior, para o mercado de trabalho, porque já tem esse sistema de ensino superior aqui no IFCE, então quando a gente chega lá, a gente não se surpreende.

P - E como você percebe os rumos profissionais/acadêmicos tomados pelos seus colegas de curso técnico?

E – Foram 3 anos de curso juntos; a turma era muito unida. Até hoje mantenho amizade com meus colegas de turma. A maioria seguiu na área, alguns não, mas a maioria, sim. Outros seguiram áreas parecidas, como por exemplo, Engenharia Metalúrgica. Mas a maioria seguiu na Engenharia Mecânica. Grande parte está na UFC; outra no IFCE. É isso.

P - Para finalizar, peço que fale sobre importância que você atribui à formação recebida no curso técnico para a sua trajetória de vida e para sua realização pessoal.

E - Quando eu entrei aqui, eu tinha apenas 14 anos, então, eu amadureci aqui dentro, porque é bem diferente de outras escolas que tem reunião de pais; os pais estão te acompanhando... Aqui não! É você e é você. Então, isso fez com que eu crescesse e amadurecesse aqui dentro mesmo. E eu vejo que isso me ajudou bastante, porque hoje eu resolvo tudo por mim, sozinha, e isso no mercado de trabalho é muito importante: que você saiba ir lá e fazer e aplicar os conhecimentos que você absorveu aqui no curso, né, porque não adianta só você ter um diploma se você não aprendeu, não absolveu o que foi passado aqui. Eu vejo que isso faz total diferença na minha vida, porque algumas disciplinas, por exemplo, eu não fiz, porque eu achei que eu não tinha aprendido; então, eu pedi para o professor me reprovar (risos), porque se eu tivesse passado, hoje eu tava sofrendo com a escassez desse conteúdo. Então, eu achei melhor para mim que eu parasse, voltasse, absorvesse o conteúdo. Hoje eu vejo que faz total diferença, porque eu aprendi e agora eu sei o que eu tô fazendo no mercado de trabalho.

P - Muito obrigado pelas suas valiosas contribuições!

Entrevista com a egressa E3NS, do curso técnico integrado em Telecomunicações, realizada em 21 de novembro 2018, às 15 h, na Sala de Videoconferência do IFCE/Campus Fortaleza, com duração de 22 min e 11 s.

LEGENDAS:

P = Pesquisador

E- Egresso(a)

1. Apresentação do(a) entrevistado(a):

- a) identificação: E3NS
- b) idade: 19 anos
- c) estado civil: solteira
- d) ano de conclusão do curso: 2017
- e) ocupação atual: estudante de Jornalismo

2. ANTES DO INGRESSO NO IFCE

P - Inicialmente, gostaria de pedir que você falasse um pouco sobre suas origens e sobre suas experiências estudantis durante o ensino fundamental

E – Bom, eu nasci no Conjunto Ceará e do conjunto Ceará fui para Messejana. Em Messejana, eu sempre tive muito suporte dos meus pais para os meus estudos, mas eles tinham um total de zero condições de me manter em boas escolas. Eu sempre fui bolsista; a minha vida inteira, basicamente, eu tive que “fazer bolsa” para poder estudar, mas sempre estudei em escola particular e, nesses momentos, eu fui alcançando momentos altos na minha vida, graças a Deus, graças a um incentivo próprio, mesmo, que eu tinha. E também por ver a condição dos meus pais, que era lamentável, mas mesmo assim, eu ajudei eles dessa forma, tanto que eu estudei no melhor colégio de Messejana, mas quando eu tava na metade do ano naquele mesmo colégio, a gente teve que se mudar pro Conjunto Ceará, porque meus pais precisavam do apoio de familiares (os familiares moravam no Conjunto Ceará). Então nós voltamos novamente para o

conjunto Ceará, e eu entrei em um colégio novo, recebendo apenas metade da bolsa, porque eles não davam bolsa 100% (eu recebi só 50% da bolsa). Eu fiquei estudando os seis meses, e para receber 50% restantes da bolsa eu tinha que fazer alguma outra coisa, e a única coisa que dava 50% da bolsa era desfilar como modelo do colégio. Então eu fui lá e desfilei e consegui ganhar; aí sim, eu consegui ganhar 100% da bolsa do colégio e, a partir daí, comecei a conseguir alcançar maiores níveis com isso. A partir do sexto, sétimo, oitavo e nono ano eu fui bolsista do colégio, ganhando bolsas de desconto, tendo que alcançar notas altas. Mas, mesmo assim, eu consegui continuar na escola.

P - Como se deu o processo seletivo para ingresso no curso técnico (motivações, preparação, dificuldades, expectativas)?

E – Eu sempre tive interesse em fazer faculdade de Jornalismo, desde os meus nove anos, desde que eu saí de Messejana. Eu sempre tive muita vontade, muita desenvoltura, era algo que vinha de dentro de mim... Então eu entrei no IFCE com esse intuito de ser jornalista, e quando eu vi que lá tinha telecomunicações, o coração brilhou, os olhos ficaram lacrimejando. Fiz um ano de curso de preparação para o IFCE, também patrocinado pela antiga escola. Nós tivemos uma preparação de um ano com os mesmos professores que davam as matérias do nono ano, né!? Na verdade, a gente tinha um ritmo bem corrido, porque, de manhã, nós tínhamos a aula das matérias gerais do colégio, à tarde nós tínhamos laboratórios ou oficinas, seja de redação ou de matemática, que era algo mais específico para o IFCE. À noite eram as aulas; elas sempre começavam às 6h30min e terminavam às 10 h da noite. Eu, graças a Deus, morava próximo ao colégio, então, não tinha tanto problema de sair às 10 horas da noite. Mas era realmente um ritmo muito puxado. Nós tínhamos todo esse preparo e as aulas eram sempre muito específicas, sempre contendo muito exercícios e questões que poderiam realmente cair na prova do IF.

Era uma turma de 30 alunos para entrar no Instituto Federal, mas apenas duas pessoas conseguiram entrar; eu e outro colega meu, nós entramos aqui e vivemos esse IFCE de uma forma tão estranha, foi um contato tão diferente, porque a gente vinha de um colégio que era bem regrado; um colégio que ficava muito no seu pé. Era um colégio extremamente católico, um colégio rigoroso... E quando você vem e entra nesse mundo de liberdade, em que você ver algo completamente diferente, você se assusta, de uma certa forma. E foi nesse contato de susto, de deslumbramento que a gente entrou em contato com o IFCE.

3. DURANTE A REALIZAÇÃO DO CURSO NO IFCE

P - Relembre, por favor, as suas primeiras experiências como aluno do IFCE e as impressões iniciais que teve sobre a instituição.

E – (Pausa com risos) Relembrar quando eu tinha meus 14 anos... mas, enfim, a primeira coisa (difícil) foi eu ter que me desligar dos meus pais, ter que deixar eles um pouco de lado. Do primeiro dia até, basicamente, o último dia que eu entrei no IFCE, meus pais não tiveram contato nenhum nesse momento; foi a primeira vez que eu peguei uma “topic”, da minha casa até aqui, sozinha. Completamente. Eu não sabia nem onde era que eu ia descer, mas eu desci e consegui chegar aqui no IFCE. Então, realmente, essa segurança que meus pais me deram, dizendo: “Você vai conseguir! Vai dar tudo certo!”. E eu

realmente eu consegui. A minha maior felicidade foi, realmente, conseguir ser independente como eu sou hoje. Hoje em dia eu vou muito mais atrás de tudo na minha vida, seja a parte de saúde, resolver algum problema, resolver algum trabalho, alguma pendência... sempre por conta dessa liberdade que o IFCE me trouxe, que esse momento da minha vida me trouxe. Então, essa liberdade é o maior ponto que eu tive aqui no IFCE. E um ponto negativo, de certa forma, seria a questão de que ele me abriu os olhos de uma maneira muito rápida, muito forte; ele me mostrou coisas que eu não conhecia, de uma maneira muito brusca. Foi o primeiro contato com homossexualidade, meu primeiro contato com drogas, com liberdades; foi o meu primeiro contato com o mundo. Não que isso, de certa forma, seja algo ruim, mas foi muito brusco, talvez.

Chegar aqui e ver nos corredores (a minha escola era muito bem cuidada!) e chegar aqui, o que para mim era a realização, e ver alguma coisa depredada me causava muito medo, mas de certa forma, eu comecei a conhecer a diferença e isso é muito importante: você saber lidar com a diferença. A minha sala, eu digo que ela era a mais heterogênea do IFCE inteiro. Tinha pessoas de cada tipo de pensamento; tinha pessoas de jeitos, de peculiaridades, de modo que cada uma pessoa era especial. Cada uma, ou era muito tímida ou era desenvolvida, ou gostava muito de uma coisa; cada uma ia se ajudando de uma certa forma. Mas aí a gente ia aprendendo, também, a lidar com a diferença do outro. E o IFCE, realmente, trabalha muito bem essa questão do conhecimento, mas acho que, para a idade que ele aceita (acho que 13 a 14 anos, mais ou menos), é uma forma muito brusca de apresentar. É como colocar dentro de uma UFC, que é uma realidade que, hoje, não me assusta mais. Minha primeira semana na UFC foi tranquilíssima (risos).

P - Quais foram os principais desafios vivenciados no processo de ensino-aprendizagem (assimilação dos conteúdos, convivência com os colegas e professores)?

E - Quanto ao meu desenvolvimento com os alunos, em si, realmente foi um ponto de aceitar as diferenças, de a gente saber trabalhar em equipe, porque, em todos os momentos, a gente precisava saber trabalhar em equipe; a gente precisava um do outro para chegarmos a um resultado final interessante.

Quanto aos professores, eles realmente deixam você no limite da liberdade, porque a partir do momento que você não souber controlar, você vai mal em alguma coisa. Você pode muito ir bem em uma que você gosta, mas em uma coisa que você não gosta, você pode ir extremamente mal. Eles podem, de certa forma, te dar um auxílio, em algum momento. Porém, esse auxílio não é eterno; em algum momento, ele lhe deixa simplesmente livre para escolher o que você quer.

Quando eu cheguei na parte em que eu tive um conhecimento, na Semana Zero, sobre a parte interna da televisão; ver como é que fica ali o estúdio de TV que eles têm, realmente, eu pude entender o que tem em cada uma daquelas coisas, o que cada uma daquelas coisas faz. Isso, para mim, foi algo de extrema relevância.

Algumas coisas que eu senti que ficou em débito comigo foi a questão das humanas, porque quando eu entrei no IFCE eu achava que eu teria um trabalho

um pouco melhor para conseguir fazer o Enem ,consegui ter uma boa pontuação, porém os níveis de humanas, são mais trabalhados nos primeiros anos, no primeiro e no segundo ano, mais ou menos. A partir do terceiro e quarto ano são mais cadeiras técnicas (e cadeiras técnicas bem voltadas para matemática, física). Então, realmente, a gente teve essa carga mais pesada.

Um dos meus projetos favoritos foi um projeto de rádio; a gente construiu um mini radiozinho maravilhoso. Aquilo, para mim, foi incrível! Teve também um projeto de uma antena de TV, onde a gente transmitiu a nossa imagem de dentro da nossa sala para o corredor, que fica próximo ao DETEL. E isso também foi uma coisa que marcou muito a minha “carreira” no IFCE e, com certeza, eu vou levar para fora. Já estou tendo uma cadeira de Rádio e TV relacionada, onde estou utilizando todas essas artimanhas que foram estimuladas pelo IFCE, pelos professores, para dentro do meu curso (de graduação), como um diferencial, como algo que vai para o meu portfólio.

P - Relacione, por favor, os apoios institucionais com os quais você pôde contar durante o curso (bolsas de assistência estudantil, acompanhamento psicopedagógico, programas de nivelamento/monitoria...) e destaque a sua importância para que você concluísse o curso.

E – Os auxílios estudantis vieram para mim num momento muito importante. Eu comecei a trabalhar com os meus 15 anos de idade, para ajudar os meus pais. Então, com seis meses, mais ou menos, eu tentei a prova aqui do IF para ser suporte técnico na Reitoria do IFCE, que estava antigamente próximo à Rui Barbosa. Eu fui trabalhar lá por um ano e dois meses e isso foi de extrema valia para mim, porque com certeza conciliava com o que eu tava aprendendo; eu conseguia mexer... Aquilo conseguia contribuir para minha vida de uma forma incrível. Realmente era uma contribuição que eu não consigo nem dimensionar, porque, para conseguir manter a rotina aqui no IFCE, que era de manhã, de tarde e de noite (eu também praticava esportes, fazia atividade física aqui). Então foi de extrema valia para mim. Com certeza, se eu não tivesse nenhum tipo de auxílio, não haveria como eu me manter até o final no meu curso técnico.

P - Para além da sala de aula, a quais espaços/atividades/experiências escolares você teve acesso (aulas de dança, momentos recreativos, palestras, esportes, laboratórios, biblioteca, aulas prática/de campo, etc)?

E - Eu fui atleta do Instituto Federal do Ceará por dois anos; eu fui goleira de handebol da seleção. Viajei para Iguatu, na minha primeira viagem, para o campeonato cearense que teve lá. Foi o meu primeiro contato com esse nível de esporte que eu nunca tinha visto na minha vida. Viajar com um monte de meninas, todas com o mesmo sonho, com o mesmo objetivo que eu; com uma técnica e um técnico que realmente forçavam você a ter esse desenvolvimento, e numa estrutura fantástica! Realmente foi fantástico! Tanto o campeonato cearense quanto o Nordeste, dos quais eu participei, tinham estruturas das mais bonitas que eu já vi na minha vida. Quando eu cheguei na quadra de Iguatu, onde todas as seleções eram colocadas enfileiradas, a gente cantando o Hino, acendendo a pira olímpica... Foi um momento de êxtase na minha vida, tanto profissional como humana, de certa forma. E os laços que eu consegui estabelecer naquele campeonato, realmente, são levados para minha vida até hoje. Sem contar os números benefícios que o esporte traz para nossa vida: saúde, bem-estar, essa questão de competitividade... é

algo muito importante que merece todo incentivo do mundo, do Instituto Federal; merece uma continuidade um trabalho como esse.

Tudo isso me trouxe grande felicidade, tanto é que, na minha primeira matéria como correspondente do O Povo, foi para trazer o meu muito obrigado, engrandecendo aquele momento, aquela atividade que eles estavam promovendo ali para os alunos. E um grande diferencial, de certa forma, é que eles unem o aluno ao esporte; eles trazem uma regra que você precisa manter uma nota X para poder participar daquele evento esportivo. Então eles unem esse lado do esporte e do aluno, que é imprescindível, porque você largar tudo para praticar o esporte? Não é assim! Ele vai te ajudar a ter sua carreira no esporte, mas você também precisa manter o seu papel como aluno.

P – Fale, por favor, sobre as expectativas/anseios que você tinha ao final do curso quanto à sua inserção profissional.

E – A minha expectativa, após sair do Instituto Federal... Eu sabia que era necessário continuar em alguma empresa, fazer alguma coisa do tipo. Então, realmente, eu consegui um emprego de suporte técnico numa faculdade e, nessa faculdade, eu desenvolvi, durante um ano, o mesmo trabalho que eu desenvolvia na Reitoria. Também recebi muitos elogios pela prática que eu tinha, pela experiência que eu tive dentro do IFCE. Agora, de certa forma, eu sabia que não era aquilo que eu queria, porque eu vi que se distanciou muito do meu sonho, que era o Jornalismo, o lado de humanas. Então, eu me dediquei também, paralelamente, ao estudo para poder conseguir fazer o Exame Nacional do Ensino Médio e consegui uma nota boa para entrar na universidade e, assim, continuar o meu curso.

4. APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO

P - Gostaria de ouvi-lo falar um pouco sobre o seu percurso profissional/acadêmico, após a conclusão do curso, e sobre as principais dificuldades enfrentadas.

E - Em um certo momento, realmente me deu vontade de fazer Engenharia de Telecomunicações, de tanto que eu aprendi, de tanto que eu me identifiquei e do tanto que eu gostei. Como o sonho acabou falando mais alto, eu consegui ingressar em Jornalismo ainda no ano de 2018.

Tudo o que eu aprendi no IFCE está sendo de extrema valia, mesmo aquilo que foi trabalhado de uma forma mais teórica, mais pro lado das exatas, eu tô conseguindo levar para o Jornalismo e isso tá sendo um diferencial muito grande para mim. É uma coisa que eu vou poder utilizar de uma forma que vai engrandecer muito mais o meu currículo, a minha forma de ser e tudo mais.

P - E como você percebe os rumos profissionais/acadêmicos tomados pelos seus colegas de curso técnico?

E – Em relação aos meus colegas, é muito bom ver tudo que eles alcançaram. Eu tenho amigo que é engenheiro mecatrônico, eu tenho amigo engenheiro elétrico, eu tenho amiga física, tem fisioterapeuta, ou seja, colegas de todas as áreas possíveis. Realmente, ver os meus colegas realizando sonhos foi incrível! Ver que cada um deles pôde escolher, pois muitos deles entraram sem nenhum tipo de perspectiva do que queria para o ensino superior e, dentro do curso de Telecomunicações, eles puderam perceber que aquela dificuldade do primeiro semestre se tornou uma facilidade no último semestre (eles já davam aulas para os outros alunos). Então, ver o crescimento dos

meus colegas junto comigo, nessa parceria; ver que eles realmente alcançaram o que eles pretendiam para o futuro deles... contribuiu para o meu crescimento também, porque crescer junto é bem melhor; é bem mais gostoso.

P - Para finalizar, peço que fale sobre importância que você atribui à formação recebida no curso técnico para a sua trajetória de vida e para sua realização pessoal.

E – O IFCE, de certa forma, ele foi um divisor de águas na minha vida. Quando eu entrei aqui, aos 13 a 14 anos, eu era apenas uma menina; uma menina que tinha muitos sonhos, que tinha um pontinho, uma luz no fim do túnel... algo que queria ser, mas não tinha certeza. E a partir do momento que eu fui me desenvolvendo como aluna, como pessoa, eu fui desenvolvendo a felicidade em quebrar obstáculos: aquela menina que era boa em humanas se tornou boa em matemática, se tornou boa em comunicação, se tornou boa em informática, se tornou boa em relacionamentos com os outros, se tornou boa em conhecer um mundo novo, em ter empatia por alguém. O IFCE trouxe esse meu lado humano; ele trouxe um lado mais desenvolvido, mais centrado e mais calmo. Por incrível que pareça, apesar de uma rotina exacerbada de horas e horas de estudo, ele também trouxe uma calma, uma hora de parar. Desenvolveu, também, o meu lado esportista, que é o meu lado mais humano ainda, que é o meu lado de saber o meu momento, o meu limite: “esse é o momento que eu vou dar o meu máximo; esse é o momento que eu vou parar. Então, ele trouxe essa construção de um novo “eu”, que não conhecia, mas que eu sou muito grata pela realização e pela forma que ele me tornou; pela jornalista que eu serei e pela pessoa honrada, grata, completamente grata, por tudo o que o IFCE trouxe para minha vida.

P - Muito obrigado pelas suas valiosas contribuições!

Entrevista com a egressa E4RL, do curso técnico integrado em Telecomunicações, realizada em 21 de novembro de 2018, às 9 h, na Sala de Videoconferência do IFCE/Campus Fortaleza, com duração de 20 min e 39 s.

LEGENDAS:

P = Pesquisador

E- Egresso(a)

1. Apresentação do(a) entrevistado(a):

- a) identificação: E4RL
- b) idade: 18 anos
- c) estado civil: solteira
- d) ano de conclusão do curso técnico: 2017
- e) ocupação atual: Supervisora de suporte e estudante de Engenharia de Telecomunicações

2. ANTES DO INGRESSO NO IFCE

P - Inicialmente, gostaria de pedir que você falasse um pouco sobre suas origens e sobre suas experiências estudantis durante o ensino fundamental

E - Eu sou filha de uma costureira divorciada, então ela criou os três filhos sozinha, porque o meu pai não foi presente. A minha mãe sempre priorizou os estudos, então, o

meu ensino fundamental foi completamente em escola particular, porque ela queria que realmente os filhos tivessem um futuro baseado no estudo. No nono ano, todos os meus colegas falavam do CEFET, né, porque ninguém conhecia como IFCE, e a gente fez a prova junto; eu fiz mais por influência dos colegas de turma, pois uma criança de 12 anos não sabia bem o que queria, mas eu tinha sempre tive consciência, por toda a luta (a minha mãe sempre sofreu muito, porque criar 3 filhos sozinha, mulher e como assalariada sempre foi muito difícil). Então, quando eu ouvi falar do ensino técnico e da oportunidade de antes da graduação já conseguir algum trabalho melhor, foi visão que eu tinha de futuro. Então eu fiz a prova para entrar no IFCE; escolhi o curso aleatoriamente: pesquisei no Google o nome mais bonito (risos). Entrei em 2014, com 13 anos.

P - Como se deu o processo seletivo para ingresso no curso técnico (motivações, preparação, dificuldades, expectativas)?

E - Eu criei expectativas altas, né, eu comecei a pesquisar sobre o IFCE, sobre o CEFET, que era como todo mundo conhecia. Eu estudei numa escola de bairro, mas ela sempre foi uma escola boa e eu sempre fui uma aluna muito dedicada, então, eu tinha como foco entrar em uma faculdade, após o ensino médio. Então, eu sempre fui uma das melhores alunas da turma, sempre levando medalhas para casa, etc. Mas quando eu soube da possibilidade de vir pro IFCE, estudar longe de casa, ter toda aquela trajetória de pegar um ônibus. Então, no IFCE eu consegui a minha independência, a transição da infância para adolescência. As minhas expectativas sempre foram maravilhosas: conseguir um emprego ganhando bem, sem trabalhar muito, né, porque, como eu disse, a minha mãe sempre trabalhou muito para sustentar os três filhos sozinha. Então eu queria dar um futuro melhor para ela através dos estudos. Eu via a educação como forma de transformação das condições sociais da minha família.

3. DURANTE A REALIZAÇÃO DO CURSO NO IFCE

P - Relembre, por favor, as suas primeiras experiências como aluno do IFCE e as impressões iniciais que teve sobre a instituição.

E - As minhas primeiras experiências no Instituto não foram boas, porque eu tive um choque: eu estudava a 5 minutos a cinco minutos da minha casa, estudava sempre com as mesmas pessoas, então, quando eu cheguei no Instituto, o primeiro mês foi muito difícil; eu cogitei voltar para a minha realidade, porque eu estava assustada com o fato do Instituto ter tanta gente; gente diferente e eu não estava acostumada com aquilo. Com o primeiro semestre eu fui me acostumando, criando relações de amizade (o Instituto visa muito isso: a relação de amizade da turma, por ser contínua, é muito forte). O primeiro semestre foi o mais difícil; do segundo para frente eu já comecei a criar relação com o que o curso me oferecia: a qualidade dos professores... fui entendendo, realmente, o curso que eu tinha escolhido, porque no primeiro semestre eu não tinha noção e aí, fui começando a gostar daquilo. As expectativas que eu tinha antes, então, eu tive um choque, quando eu conheci realmente onde eu tinha entrado. Mas quando eu fui me acostumando, o que eu tive de benefício foi maior do que eu tava imaginando.

P - Quais foram os principais desafios vivenciados no processo de ensino-aprendizagem (assimilação dos conteúdos, convivência com os colegas e professores)?

E - Uma dificuldade que eu enfrentei no Instituto foi com o professor (na casa existem muitos professores bons, mas alguns acabam se acomodando); ele não dava a matéria para minha turma e se atrasava. Então a turma se uniu, a gente foi na coordenação (eu

nunca tinha passado por situação daquela, porque os professores da escola particular, como eles têm uma cobrança, eles sempre estão fazendo o dever deles; nunca tinha passado por uma situação em que eu tinha que cobrar um professor pelo trabalho que ele deveria fazer). Então a gente fez um abaixo-assinado e conseguimos com a coordenação que o professor realmente chegasse na hora e que ele seguisse a ementa do curso.

A minha turma era bem unida, apesar de que, no começo, a gente tinha aquelas panelinhas. Mas alguns da turma foram saindo do curso, desistindo, então, os que foram ficando foram se unindo para que todo mundo conseguisse se formar junto.

O curso técnico integrado em Telecomunicações, eu avalio a grade dele, hoje, como ultrapassada. É uma grade antiga e que precisa ser renovada, mas para o mercado que a gente tem, para os técnicos em telecomunicações, ela consegue entregar um bom profissional. A empresa onde eu trabalho visa totalmente os estudantes do IFCE (como eu disse: eu fui indicação), então lá a gente tem muito estudante do IFCE, muito estagiário do técnico, porque o profissional que sai do IFCE formado como técnico em alguma coisa, pelo IFCE, ainda é muito bem visto pelo mercado. É claro que, teoricamente, quando você chega lá, você acaba tomando alguns sustos, porque a gente ainda estuda coisas ultrapassadas. Mas o que eu precisei para a minha carreira eu consegui adquirir dentro do IFCE.

P - Relacione, por favor, os apoios institucionais com os quais você pôde contar durante o curso (bolsas de assistência estudantil, acompanhamento psicopedagógico, programas de nivelamento/monitoria...) e destaque a sua importância para que você concluísse o curso.

E - Os auxílios me ajudaram muito, porque era um ensino público, é claro, e a minha família não tinha que pagar, mas o ensino técnico... a gente tem que passar o dia aqui, tem a educação física, tem que pagar almoço, a passagem, que era uma realidade que eu não tinha, por sempre ter estudado próximo de casa. Então, a minha mãe, finalmente, conseguia ter um fôlego, quando eu comecei a receber os auxílios, porque com eles eu consegui me manter estudando dentro do IFCE. A minha realidade não era tão ruim sem eles; minha mãe conseguia me manter aqui, mas eu tinha colegas que, sem os auxílios, eles não comiam, não almoçavam.

P - Para além da sala de aula, a quais espaços/atividades/experiências escolares você teve acesso (aulas de dança, momentos recreativos, palestras, esportes, laboratórios, biblioteca, aulas prática/de campo, etc)?

E – Em relação às minhas experiências além da sala de aula, eu consegui aproveitar tudo o que o IFCE tinha para me oferecer; eu fiz todos os esportes que eu podia fazer: natação, basquete. Então, eu conheci esportes que eu nunca me imaginei jogando.

Eu gosto muito falar da SEC, porque ela é uma semana de Arte e Cultura do IFCE, já que ela, além de fazer o clima de competição entre os cursos, ela une a turma e faz você fazer coisas que você nunca imaginou fazendo: você faz apresentações teatrais, você faz apresentação de música. As experiências dentro do pátio, em horário de intervalo, experiências com dança que também acontecem; os grupos cristãos também: os grupos religiosos, católicos e evangélicos... têm vários grupos aqui, então, você consegue não ter só o ensino médio, você não fez só o ensino médio: você fez o ensino médio, você fez vários esportes, você conseguiu uma conexão com a sua religião, conexão com o mundo das artes. Então, toda essa experiência eu consegui aqui no IFCE, porque nas minhas

antigas escolas eu ia, estudava para tirar uma nota boa e voltava para casa. Aqui não. Aqui eu consegui viver coisas que eu nunca iria viver se eu não tivesse entrado no IFCE.

P – Fale, por favor, sobre as expectativas/anseios que você tinha ao final do curso quanto à sua inserção profissional.

E - Eu fui uma das sortudas que me vi, ao final do curso, fazendo a graduação Engenharia de “Tele”. O conselho é muito bom, mas nem todo mundo, quando termina ele, segue. No entanto, eu tinha certeza, a partir do terceiro semestre, que iria fazer uma engenharia; ainda tava indecisa entre elétrica, entre computação e entre “tele”. No sexto semestre, eu tinha certeza que iria fazer engenharia de “tele” no IFCE, então, eu me via fazendo o curso, no máximo, em até seis meses. Como eu disse, no sétimo semestre eu consegui um estágio e, então, eu me via como estudante da casa e trabalhando na área que eu escolhi. Então eu era uma sortuda no meio dos quinze.

4. APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO

P - Gostaria de ouvi-lo falar um pouco sobre o seu percurso profissional/acadêmico, após a conclusão do curso, e sobre as principais dificuldades enfrentadas....

E - Todas as minhas experiências profissionais derivaram do IFCE. Eu consegui, primeiramente, uma bolsa aqui; eu trabalhava na Incubadora de Empresas e passei um ano lá com a coordenadora do local, e foi uma experiência que me ajudou a conseguir contato com pessoas diferentes, porque lá circulavam alunos, ex-alunos, pessoas que tinham empresas que ainda estavam incubando. Então eu consegui contato e visão de mercado ali dentro. Eu estava com uma pessoa muito organizada, num ambiente muito organizado, então, eu me espelhei muito nela, como primeira experiência de emprego. Quando eu completei um ano lá, um professor do departamento me indicou para um estágio na área; um estágio em que eu podia colocar tudo que tava aprendendo em prática. Eu consegui o estágio (fiz todo o processo de entrevista, seleção) e consegui o estágio no oitavo semestre do curso de Telecomunicações. E lá eu comecei como estagiária, passei três meses como estagiária, na olaria em telecomunicações, e terminei o curso de Telecomunicações. Como eu não tinha mais nenhum vínculo com a instituição para conseguir manter o estágio, então eles me ofereceram ser efetivada. Então, eu consegui sair da condição de estagiária para efetivação em três meses (todo mundo dizia lá que era um recorde), mas eu digo que foi muito o que eu aprendi aqui dentro. Eu dei o meu melhor lá (aqui dentro você não tem ninguém para ficar lhe vigiando). Então eu acho que esse é um ponto crucial para o mercado de trabalho. Você aprende a ter responsabilidade sobre seus atos e sobre como as suas decisões vão influenciar no futuro, porque se você decide faltar à aula porque não tem ninguém te vigiando, você vai poder reprovar aquela cadeira. Então, com essa responsabilidade acima do que tinham as outras pessoas da minha idade, eu consegui ter um bom desempenho profissional e ser contratada. Eu passei onze meses como contratada na empresa que eu trabalho e passei para Engenharia de Telecomunicações. Quando eu passei para engenharia eu decidi que eu iria focar no curso que eu ia fazer, principalmente no primeiro semestre. Então eu pedi o meu desligamento, mas eles não me deram o desligamento; eles me ofereceram reduzir a minha carga horária me voltando para estagiária, porque eles me

informaram que era uma analista muito boa e eles não podiam me perder naquele momento. Então eu aceitei retornar para estágio (foi a única vez na história da empresa que uma pessoa regrediu de efetiva para estagiária. Eu passei seis meses como estagiária lá, enquanto eu fazia o primeiro semestre. Quando terminei o primeiro semestre, eles abriram seleção pra supervisora de suporte de lá e eu me inscrevi. Como eu posso agora fazer a grade do jeito que eu quero, quantas cadeiras eu consigo fazer, eu aceitei o cargo e estou há três meses como supervisora de lá. Sou a supervisora mais nova e a única mulher, então, é uma revolução na empresa.

P - E como você percebe os rumos profissionais/acadêmicos tomados pelos seus colegas de curso técnico?

E - A maioria seguiu a trajetória acadêmica, alguns na mesma área que eu e outros em áreas correlatas à de Telecomunicações.

P - Para finalizar, peço que fale sobre importância que você atribui à formação recebida no curso técnico para a sua trajetória de vida e para sua realização pessoal.

E – A importância da formação recebida no IFCE, ela mudou minha vida. Antes de eu entrar no CEFET, antes de conhecer, eu queria fazer cursos aleatórios da tríplice burguesia: Medicina, Direito, Engenharia Civil. Então eu iria escolher um desses sem realmente querer eles. Então eu entrei no IFCE e como sorte escolhi Telecomunicações. Quando eu me formei, eu fiz o discurso dizendo que eu tenho que dar todos os agradecimentos ao IFCE, porque aqui eu conheci, realmente, a paixão da minha vida. Telecomunicações, eu não tinha a mínima noção do que era e, atualmente, ela guia a minha vida: eu trabalho com isso, meu namorado trabalha com isso, eu conheci ele por isso, eu estudo isso...Sem Telecomunicações eu não sei o que eu seria. E sem o IFCE, eu não teria conhecido Telecomunicações. Os professores daqui, principalmente os da coordenação do curso, eles são maravilhosos; eles influenciaram muito a minha escolha e me disseram sempre que eu seria capaz de fazer aquilo.

Quando a gente acaba se formando, a gente fica com medo de como é que vai lidar com o mercado, se realmente a gente tá pronto para aquilo, se a gente é capaz de fazer uma engenharia, que é um curso muito difícil. E eles sempre me deram todo suporte. Então, a casa, ela te dá todo suporte; eu tive dificuldades psicológicas e a casa me ofereceu o psicólogo, para realmente me centrar no que eu precisava. Os auxílios me fizeram ter como me informar técnica. Eu sou a primeira pessoa da família a fazer uma graduação, graças ao Instituto. Então, a minha família vai realmente mudar socialmente, graças ao Instituto Federal. Então eu tenho só agradecer. Eu não seria essa pessoa que agora trabalha, que ganha um bom salário, que vai conseguir fazer uma graduação para a família, se não tivesse entrado para fazer o curso técnico integrado em Telecomunicações, em 2014.

Em três anos e meio, eu virei outra pessoa; uma pessoa madura. Em comparação com as pessoas da minha idade que estão saindo do ensino médio, é uma pessoa totalmente diferente; é uma pessoa que tem uma maturidade, uma consciência do que é o mercado, do que é a vida. Até mesmo no curso de engenharia, só eu e outra menina derivamos do IFCE, e a gente vê a diferença, com a consciência do que a gente tá estudando, com a consciência que aqui você precisa tirar boas notas, mas você também precisa saber que o mercado, o estágio também tem um peso tão bom e tão forte quanto um histórico bom.

P - Muito obrigado pelas suas valiosas contribuições!

Entrevista com a egressa E5TN, do curso técnico integrado em Química, realizada em 21 de novembro de 2018, às 10 h, na Sala de Videoconferência do IFCE/Campus Fortaleza, com duração de 19 min e 22 s.

LEGENDAS:

P = Pesquisador

E - Egresso(a)

1. Apresentação do(a) entrevistado(a):

- a) identificação: E5TN
- b) idade: 21 anos
- c) estado civil: solteira
- d) ano de conclusão do curso técnico: 2016
- e) ocupação atual: estudante de Engenharia Química e estagiária de uma empresa de pesquisa agropecuária

2. ANTES DO INGRESSO NO IFCE

P - Inicialmente, gostaria de pedir que você falasse um pouco sobre suas origens e sobre suas experiências estudantis durante o ensino fundamental

E – Bom, com relação à minha vida acadêmica, eu sempre estudei em escola particular. A minha mãe é ex-aluna do Instituto, então, ela me incentivou muito. Ela sempre estava muito envolvida nessa área academia, por isso ela trouxe muito isso para mim. Aí, eu acho que foi mais ou menos isso. Eu sempre tive um bom convívio com a minha família e eu acho que foi ela que me impulsionou muito a chegar onde eu estou.

P - Como se deu o processo seletivo para ingresso no curso técnico (motivações, preparação, dificuldades, expectativas)?

E - Antes de eu entrar no IFCE, eu não tinha nenhuma noção do que eu queria fazer. Todo mundo tem aquela ideia de que quer fazer Medicina ou Direito. Só que eu tava muito, assim, indo com a massa... e aí, como a minha mãe e o meu pai também são ex-alunos, a minha mãe me incentivou muito a entrar aqui, porque ela sabe que o IF iria me ajudar e, de fato, me ajudou muito, atualmente. Tive apoio dos amigos quando eu tomei essa decisão, mas partiu, acho que principalmente da minha mãe; com certeza, foi ela que me incentivou muito.

Eu achava que não ia me enquadrar aqui, porque a gente tem muito a ideia de que quem estuda instituição federal são aquelas pessoas muito sérias, então, eu achava que, tipo assim, eu não ia me encaixar. Só que foi muito legal; foi uma ótima experiência. O IF foi, com certeza, um divisor de águas entre o antes e o depois. E foi ótimo! Eu realmente achava que ia trazer para mim (e trouxe!) o que eu imaginava, que foi o encaminhamento acadêmico e profissional, também porque o curso que eu fiz aqui me fez escolher a profissão que eu pretendo ser.

3. DURANTE A REALIZAÇÃO DO CURSO NO IFCE

P - Relembre, por favor, as suas primeiras experiências como aluno do IFCE e as impressões iniciais que teve sobre a instituição.

E - Quando eu entrei aqui foi tudo muito novo. Como eu estudei numa escola onde tudo era muito mais rígido, então, aqui eles dão muito liberdade para você, tipo: você pode ir à aula ou não; o professor não tá ali segurando você... então, você ver de tudo: pessoas andando pelos corredores, você tem muita liberdade aqui. Eu acho que isso trouxe para mim muito uma ideia de responsabilidade, trouxe para mim um amadurecimento nesse ponto, porque eu tinha a noção de que se eu quisesse ter um sucesso, se eu quisesse crescer aqui dentro e querer levar isso lá para fora, isso me trouxe muita a responsabilidade: eu sou responsável pelo que eu pratico.

P - Quais foram os principais desafios vivenciados no processo de ensino-aprendizagem (assimilação dos conteúdos, convivência com os colegas e professores)?

E - Eu senti muita dificuldade de me adaptar nesse ponto, porque como eu estudei em escola particular, onde as coisas são muito dadas e aqui você tem que correr muito atrás, eu senti, no início, um pouquinho de dificuldade. Só que é uma coisa que você vai se adaptando, porque, assim, as pessoas aqui entram, geralmente, numa faixa de 15 a 16 anos, então, tem o pessoal que ainda tá crescendo, tá desenvolvendo maturidade ainda para o meio acadêmico e tudo mais, mas tipo, dá para sobreviver, vai passar (risos).

Os professores eu avalio da melhor forma possível, principalmente, a coordenadora do meu curso; ela era maravilhosa! Os professores, eu sempre achei eles muito preparados, muito coerentes. Assim... eles ajudam muito a gente a se desenvolver aqui dentro. Foi maravilhoso; uma experiência ótima, porque os professores daqui são incríveis! Tem muitos professores aqui que me inspiraram muito na vida. Eu acho que é isso, assim, eu só tenho coisas boas pra dizer.

Em relação aos colegas de sala, no início, eu tive algumas dificuldades, porque, na verdade, eu tinha entrado num outro IF e aí eu transferi para cá; então, eu já peguei meio que o carro andando... Só que, hoje em dia, eu tenho amizades que se formaram dentro do IF e hoje eu carrego para vida. Sempre tem uma ou outra questão, pois nem sempre se agrada a todos, mas no geral, foi bem legal. Eu consegui até ser incluída nessa parte do esporte, e as amizades que o esporte me trouxe também foi para vida. Então, você conhece muitas pessoas diferentes aqui dentro; aqui é heterogêneo.

P - Relacione, por favor, os apoios institucionais com os quais você pôde contar durante o curso (bolsas de assistência estudantil, acompanhamento psicopedagógico, programas de nivelamento/monitoria...) e destaque a sua importância para que você concluísse o curso.

E - Importância total, porque quando você vem para cá... e eu tinha que me deslocar; às vezes eu passava o dia aqui, porque eu tinha que estar no laboratório. Tem que ter alguma coisa para almoçar. Aqui tem a merenda, né, eles oferecem. Mas almoço...às vezes eu ficava aqui até às 9 h da noite e, por isso, a gente tinha que ter esse auxílio. E, também, para meios acadêmicos, né!? Às vezes a gente tem que fazer alguma coisa, um relatório, um trabalho, um artigo... Então esse auxílio, realmente, ajudou bastante. (Eu recebi o auxílio-óculos auxílio-alimentação e auxílio-transporte).

Em relação ao apoio psicológico, apesar de nunca ter feito uso, eu tenho amigos que utilizaram. Também tem auxílio, acompanhamento médico; tem uma pequena salinha com enfermeira, com medicamentos que eu já fiz uso. Então, assim, eu acho bem preparado, porque eu já estudei em locais que não tinham isso e, por isso, eu acho que faz toda a diferença.

P - Para além da sala de aula, a quais espaços/atividades/experiências

escolares você teve acesso (aulas de dança, momentos recreativos, palestras, esportes, laboratórios, biblioteca, aulas prática/de campo, etc)?

E - Para mim, a maior de todas, com certeza foi a nataação. Eu ingressei, mais ou menos, no meio do curso, então, eu fiz parte da equipe de nataação daqui; consegui viajar, fui para fora do Nordeste e, assim, a gente ganhou o campeonato. Com certeza, me ajudou bastante com o auxílio bolsa-atleta. Isso também me trouxe tanto a questão de consciência corporal, de que você tem que cuidar da sua saúde, tanto na parte acadêmica. O IF não é só a parte acadêmica, porque eu acho que aqui você forma pessoa, então, eu acho que é importante, não só essa questão acadêmica, mas também, esporte.

Experiência cultural teve a JAC, a gente participou também (infelizmente não ganhamos!). É uma semana cultural daqui, onde todos os semestres vão se reunir e cada semestre preparar alguma coisa: dança, teatro, canto, enfim, e aí eles apresentam, competem para ver quem vai ser o um grande vencedor. Eu acho que essa foi uma experiência muito boa também. Eu guardo muitas boas lembranças desse momento.

P – Fale, por favor, sobre as expectativas/anseios que você tinha ao final do curso quanto à sua inserção profissional.

E – Assim, quando foi chegando perto do fim do curso, foi dando aquela nostalgia, porque quando você tá fazendo você sempre fica louco para terminar, mas quando finalmente acaba, você fica meio assim...Eu, principalmente, tive aquele baque de, tipo, eu preciso entrar numa faculdade, porque na época eu não tinha prestado o ENEM, nunca na vida. Então eu comecei a ficar um pouco preocupada, até porque eu tinha a experiência da parte voltada para o meu curso, porque o meu curso é muito voltado para uma área só, no meu caso, foi Química. Então eu fiquei muito preocupada com outras áreas; eu sabia que o IF já tinha me preparado, os professores já tinham falando sobre isso, então, eu acho que me deram um pouco de calma para que eu pudesse seguir nesse próximo passo, assim que eu saísse daqui.

3. APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO

P - Gostaria de ouvi-lo falar um pouco sobre o seu percurso profissional/acadêmico, após a conclusão do curso, e sobre as principais dificuldades enfrentadas

E - Quando eu egresssei, né, quando eu saí da instituição... (eu acho que quando você tá dentro do curso, a Instituição ela lhe dá todo o suporte; ela vai lhe encaminhando, mas depois que você sai, é meio que assim: “agora você trilhe seu caminho; eu te trouxe até aqui e agora você segue sozinho). Mas, assim, graças a Deus, depois que eu terminei, eu consegui ingressar direto na faculdade, então isso já me deu um pouco de calma, pois eu consegui entrar no curso que eu queria. Então eu me considerei muito abençoada por isso.

Hoje em dia, com certeza, a experiência que eu tive no IF, antes de entrar na instituição onde eu estudo atualmente, me trouxe muito dessa maturidade (a instituição onde eu estudo atualmente também dá muita liberdade para o aluno). Então, me trouxe muito dessa maturidade para que eu pudesse não ser muito relapsa, porque às vezes acontece, né, de você sair de uma instituição onde tudo é dado para você, e aí você chega numa instituição onde você tem que correr atrás de tudo. Então, eu já tinha muito dessa maturidade; me ajudou bastante lá.

Hoje em dia, o técnico me abriu muitas portas, com certeza. A empresa onde eu estagio hoje me contratou por causa desse técnico, porque, com certeza, uma formação pelo IFCE tem um certo peso, né!? Então, me ajudou muito.

P - E como você percebe os rumos profissionais/acadêmicos tomados pelos seus colegas de curso técnico?

E - A maioria deles também entraram em instituições públicas, depois que saíram daqui. Alguns foram para outras áreas, resolveram entrar logo para o mercado de trabalho, mas a maioria deles, com certeza (porque o IF também traz muito disso: incentiva você a trabalhar, mas também, a continuar nessa área acadêmica). Então, a maioria deles conseguiram se manter, mais ou menos, balanceado um pouco de acadêmico com um pouco de trabalho.

P - Para finalizar, peço que fale sobre importância que você atribui à formação recebida no curso técnico para a sua trajetória de vida e para sua realização pessoal...

E - Eu acho que a formação daqui é importantíssima; eu aconselho todo mundo a se formar aqui, porque, realmente, o IF é uma instituição que forma você como pessoa, como profissional, traz valores éticos... forma você para ser um ser humano melhor, não só um profissional. Eu acho que traz muito dessa humanização da pessoa. É a melhor instituição.

P - Muito obrigado pelas suas valiosas contribuições!

Entrevista com o egresso E6TV, do curso técnico integrado em Química, realizada em 22 de novembro de 2018, às 9 h, na Sala de Videoconferência do IFCE/Campus Fortaleza, com duração de 19 min e 50 s.

LEGENDAS:

P = Pesquisador

E- Egresso(a)

1. Apresentação do(a) entrevistado(a):

- a) identificação: E6TV
- b) idade: 20 anos
- c) estado civil: solteiro
- d) ano de conclusão do curso técnico: 2018
- e) ocupação atual: auxiliar de laboratório em uma fábrica

2. ANTES DO INGRESSO NO IFCE

P - Inicialmente, gostaria de pedir que você falasse um pouco sobre suas origens e sobre suas experiências estudantis durante o ensino fundamental.

E - A origem da minha família é toda interiorana; meus avós vieram do interior, e quando eles chegaram aqui, eles fincaram suas raízes, passando só temporadas, como férias no interior, sendo que meu pai é de Caucaia e minha mãe, de Fortaleza. E as minhas percepções do Ensino Fundamental foram boas. Eu passei todo ensino fundamental na rede privada e os professores passaram um bom conteúdo, de forma bem esclarecedora.

P - Como se deu o processo seletivo para ingresso no curso técnico (motivações, preparação, dificuldades, expectativas)?

E – Bem... as minhas experiências antes de vir para cá, as expectativas que me trouxeram até aqui se fundamentaram, mais ou menos, quando eu estava no nono ano. Eu tive um professor de Química que pegou muito no meu pé (risos) no quesito da Química. Ele viu que eu tinha um certo potencial para a área e sempre me questionava mais sobre isso, me pressionava mais sobre esse assunto. Então eu fui estudando mais, gostando cada vez mais desse assunto e, no final do meu nono ano, surgiu a possibilidade de fazer o IFCE. Meu avô fez IFCE, meu tio fez IFCE e eu quis seguir a tradição da família. Aí juntou essa parte de querer entrar aqui por essa relação da minha família, de querer seguir essa linhagem e com a possibilidade de fazer um curso na área da química. Então, eu escolhi a química e vim para cá.

3. DURANTE A REALIZAÇÃO DO CURSO NO IFCE

P - Relembre, por favor, as suas primeiras experiências como aluno do IFCE e as impressões iniciais que teve sobre a instituição.

E – Bem... as minhas primeiras impressões aqui no IFCE foram, no mínimo, inusitadas. Como eu vim da rede particular e o colégio de onde eu vim era bastante rígido nas regras, era tudo bem fixado; você não tinha muitas possibilidades de interação dentro do ambiente escolar: era da entrada para dentro da sala de aula e da sala para fora. Aqui, no primeiro momento que eu entrei aqui, que foi o momento que teve o trote, né, quando eu me deparei com o pessoal me tirando da sala e me levando lá para o pátio, e quando terminou o trote lá eu não sabia se ia ter aula, se não ia. Eu perguntei para os alunos, né, porque lá no colégio tinha aquela estrutura rígida e todas as informações eram bem definidas... quando eu perguntei para o pessoal, disseram: “cara, se tu quiser ir embora pode ir; aqui é liberado; aqui você é livre!”. Então eu procurei informação com um professor (vou ficar na sala aguardar o professor e, se ele aparecer, eu pergunto a ele). Eu fiquei lá e ele me confirmou: “vai ter aula normal; você pode ficar aqui, tudo bem”. Assim, foi um baque; eu vim de uma estrutura rígida para uma estrutura tão flexível como a do IFCE, que dá tanta liberdade para os seus alunos.

P - Quais foram os principais desafios vivenciados no processo de ensino-aprendizagem (assimilação dos conteúdos, convivência com os colegas e professores)?

E – Então, os meus desafios enfrentados dentro do curso foram, principalmente, voltados ao conteúdo. Algo assim que ficava bem notório dentro dos alunos era que, quanto mais bem qualificado era o professor, mais difícil era o repasse que ele tinha do conteúdo para gente. Às vezes, era uma linguagem muito específica, um método muito calcificado, muito rígido, que não abria muitas possibilidades pra gente ter uma interação, por exemplo, com práticas, levar uma prática para dentro da aula, levar a gente para uma visita técnica, pra gente ver aquele negócio na prática. Era aquele negócio muito rígido, aquele esquema: trazer o conteúdo, apresentar no slide, passar uma prova e acabou. Eu tinha uma dificuldade com relação a isso, em relação ao conteúdo. Mas com relação aos colegas, não! Nossa turma, os meus colegas da turma sempre foram, como posso dizer... amigáveis; eles eram bem espontâneos, se notava uma amizade sincera entre eles e

cada um se ajudava quando chegava o período de prova. Todo mundo se reunia: “vamos estudar junto, vamos ver esse conteúdo aqui, se alguém tem alguma dúvida...”. A gente era bem unido com relação a isso. E com relação ao conteúdo, que eu disse anteriormente, tem professores que tem essa dificuldade de repassar o conteúdo, mas outros, eles me passaram muito bem. Teve professores que estavam com alunos que faziam licenciatura... aí eles foram para nossa sala, como uma espécie de experiência para eles. Aí eles levaram práticas pra gente, experimentos para dentro da sala e isso fez com que o conteúdo ficasse bem concretizado na nossa cabeça. Tanto é que, até hoje, eu ainda não esqueci.

P - Relacione, por favor, os apoios institucionais com os quais você pôde contar durante o curso (bolsas de assistência estudantil, acompanhamento psicopedagógico, programas de nivelamento/monitoria...) e destaque a sua importância para que você concluísse o curso.

E – Bem... com relação a essa ajuda dos familiares para eu vir para cá, para eu me manter aqui, ela sempre foi tranquila. Não teve necessidades extremas, sabe? Sempre que eu precisava meu pai ou minha mãe me auxiliavam ali. Me cediam o dinheiro para a passagem, para uma merenda. O problema de não ter recebido a bolsa, no meu caso específico (eu sei que para tantos outros alunos não é bem assim) mas, no meu caso, não foi tão problemático assim, prejudicial.

P - Para além da sala de aula, a quais espaços/atividades/experiências escolares você teve acesso (aulas de dança, momentos recreativos, palestras, esportes, laboratórios, biblioteca, aulas prática/de campo, etc)?

E - Eu tive a oportunidade de várias experiências; tive a oportunidade de experiências com ciclo de palestras organizados por professores; minicursos divulgados aqui no IFCE, que eu tive o prazer de participar (e cursos de carga horária bem considerável: 160 horas, 120 horas. Tive prazer de aqui praticar muitos esportes e, quando eu saí daqui, eu percebi que esse embasamento que eles me deram desses esportes, no mundo lá fora, para as pessoas mais leigas, eles me viam como um profissional daquele esporte. Tive o prazer de praticar aqui capoeira, praticar basquete, praticar natação... e nisso eles dão um embasamento bastante considerável. Às vezes, você ficava na dúvida enquanto tava fazendo aquilo, porque o professor deixava você muito livre; ele dava a base e deixava você praticar. Talvez tenha sido esse o diferencial que me deu na parte externa do IFCE. Mas, com relação a esportes, foi isso. Com relação ao conteúdo, foram os minicursos e com relação à cultura, foi a cultura que eu adquiri aqui, vivendo este espaço tão aberto, de tão livre expressão: pessoas de todos os gêneros, todas as escolhas sexuais, com as suas liberdades aqui dentro... aprendi a respeitar mais as pessoas. Eu, por vir de um ambiente tão rígido, como era o do meu antigo colégio, minha mente era muito fechada com relação a essas coisas. Depois que eu entrei aqui, eu vi pessoas de dentro da minha própria sala que eram heterossexuais virarem homossexuais, me deparando com essa situação... Isso é bem enriquecedor; você aprende a respeitar mais as pessoas, como pessoas, e não pelas suas escolhas pessoais.

P – Fale, por favor, sobre as expectativas/anseios que você tinha ao final do curso quanto à sua inserção profissional.

E – A minhas expectativas ao final do curso, elas foram boas. Quando eu terminei o curso, eu me deparei com a situação de fazer o ENEM e prosseguir fazendo uma faculdade de engenharia, bacharelado (por eu ter a vontade de ser um pesquisador). Me deparei também com a situação de poder entrar diretamente no mercado de trabalho; me

deparei com a situação de, pelo curso me abrir horizontes, eu vi a possibilidade de fazer outros cursos que viessem a agregar mais valor à minha área. Então ele me abriu minha mente para isso; me deu bastantes oportunidades esse curso.

3. APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO

P - Gostaria de ouvi-lo falar um pouco sobre o seu percurso profissional/acadêmico, após a conclusão do curso, e sobre as principais dificuldades enfrentadas

E – Bem... quando eu saí efetivamente eu fiz o ENEM (eu ainda tava aqui dentro; tava tentando conciliar ENEM com a curso e com o estágio do laboratório). Aí, porventura, não deu tempo de eu pegar mais no ENEM e acabei não me dando tão bem na prova quanto eu queria. Então, nesse ano eu tive que fazer um curso preparatório para o ENEM e fiquei procurando emprego, já que não tinha condição de eu ficar dando custos aos meus pais ainda. E, procurando emprego, eu tive a sorte de encontrar um emprego lá nessa fábrica onde eu tô trabalhando atualmente. Eu encontrei pela internet; mandei meu currículo para lá e, em questão de três dias, eles me retornaram e me chamaram para entrevista. Isso foi em setembro deste ano; fui contratado e tô lá até agora.

P - E como você percebe os rumos profissionais/acadêmicos tomados pelos seus colegas de curso técnico?

E - Os meus colegas de turma, dos que eu tenho conhecimento, a grande maioria enraizou para o setor acadêmico; a maioria dos que conheço estão fazendo universidade. Tem alguns fazendo Química/bacharelado; alguns fazendo Engenharia Química ou fazendo Química/licenciatura, sempre nessa área de Química; eles não saíram muito disso, dessa vertente. Mas tem alguns que estavam na mesma situação que eu tô: em casa fazendo um curso preparatório, tentando se preparar para o ENEM. E teve alguns, também, que estão fazendo concurso, tentando entrar em concurso, e teve um que teve a felicidade de passar no concurso da Marinha; é aprendiz de marinho.

P - Para finalizar, peço que fale sobre importância que você atribui à formação recebida no curso técnico para a sua trajetória de vida e para sua realização pessoal...

E - A importância desse curso na minha vida foi crucial! Esse curso, como eu disse, ele me abriu horizontes; ele abriu a minha mente. E eu vejo, por situações de familiares meus, que seguiram fazendo só o ensino médio, que ele é um divisor de águas para quem faz: você é alguém antes de entrar no IFCE, e você é outra pessoa depois que você sai, tanto profissionalmente quanto pessoalmente, culturalmente... Você nunca sai daqui do jeito que você entra. Você sai diferente, completamente; ele é um curso que lhe abre portas... para mim ele foi um divisor de águas. Eu vejo que, talvez, se eu não tivesse feito ele, eu estaria ainda fazendo um preparatório, tentando entrar em uma universidade e em busca de um emprego, ainda que seria bem complicado de conseguir só com ensino médio.

P - Muito obrigado pelas suas valiosas contribuições!

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. APRESENTAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A):

- a) nome:
- b) idade:
- c) estado civil:
- d) ano de conclusão do curso:
- e) ocupação atual:

2. ANTES DO INGRESSO NO IFCE

P - Inicialmente, gostaria de pedir que você falasse um pouco sobre suas origens e sobre suas experiências estudantis durante o ensino fundamental

P - Como se deu o processo seletivo para ingresso no curso técnico (motivações, preparação, dificuldades, expectativas)?

3. DURANTE A REALIZAÇÃO DO CURSO NO IFCE

P - Relembre, por favor, as suas primeiras experiências como aluno do IFCE e as impressões iniciais que teve sobre a instituição.

P - Quais foram os principais desafios vivenciados no processo de ensino-aprendizagem (assimilação dos conteúdos, convivência com os colegas e professores)?

P - Relacione, por favor, os apoios institucionais com os quais você pôde contar durante o curso (bolsas de assistência estudantil, acompanhamento psicopedagógico, programas de nivelamento/monitoria...) e destaque a sua importância para que você concluisse o curso.

P - Para além da sala de aula, a quais espaços/atividades/experiências escolares você teve acesso (aulas de dança, momentos recreativos, palestras, esportes, laboratórios, biblioteca, aulas prática/de campo, etc)?

P - Fale, por favor, sobre as expectativas/anseios que você tinha ao final do curso quanto à sua inserção profissional.

4. APÓS A CONCLUSÃO DO CURSO

P - Gostaria de ouvi-lo falar um pouco sobre o seu percurso profissional/acadêmico, após a conclusão do curso, e sobre as principais dificuldades enfrentadas.

P - E como você percebe os rumos profissionais/acadêmicos tomados pelos seus colegas de curso técnico?

P - Para finalizar, peço que fale sobre importância que você atribui à formação recebida no curso técnico para a sua trajetória de vida e para sua realização pessoal...

P - Muito obrigado pelas suas valiosas contribuições!

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO ONLINE

PESQUISA COM EGRESSOS DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ - IFCE

ANTES DE COMEÇAR A RESPONDER AO QUESTIONÁRIO, VOCÊ DEVERÁ LER ATENTAMENTE O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE E, CASO CONCORDE COM ELE, PODERÁ PROSSEGUIR COM O PREENCHIMENTO DESTES FORMULÁRIO. *Obrigatório

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título da pesquisa: MARCAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE EGRESSOS DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ/CAMPUS FORTALEZA EVIDENCIADAS EM UM DOCUMENTÁRIO

Responsável pela pesquisa: Francisco das Chagas Torres de Oliveira (aluno vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, do Instituto Federal do Ceará – IFCE)

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo de dar seu aceite, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

A pesquisa parte do pressuposto de que o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional tem possibilitado a transformação das condições de vida de muitos jovens, permitindo-lhes obter uma vida mais digna, ainda que estejam inseridos em uma sociedade marcada por injustiças e desigualdades no tocante ao acesso a um ensino de qualidade e oferta de condições de permanência e êxito a estudantes oriundos de realidades socioeconômicas diversificadas, aos quais também, muitas vezes, é negada a inclusão no mundo do trabalho, mesmo que tenham obtido boas qualificações profissionais.

Nessa perspectiva, objetiva-se, além de mapear percursos profissionais/educativos dos egressos dos cursos técnicos integrados de Mecânica Industrial, Química e Telecomunicações/Campus de Fortaleza, produzir um documentário sobre as histórias de vida de alguns desses sujeitos, destacando os sentidos que eles atribuem à formação recebida para o desenvolvimento de suas trajetórias de vida profissional e para sua emancipação.

PROCEDIMENTOS

Participando do estudo você está sendo convidado a contribuir com o preenchimento de um questionário composto de 18 questões, em sua maioria objetivas, cujo dispêndio de tempo, estima-se, não deve ser superior a 20 minutos.

DESCONFORTOS E RISCOS

Você não deve participar deste estudo se as perguntas a serem respondidas trouxerem à tona lembranças de experiências dolorosas de sua vida e não se sinta confortável para comunicá-las, por lhe causarem algum tipo de sofrimento psíquico/emocional ou constrangimentos de ordem moral, intelectual, social ou cultural. Você poderá, a qualquer momento, desistir de participar da pesquisa ou escolher uma outra ocasião para dar continuidade ao preenchimento do formulário.

BENEFÍCIOS

Participando da pesquisa, você terá a oportunidade de fornecer informações relevantes para estudos posteriores sobre o acompanhamento de egressos do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica - EPT, além de contribuir para promoção e defesa dessa forma de oferta de ensino que, acredita-se, tenha um papel fundamental para transformação das vidas de muitos homens e mulheres que compõem a diversificada sociedade brasileira.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA

Você disporá de assistência do pesquisador para apoio e esclarecimento de quaisquer dúvidas que venham a surgir antes, durante e após o desenvolvimento da pesquisa, bem como terá o direito de fazer as reclamações, críticas e sugestões que considerar convenientes.

SIGILO E PRIVACIDADE

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO

Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

CONTATOS

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador Francisco das Chagas Torres de Oliveira, 08:00hs às 12:00hs e das 13:00hs às 17:00hs no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus de Fortaleza (Departamento de Ingressos) situado à Rua 13 de Maio, 2081 – Benfica, Fortaleza – CE, 60040-531; fone: (85) 99211-1248, e-mail: francisco.torres@ifce.edu.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFCE das 08:00hs às 12:00hs e das 13:00hs às 17:00hs no IFCE Reitoria - R. Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426; fone (85) 34012332 e-mail: cep@ifce.edu.br.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito dela participar.

RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Nome do pesquisador: Francisco das Chagas Torres de Oliveira

Concorda?

1. Você concorda com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que acabou de ler? * *Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim *Ir para a próxima pergunta.*
☐ Não *Ir para "Não concorda".*

2. Não concorda

Como você não concorda, o questionário não poderá ser respondido.
 Obrigado pela sua atenção e compreensão!
(Pare de preencher este formulário)

• DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- Qual seu nome? *

- Qual sua idade? *

- Sexo: **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Masculino
☐ Feminino
☐ Outro

- Qual curso técnico você concluiu no IFCE? * *Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Técnico Integrado em Mecânica Industrial
☐ Técnico Integrado em Química
☐ Técnico Integrado em Telecomunicações

- Em qual ano você concluiu o curso? *

QUESTÕES DE 1 A 8

1. Qual sua ocupação atual? *

2. Em qual município e estado você reside? *

3. Qual o grau de instrução do seu pai? * *Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Não teve acesso ao ensino formal
☐ Ensino Fundamental completo
☐ Ensino Fundamental incompleto
☐ Ensino Médio completo
☐ Ensino Médio incompleto
☐ Ensino Superior completo
☐ Ensino Superior incompleto
☐ Pós-Graduado

4. Qual o grau de instrução da sua mãe? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Não teve acesso ao ensino formal
☐ Ensino Fundamental completo
☐ Ensino Fundamental incompleto
☐ Ensino Médio completo
☐ Ensino Médio incompleto
☐ Ensino Superior completo
☐ Ensino Superior incompleto
☐ Pós-Graduada

5. Você fez o Ensino Fundamental:

* *Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Todo em escola pública
☐ Todo em escola privada
☐ Uma parte em escola pública e outra em escola privada

6. Qual a foi a sua opção de ingresso no curso técnico integrado que concluiu?

** Marcar apenas uma oval*

☐

Ampla concorrência

☐

Cota para candidatos com deficiência autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, que tenham renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escolas públicas

Cota para candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escolas públicas

☐

Cota para candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escolas públicas

Cota para candidatos com deficiência autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escolas públicas

☐

Cota para candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escolas públicas

☐

Cota para candidatos com deficiência que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escolas públicas

☐

cota para candidatos que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escolas públicas

7. Como você se manteve durante a realização do curso? ** Marque todas que se aplicam.*

☐

Com a ajuda financeira de familiares

☐

Com trabalho remunerado

☐

Com bolsa/auxílios de assistência estudantil

☐

Com outro tipo de ajuda financeira

8. Participou de atividades extraclasse, projetos de pesquisa/extensão, estágio, monitoria ou de outras atividades correlatas promovidas pelo IFCE?

** Marcar apenas uma oval.*

☐

Sim

☐

Não

QUESTÕES DE 9 A 18

9. Em uma escala de 1 (muito ruim) a 5 (ótimo), avalie o Instituto Federal do Ceará – Campus Fortaleza quanto aos seguintes aspectos:

- Infraestrutura oferecida

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

- Preparo técnico/pedagógico dos professores *Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

- Adequação das disciplinas em relação às demandas do mundo do trabalho. *Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

- Programas e bolsas de assistência estudantil disponibilizados. *Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

- Acompanhamento após a conclusão do curso e apoio no processo de inserção no mundo do trabalho **MARCAR apenas uma oval.*

2	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

10. Qual nível de aproximação da sua área de formação técnica com sua ocupação atual? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Elevado
☐ Baixo
☐ Mediano
☐ Inexistente

11. Na sua opinião, há algum diferencial no ensino oferecido pelo Instituto Federal do Ceará em relação a outras instituições de ensino que você conhece? Favor especificar.

12. Quanto às contribuições do curso técnico integrado concluído no IFCE para sua trajetória de vida: ** Marque todas que se aplicam.*

Possibilitou a conquista de um emprego	Colaborou para escolha de outra carreira	Promoveu sólida formação humana, baseada em valores éticos, estéticos, políticos e sociais	Promoveu uma elevada aprendizagem teórica e prática	Promoveu um grande grau de relevância para minha trajetória de vida
Sim	☐	☐	☐	☐
Não	☐	☐	☐	☐

13. De uma maneira geral, qual o seu grau de satisfação em relação à formação recebida no IFCE? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Satisfeito
☐ Pouco satisfeito
☐ Insatisfeito
☐ Muito satisfeito

14. Se você concluiu ou está fazendo algum curso superior, qual a relação dele com o curso técnico que você fez no IFCE, em uma escala de 1(nenhuma) a 5(total)? *Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

15. Você fez/preende fazer algum outro curso no Instituto Federal do Ceará? Em caso afirmativo, escolha uma das opções: *Marque todas que se aplicam.*

- ☐ curso técnico
☐ curso superior
☐ curso de extensão
☐ curso de pós graduação
☐ outro:

16. Em uma escala de 1 (nenhuma importância) a 5 (elevada importância), qual grau de relevância você atribui à formação recebida no curso técnico integrado para a sua trajetória de vida e sucesso profissional? ** Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

17. Caso você tenha interesse em participar da produção de um documentário sobre o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica, poderia

fazer um breve relato de sua história de vida relacionando-a com suas vivências formativas dentro do IFCE?

18. Na hipótese de você ter respondido afirmativamente à pergunta anterior, favor informar os seus contatos (fone e e-mail) para comunicações posteriores, caso seja selecionado(a) para participar do documentário a ser produzido.

Muito obrigado pela sua participação!